

fundamentos



**NARDO
INCI**

**1452
1952**

O DA "SEMANA DE 22"

RIVADAVIA MENDONÇA



Í N D I C E

Editorial — Leonardo — Afonso Schmidt	3
Leonardo da Vinci — Paul Valery	5
Universalidade de Leonardo da Vinci Professor Edoardo Bizarri	6
Engels e o Renascimento — Trecho da "Dialética da Natureza"	7
A Exumação da "Semana de 22" — Rivadavia Mendonça	8
Poemas alemães de paz — Tradução de João Accioli	11
..... e os planos de guerra — João Menezes Campos	12
Augusto Pinto — Hélio Penna Malta	14
O Ballet Soviético — Iris Morley	16
Retrato de Pávlov — Otávio Araujo	18
A vida e a obra de Pávlov — João Belline Burza	19
Tendências do Cinema Americano — John Alexander	21
O incêndio de Moscou — S. Kojukhov	23
Cientistas ou colaboracionistas? — Newton de Abreu	25
A Bahia e os brasileiros — Eunice Catunda	28
Notas e Notícias	29
Euclides da Cunha e a greve — Gonçalves Machado	32

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparício Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Bráulio Pedroso
Caio Prado Júnior
Clovis Graciano
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Graciliano Ramos
Gonçalves Machado
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolas Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Rui Barbosa Cardoso
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio
DIRETOR PROPRIETARIO
Rui Barbosa Cardoso
REDATOR CHEFE
Afonso Schmidt

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º andar — Sala 96 — São Paulo — Brasil

Carta ao Leitor

Prezado leitor:

A correspondência que recebemos ultimamente de todo o Brasil, e em particular de São Paulo, é bem a prova do interesse que despertam os artigos que publicamos, nos mais diversos setores da opinião pública.

Aumenta o círculo dos nossos leitores, cresce o prestígio e a repercussão da nossa revista.

De montevidéu, de Buenos Aires, recebemos cartas pedindo números atrasados que já não é possível encontrar ali. Na União Soviética, em meio às festivas comemorações que marcaram a passagem do quinto centenário do nascimento de Leonardo, a Rádio de Moscou incluiu em seus programas a leitura do editorial do nosso último número, referente ao mestre florentino. E de toda parte nos chegam críticas e sugestões, pedidos de assinaturas.

Todas estas vitórias de FUNDAMENTOS, que nos enchem de regosijo, são vitórias dos seus leitores. E não poderia ser de outro modo, tratando-se de uma publicação progressista que não conta com o apóio dos grandes anunciantes que sustentam a imprensa burguesa.

A partir deste número de abril, mais um dos problemas que ainda emperram o progresso da nossa revista, está resolvido: temos um distribuidor único para todo o país, que facilitará o trabalho e nos permitirá uma circulação mais ampla e mais pontual, pelo menos nos principais centros e nas cidades do interior do Estado.

Resta a questão financeira. FUNDAMENTOS deve sustentar-se apenas da venda avulsa, das assinaturas e da publicidade. Mas esta solução só é viável a longo prazo. Até lá um deficit, embora decrescente, é impossível de evitar.

Eis porque renovamos o nosso apelo: assinem e façam assinar FUNDAMENTOS. Consigam anunciantes para a nossa revista. Formem grupos de amigos de FUNDAMENTOS nas capitais e no interior do Estado e enviem-nos contribuições.

Só com o auxílio efetivo dos nossos leitores poderemos fazer uma revista ainda melhor, mais lida, mais vigorosa, de acôrdo com o que exige e merece o nosso povo.

* * *

leia
assine
divulgue

fundamentos

TRATTATO DELLA PITTURA DI LIONARDO DA VINCI

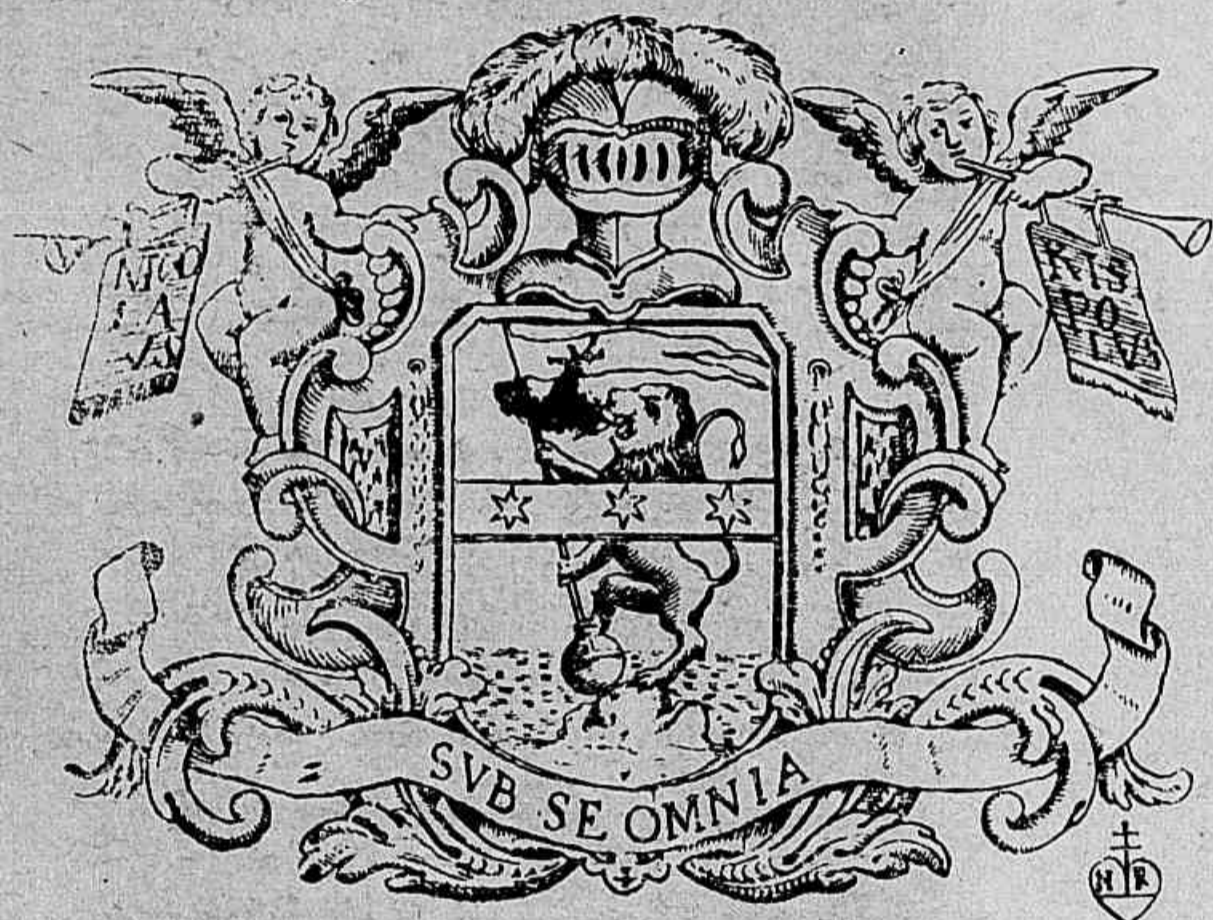
NUOVAMENTE DATO IN LUCE, COLLA VITA
DELL'ISTESSO AUTORE,

SCRITTA

DA RAFAELLE DU FRESNE.

Si sono giunti i tre libri della Pittura, ed il trattato della
Statua di Leon Battista Alberti, colla Vita
del medesimo,

E di nuovo ristampato, corretto, ed a maggior
perfezione condotto.

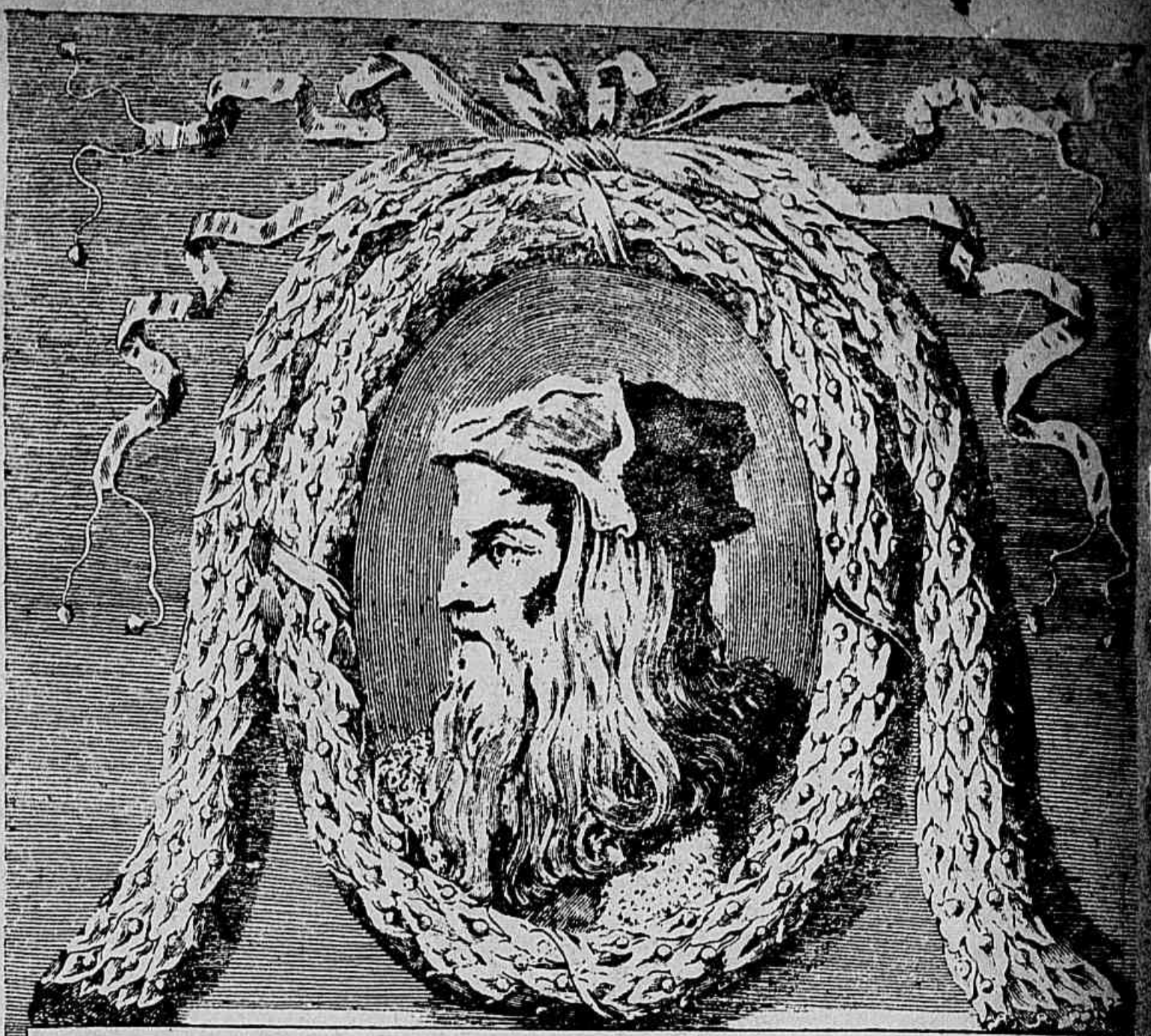


IN PARIGI, Appresso Giacomo Langlois, stampatore ordinario
del Re Cristianissimo, al Monte S. Genovefa M. DC. CI.

Ed IN NAPOLI, Nella Stamperia di Francesco Ricciardo M. DCC. XXXIII.
A spese di Niccola, e Vincenzo Rispoli.

CON LICENZA DE' SUPERIORI.

Facsimile das páginas de abertura da primeira edição italiana do TRATADO DA PINTURA de Leonardo da Vinci, feita em Nápoles no ano de 1733. Trata-se de uma reimpressão da edição francesa de 1651 que traz, além do TRATADO, um estudo de de Rafaele Du Fresne sobre a vida e obra do gênio da Renascença



LIONARDO
DA VINCI
DELLA PITTURA

Fran. Sestini Scul. Napoli

EDITORIAL

LEONARDO

AFONSO SCHMIDT

Estamos comemorando o V centenário de Leonardo. Seu advento não é festejado em certo dia de certo mês, como os dos outros homens mas enche um ano inteiro. Assim, 1952 nos lembra que há meio milênio, a inteligência humana abriu uma de suas flores tão raras quanto maravilhosas.

Leonardo não é apenas lembrado no burgo de Vinci, onde viu a luz do dia pela primeira vez, ou na douta cidade de Florença, ou ainda na poética região da Toscana, onde o Arno reflete, o céu, as pontes e os salgueiros —mas em todos os Continentes, nos quatro quadrantes do mundo.

Essa imensa seara de louvores tem uma explicação: a universalidade desse homem que, por circunstâncias particulares cujo estudo escapa ao cronista, trouxe do berço uma estrutura excepcional. Suas mãos eram tão poderosas que abriam as pontas de uma ferradura. O cérebro era tão vibrante e claro que ultrapassou vertiginosamente, o mundo de seus dias. Enquanto os homens mais bem dotados conseguem apreender a hora em que vivem, ou mesmo a sua época, com lições sortidas pelo futuro, ele, nos mais variados campos da cultura, encarnou toda a Renascença e, mais do

que isso, foi o precursor da inquietação, da curiosidade científica diante do desconhecido.

Que outros, á luz dos documentos, se encarreguem de contar que Leonardo foi engenheiro, escultor, pintor, poeta, filósofo e músico; anatomista, pesquisador dos mistérios do corpo humano e, ao mesmo tempo, um estudioso daquilo a que hoje chamamos de aviação. E o fantástico é que o florentino, em tudo o que fez, foi desmesuradamente grande, a ponto de, meio milênio depois, neste conturbado ano de 1952, seu nome estar ainda vivo como nos dias em que ele, os de.

dos metidos na leonina cabeleira, passava compridas tardes debruçado sobre as águas do rio, meditando.

Sua existência decorreu ao longo do reinado de oito ou nove papas que, naquele tempo, tinham mãos de ferro. Nasceu em 1452, sob Nicoláu V, logo depois da tomada de Constantinopla por Maomé II. Durante mais de meio século, Leonardo assistiu às de uma cruzada anacronica para retumultuosas tentativas de formação de uma cruzada anacônica para retomar aos turcos a cidade do Bósforo... Conheceu nesse período, que foi quase toda a sua vida, envenenadores, papas que se excomungavam entre si, heréjes, côrtes que estadeavam um luxo incrível enquanto o povo estourava de fome, de peste, nas cidades abandonadas. Admirou Stefano Foscar

e seus companheiros, enforcados por terem sonhado com a república de Roma. E viu a Península talada por exércitos geralmente mercenários que o senhor de uma cidade armava contra outra, submetendo-a aos horrores do assédio, com os indefectíveis traidores que á noite iam entender-se com o inimigo. Um verdadeiro inferno. Quem nele vivia, ria-se da excomunhões e anâtemas, tão abundantes na época, pois os grandes da terra tinham tornado o mundo muito-pior do que as exploradas caldeiras do Pedro Bote-lho...

Foi nesse período de lutas que ele viveu. Outro, com sua inteligência e sua coragem, teria desaparecido sob a púrpura cardinalícia ou sob as águas do rio, com uma punhalada nas costas. Ele não. Nesse inferno religioso, econômico, político, diga-se mesmo indus-

trial, conseguiu manter em respeito todos os que da sua pessoa se aproximavam, fôssem amigos ou inimigos. Trabalhou pela paz, pela concórdia geral, lutando sempre com aquêl estado de desordem que era uma herança da Idade Média.

Pintor, escultor, engenheiro, arquiteto, músico, filósofo, Leonardo foi tudo quanto lhe passou pela cabeça. Mos-trou-se genial em tôdas as artes, em todas as ciências do seu tempo. E grande, principalmente, como representante da espécie, pois sonhou os maiores sonhos da humanidade: estudou as remigies das áves para construir um aparelho de vôar; dissecou cadáveres, o que éra um crime, para conhecer intimamente o corpo humano e roubar ao céu o mistério da vida. Foi químico, indústriar, importador e exportador de minérios — hoje se diria um «business-man». Meteu-se em intrigas principêscas; nas ruas de Milão, deu e recebeu famosas estocadas...

Os conhecimentos do século, que ainda cheiravam á metafisica mediéval, ao passarem pelo seu cérebro de artista, de técnico, de observador realista, tomavam aspêctos nòvos, sempre inspirados na análise. Suas telas representam uma afirmação revolucionária para a época. As Madonas são mulheres do povo, sublimadas. Seus anjos são «putti» bem vitaminados e só vôam por milagre. Aí está «La Gioconda» que sobreviveu aos séculos pelo profundo verismo dos traços, pela rude expressão da paisagem que a circunda. Leonardo foi o gênio que, depois da Idade Média, caçou o espírito humano que voava perdido pelos céus, subjugou-o e amarrou-o ás contingências materiais, econômicas e sociais daquele século em que a América ia nascer, o Pacifico ia ser descoberto e o caminho das Indias ainda se perdia na noite insondável do planeta no ponto em que o firmamento se juntava á terra e as águas do oceano se precipitavam, encachoeiradas, nos abismos do fim do mundo...

Leonardo, com sua arte, ou melhor, com sua ciência, foi o divisor das aguas entre a Idade Média e a Renascença. Sem ele, «a noite de mil anos» teria avançado mais alguns séculos, pois os primeiros livros impressos por Guttenberg e seus sucessores, sob fiscalização clerical, não eram de molde a inaugurar a nova etapa de civilização. A Renascença não partiu da prensa de imprimir, que era pobre e escrava, mas da sua representação humaníssima, do homem, mesmo nos tempos da capital da fé católica, pois Leonardo não levara em conta os canones artisticos recebidos das mãos de seus antecessores. Por isso, foi ele quem a golpes de gênio inagurou os novos caminhos por onde deveria passar a humanidade dos séculos que se seguiriam. Hoje, mais do que nunca, estamos palmilhando uma estrada de entendimento e concórdia onde, por vezes encontramos rastos dourados que datam de há quinhentos anos: são os rastos deixados no mundo por «messer» Leonardo, nascido em Vinci, perto de Florença, nas terras admiráveis da Toscana, onde as pedras da rua são de mármore.

ESTUDO DE PROPORÇÕES



LEONARDO DA VINCI

Trecho do prefácio à edição francesa dos manuscritos de Leonardo, compilados e anotados por Edward Mac Curdy

PAUL VALERY

Estudo para a «Leda» (1506)

Eis aqui um conto maravilhoso no qual tudo é verdadeiro e não apenas verdadeiro, mas verificável. Fosse imaginário e seria um capítulo da mitologia do espírito humano, e o personagem do qual vos falarei se situaria entre os heróis e os semi-deuses da Fabula intelectual. Mas todas as provas de sua prodigiosa existência estão à disposição de quem quer que as exija, e seus altos feitos sob os olhos de quem queira vê-los.

Existiu uma vez. Alguém que podia olhar o mesmo espetáculo ou o mesmo objeto como pintor e como naturalista, como físico e, outras vezes, como poeta; e nem um destes olhares era superficial.

Se interrompia seus passos no campo, contemplando em torno de si, podia analisar a paisagem como artista, apreender-lhe a imagem, os efeitos de sombra e de luz, as perspectivas e as transparências, e meditar sobre a formação deste sítio pela ação das forças naturais concorrentes que fazem de todos os lugares da terra monumentos acidentais dos seus conflitos. Uma pequenina concha encontrada, revelava-lhe os movimentos formidáveis que tornam em montanhas os vales submarinos; e todos os seres vivos excitavam nele como que uma paixão de conceber e de representar a vida. Ninguém jamais se interessou (e ninguém, creio eu, poderia fazê-lo como ele) por todos os aspectos da vida com um ardor de tal modo apoiado pela inteligência: preocupava-se, a um tempo, com as formas, os atos «as atitudes» a estrutura íntima, o funcionamento orgânico do animal e do homem, cujos sistemas de carne e de ossos ele desenhava, dissecava e media; estudava o equilíbrio e as maneiras de caminhar, compunha as expressões, observava tôdas as diferenças de estado, de idade ou de caráter; a criança desde o seio materno, o anelão em seus tímidos movimentos.

Esta quantidade de olhares precisos e de observações claras não se acumulava neste espírito como uma série de aquisições separadas e de conhecimentos especiais classificados por categorias. O tesouro que nele se reunia não era uma soma de verdades que permanecem distintas e extranhas umas às outras. Tôdas estas anotações tão diversas se combinavam incessantemente e, como a variedade dos alimentos se compõe no sangue e na substância única de um ser vivo, elas concorriam para a formação de um só poder intelectual capaz das aplicações e das criações mais imprevisíveis.

Usando indiferentemente o desenho, o cálculo, a definição ou a descrição pela linguagem mais exata, parecia ignorar as distinções didáticas que introduzimos entre as ciências e as artes, entre a teoria e a prática, a análise e a síntese, a lógica e a analogia, distinções de todo exteriores, que não existem na atividade íntima do espírito, quando este se entrega ardentemente a produção do conhecimento que deseja.

Semelhante aos princípios da terra que perseguiram a presa, através de seus domínios, sem se inquietarem com fronteiras ou limites, o homem extraordinário de que vos falo buscava o seu prazer de penetrar e compreender o mistério das coisas, como senhor soberano do intelecto, sem cuidar das categorias que convêm às escolas e ao comum dos espíritos.

Não concebia, enfim, saber verdadeiro ao qual não correspondesse algum poder de ação. Criar, construir, eram para ele indivisíveis de conhecer e compreender.

Esta obra prima de existência harmônica e de plenitude dos poderes humanos leva o nome muito ilustre de Leonardo da Vinci.

Todos sabem o que foi Leonardo que começa por se devotar à pintura, revela-se grande pintor e, de grande pintor, por um inteiro desenvolvimento das pesquisas de sua arte, faz-se grande em tôdas as coisas; passa e repassa da arte plástica à análise mais profunda das formas e de sua geração, do desenho à geometria, à mecânica, à geologia, à anatomia, à dinâmica animal; inventa um sem número de máquinas, oferece-se para construir o que se deseja, fortificar praças de guerra, abrir canais, lançar pontes, levantar represas. sabe ainda organizar grandes espetáculos e festas.



Tudo é maravilha neste homem. O breve retrato de aparência fabulosa que venho de esboçar, nada contém que não seja autêntico. Entretanto, por mais extraordinária que tenha sido a sua carreira, a da sua glória e do seu destino póstumo é talvez ainda mais surpreendente.

Leonardo da Vinci morre em 1519, na idade de 67 anos, célebre em toda a Europa cultivada. Seus quadros admirados por todos marcam uma época da pintura. Não há ninguém acima dele em sua arte, e seus talentos inumeráveis colocam-no à frente de todos os grandes homens de um período brilhante da história italiana.

Deixa atrás de si, e como que à sombra de sua obra de pintor, uma quantidade de estranhos manuscritos que se dispersam. Alguns se perdem; outros são conservados como objetos de curiosidade. São cadernos cobertos de escrita e de desenhos. A escrita é invertida; para lê-la é necessário fazê-la refletir num espelho. Quanto aos desenhos, eles manifestam, antes de qualquer leitura, uma infinidade de preocupações e de pesquisas diferentes misturadas. Figuras geométricas, ou mecânicas, magníficos desenhos de anatomia do homem e do cavalo, projetos de arquitetura, utensílios e armas, personagens em ação, esboços de composições, estudos dos movimentos dos fluidos — que sei eu!

Ora, o exame de mais em mais aprofundado destes fragmentos, dá de seu gênio uma idéia cada vez mais elevada e imponente.

Descobre-se, de início, que é um grande escritor; e mesmo singularmente grande, pois seu estilo é de uma força, de uma precisão, por vezes de uma graça ou de um patético que não pertencem senão a ele.

Na ordem das ciências, aparece como precursor. Em geologia, em hidráulica, seus pontos de vista são previsões, a direção dos seus pensamentos é, frequentemente, aquela mesma por onde avançará a ciência que vai se constituir no século XVII. Ele entrevê e quase formula princípios de mecânica que só poderão ser estabelecidos muito mais tarde.

Nada, enfim, ou quase nada, nestes manuscritos, é referente à sua própria vida. Este tesouro de confidências intelectuais, nada nos oferece dos sentimentos pessoais, das experiências afetivas do autor. Ele ignora a fraqueza das confissões e das jactâncias que encontramos em tantos escritos pretensamente íntimos. Dos seus amores não há senão lendas, e dele mesmo não surpreendemos mais que sublimes ambições e admiráveis segredos que outra coisa não são que segredos do universo.

A UNIVERSALIDADE DE LEONARDO DA VINCI

PROF. EDOARDO BIZARRI

(Adido Cultural do Consulado Italiano de São Paulo)

Entre as grandes expressões do gênio humano — que são de todos os tempos e de todos os países qualquer que seja a época em que viveram e o país em que se manifestaram — a personalidade de Leonardo da Vinci se destaca com um relevo singular que vai além da individualidade prepotente e característica, própria de todo o artista sumo. Alude-se, é claro, a um elemento de qualidade, substancialmente extra-artístico, e não a uma dimensão de grandeza: sendo a arte nas suas máximas expressões um superlativo que não admite escalas de valores e comparações.

Quando se fala da universalidade de Leonardo pensa-se de fato em algo de diverso daquela indispensável capacidade de linguagem universal que é inédita na grande arte e na grande meditação, e é ilimitada amplidão de canto e de pensamento. Pensa-se a uma característica não só do artista, mas de Leo-

nardo homem. É sabido que "homem universal" foi definido Leonardo pela prodigiosa riqueza e versatilidade dos seus interesses espirituais, pelo pujante contemporâneo afirmar-se ao seu gênio em qualquer campo da arte e da pesquisa científica. O músico de trinta anos que se apresenta em 1482 na Corte milanesa de Ludovico, o Mouro, com uma lira de sua construção, é o mesmo homem que não muitos anos depois devia criar o Cenduculo no Convento delle Grazie; o pintor da Gioconda é o mesmo homem que primeiro cientificamente estudou e resolveu os problemas da locomoção aérea e subáqua; é o maior engenheiro hidráulico e militar do seu tempo, o inventor de inúmeras máquinas e novos engenhos; o antecipador de uma série conspícua de pesquisas, intuições e descobertas no campo da geometria, da mecânica, da anatomia, da biologia, da botânica, da geologia, praticamente, de todas as disciplinas científicas.

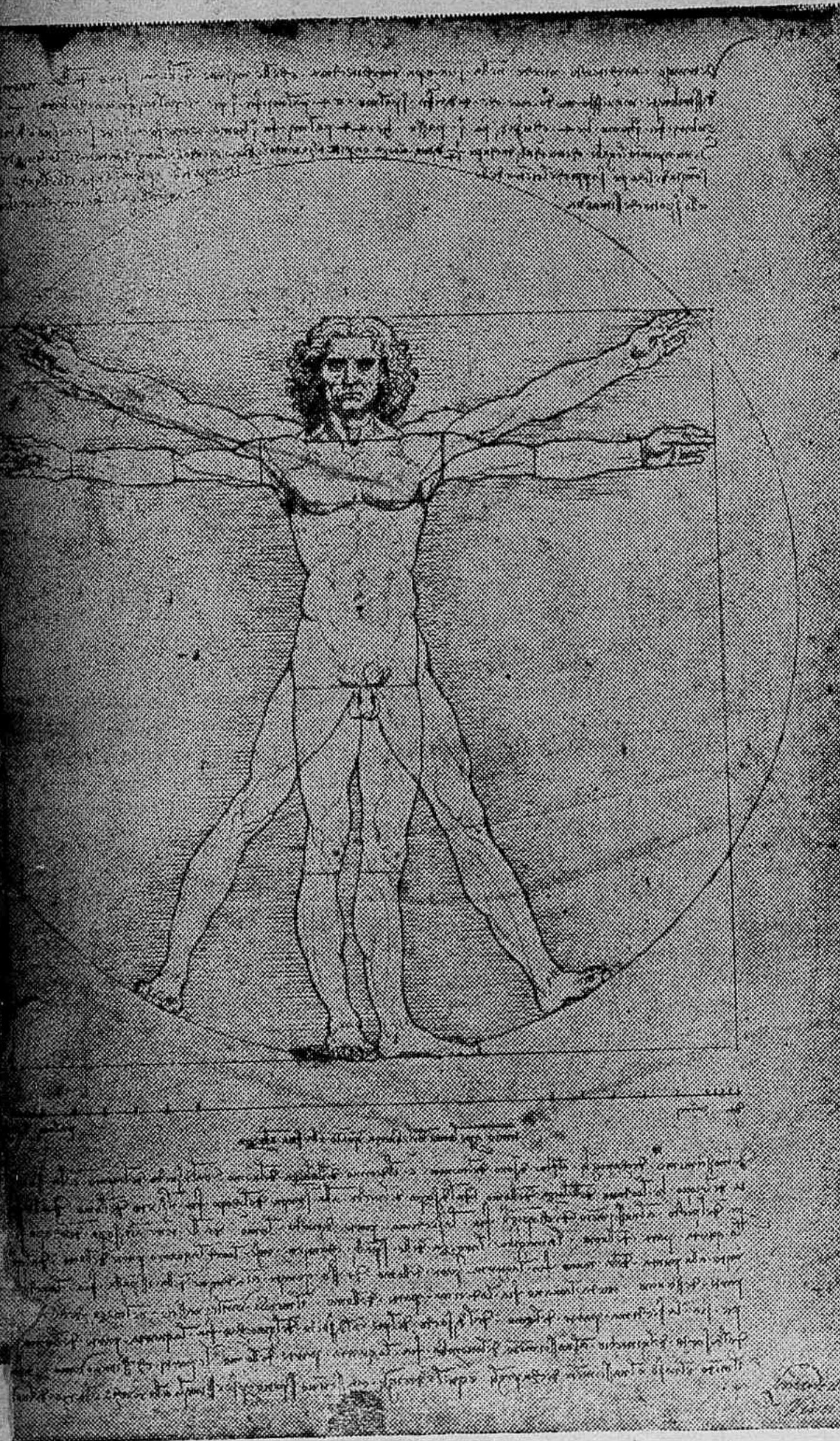
A singular fusão de tão diferentes interesses e, sobretudo, a excepcional potência criadora e inventiva nos dois mundos, aparentemente antagonistas, da arte e da ciência pareceram aos contemporâneos e aos pósteros quase divino prodígio. Daqui o mito, não isento de uma auréola de mistério e de sobrehumano, que em vida e em morte iluminou a figura de Leonardo. Mito amplamente justificado, mas cuja verdadeira essência e íntimo valor vão procurados, ao contrário, em uma razão profundamente humana.

Leonardo de fato personaliza — com uma potência que faz surgir a sua figura a símbolo — a mais universal e constante, talvez, das aspirações humanas: a aspiração do homem em captar no seu ser vivo o ritmo do universo, aquele ritmo que liga e explica as inúmeras formas da vida, e em tal ritmo inserir-se, passando de objeto a sujeito, de espectador a ator. Aspiração eterna e eterna inquietude do espírito humano: "O Leonardo, perché tanto penate?" dirá a si mesmo em um momento de cansaço o homem que tinha por mote "sine lassitudine"; e em outra anotação observa: "Tu, o Iddio, ci vendi tutti li beni per prezzo di fatica." Mas seria grave erro confundir como demasiadas vezes aconteceu — a inquietude leonardesca, toda viril e construtiva, com certas tendências mórbidas de caráter romântico ao indefinido ou ao infinito ("il quale", anotava Leonardo "se si potesse dare, e' sarebbe terminato e finito.")

Leonardo Da Vinci é, a par de Nicolau Maquiavel (não pareça paradoxal o avizinamento destes dois nomes), fruto e síntese típica do Humanismo italiano do século XV: artistas sumos os dois, preocupado um com a descoberta do universo natural, o outro com a descoberta do mundo histórico do homem. No pensamento humanístico, que havia destruído todos os preconceitos e varrido todo limite, afirmando a ilimitada capacidade do homem a tomar posse do universo, a criar para si, com suas forças, o seu mundo, e a transformar-se, portanto, de instrumento em sujeito da natureza e da história: é o necessário pressuposto de ambos. Daqui a sua permanente atualidade, tanto mais viva e importante hoje, talvez quanto mais viva é no mundo a exigência de um novo humanismo que subtraia o espírito do homem às várias formas de escravidão atual e o reconduza, livre, à plena realização das suas capacidades potenciais.

É de desejarmos, portanto, que o V Centenário do nascimento de Leonardo — que vem sendo celebrado este ano em todo o mundo ao qual, em São Paulo, a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura e o Instituto Cultural Italo-Brasileiro dedicarão uma série de manifestações a partir do dia 15 de abril — dê motivo e estímulo a novos estudos e a um mais aprofundado exame da personalidade universal de Leonardo Da Vinci.

ESTUDO DE PROPORÇÕES





Estudo de Leonardo para a «Batalha de Anghiari» (1503-5)

As ciências naturais modernas, que sosinhas estão atingindo um desenvolvimento metódico e científico, em contraste com as brilhantes instituições natural-filosóficas da antiguidade e com as descobertas extremamente importantes mas esporádicas dos árabes que na maioria desapareceram sem resultados — estas ciências naturais modernas datam, como tôda a História mais recente, daquela época magnífica chamada por nós alemães de Reforma, consequência da calamidade nacional que nos atingiu na ocasião, e que os franceses chamam a Renascença e os italianos de Cinquecento, sem que nenhum desses nomes a exprima inteiramente. É a época que começa na última metade do século quinze. A realidade, com o apóio dos habitantes das cidades (burghers), destruiu o poder da nobreza feudal e fundou as grandes monarquias baseadas principalmente na nacionalidade, das quais surgiram e se desenvolveram as modernas nações européias e a sociedade burguesa de hoje. Os habitantes das cidades e os nobres feudais lutavam ainda entre si e já a guerra dos camponeses na Alemanha apontava profeticamente para as futuras lutas de classes, não somente trazendo à cena os camponeses revoltados — o que já não era nada de novo — mas também, atrás deles, os primórdios do proletariado moderno com a bandeira vermelha nas mãos e nos lábios a exigência da propriedade comum dos bens. Nos manuscritos conservados desde a queda de Bizâncio, nas estátuas antigas desenterradas das ruínas de Roma, um novo mundo surgiu aos olhos maravilhados do Ocidente — o da Grécia Antiga. Os fantasmas da Idade Média sumiram ante suas formas brilhantes e a Itália assistiu um florescimento incalculável das artes, que mais parecia a réplica da antiguidade clássica e que não foi atingido outra vez. Na Itália, na França e na Alemanha surgiu uma nova literatura: a primeira literatura moderna; logo depois vieram as épocas clássicas da literatura inglesa e da literatura espanhola. Romperam-se as cadeias do velho orbis terrarum. Só então e pela primeira vez, foi o mundo verdadeiramente descoberto, foram lançadas as bases para o comércio mundial subsequente e começou-se a passagem do artesanato para a manufatura que de seu lado constituiu o ponto de partida para a indústria moderna de produção em massa. A ditadura da Igreja sobre a inteligência foi esmigalhada e diretamente rejeitada pela maioria dos povos germânicos que adotaram o protestantismo, enquanto entre os latinos um espírito alegre de livre pensamento, tomado aos árabes e ali-

fundamentos

ENGELS

E O

RENASCIMENTO

Trecho da "Dialética da Natureza"

mentado pela filosofia grega recém-descoberta, ganhava mais e mais raízes e preparava caminho para o materialismo do século dezoito.

A maior revolução progressista de que a humanidade tem notícia, uma época que pedia gigantes e que produziu gigantes — gigantes do pensamento, da ação e do caráter, da universalidade e do conhecimento. Os homens que instituíram o domínio burguês tinham tudo menos as limitações da burguesia. Pelo contrário, o espírito aventureiro da época inspirava-os mais ou menos profundamente. Poucos homens de importância existiam que não tivessem viajado amplamente, que não conhecessem quatro ou cinco línguas, que não brilhassem em numerosas questões. LEONARDO DA VINCI não era somente um grande pintor mas também um grande matemático, mecânico e engenheiro, a quem os mais variados ramos da física devem importantes descobertas. Albrecht Dürer foi pintor, gravador, escultor e arquiteto e sobre tudo isso inventor de um sistema de fortificações que agrupava várias das idéias que só muito mais tarde foram retomadas por Montalembert e pela ciência moderna alemã de fortificações. Maquiavel era estadista, historiador, poeta e ao mesmo tempo o primeiro autor militar notável dos tempos modernos. Lutero não somente limpou os estábulos de Augias da Igreja como também os da língua germânica; ele criou a prosa alemã moderna e compôs o texto e a melodia daquele hino triunfal que veio a ser a Marselhesa do século dezesseis (Ein fester Burg ist unser Gott). Os heróis daqueles tempos ainda não tinham atingido a servidão da divisão do trabalho cujos efeitos restritivos, a unilateralidade e os antolhos, tão frequentemente percebemos nos seus sucessores. Mas o que os caracteriza mais especialmente é o fato de que todos teriam levado suas vidas e desenvolvido suas atividades em próprio centro dos movimentos contemporâneos, na luta prática tomavam partido, aderiam ao combate, uns falando e escrevendo outros com a espada, muitos com ambos. Daí a grandeza e a força de caráter que fazem deles homens completos. Homens de gabinete são raros — pessoas de segunda ou terceira categoria, filisteus precavidos que não queriam queimar os dedos.

Nesta época as ciências naturais desenvolveram-se também no meio da revolução geral e eram em si mesmas inteiramente revolucionárias; tinham que ganhar na luta o seu direito de existir.

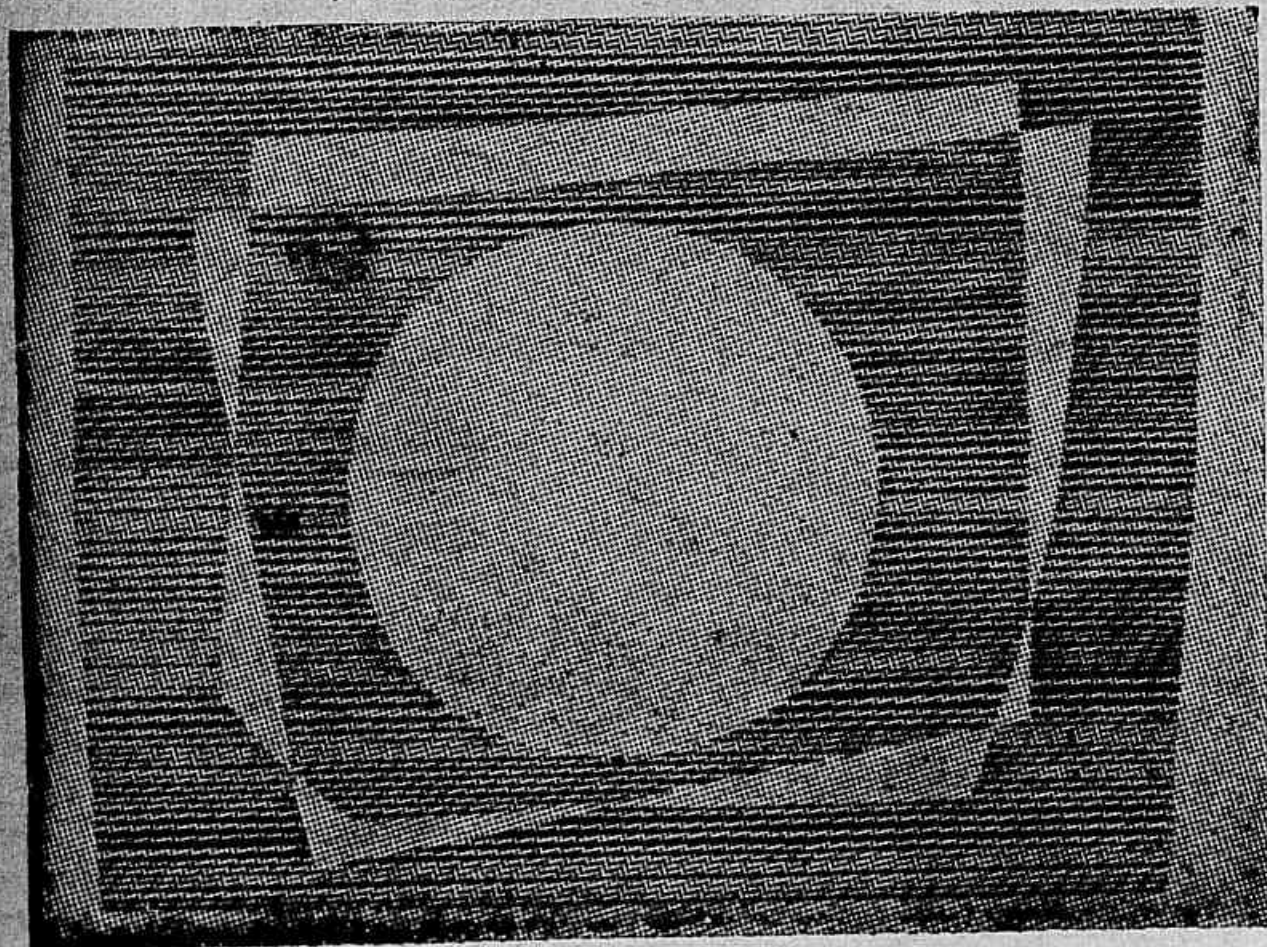
A EXUMAÇÃO DA "SEMANA DE 22"

RIVADÁVIA MENDONÇA

As comemorações do trigésimo aniversário da «Semana de Arte Moderna de 1922» estão mais ou menos encerradas, depois de um longo período de esforço literário e político visando revalorizá-la, imprimindo-lhe um aspecto «revolucionário», que teria servido de base ideológica para o golpe getulista de tomada do poder e para apregoar que os grandes problemas da cultura brasileira já se encontram resolvidos. Desde o discurso do sr. Getúlio Vargas em agosto de 1951, na Universidade do Brasil, encampando os efeitos da «Semana de 22», até os debates, artigos, entrevistas, depoimentos e notícias saídas nestes últimos meses, tudo revelou o evidente plano geral de alargar as proporções desse acontecimento, com o malicioso intuito de convencer o povo e os intelectuais brasileiros de que o «movimento de 22» colocou a cultura brasileira no caminho do progresso, da vanguarda e do renascimento fecundo.

O que mais contribuiu para essa super-valorização da «Semana de 22» foi certamente o fato de haver o sr. Getúlio Vargas ligado esse acontecimento do Municipal de São Paulo, à tentativa de esquema ideológico e cultural de seu golpe político de 1930 e de toda a sua atividade à testa do governo federal. Por outro lado, os «donos» da cultura, muitos deles participantes ou aderentes da primeira ou das posteriores horas, da «Semana de Arte Moderna», trataram de ajudar a ressurreição desse acontecimento, porque isto resultava para eles mesmos, em uma consagração oficializada diante dos jovens intelectuais, consagração essa que não puderam conquistar por méritos efetivos. Vinha ela assim por meio de decreto do Catete e inclusive com a oportunidade de empregos e honrarias na rendosa, canôa do oficialismo getulista. Getúlio lançou a isca da «Semana» com o objetivo de ampliar o quadro de propagandistas de sua política que tem recebido os mais calorosos elogios no Departamento de Estado, no Pentágono de Washington e nos escritórios de Wall Street.

Os mais destacados serviços do oficialismo correram logo a pegar a bandeira lançada por Getúlio e deitaram as suas teses pontificais sobre o grande evento. Menotti Del Picchia foi um dos que mais sobressaíram nesse trabalho. Nas páginas da «A Gazeta» jogou ele o seu vasto estoque de elogios sobre a «Semana», que se tornou, a «revolução cíclica» e não deixa por menos. Foi «um assunto que toda a inteligência brasileira hoje discute e que o próprio chefe da nação focalizou como sendo problema transcendente para a nossa cultura e para a história da civilização patricia». E prossegue o deputado petebista: ... «as raízes, ainda em 1922 ocultas, de uma revolução cultural de base, que foi,



Dos Estados Unidos tivemos, além dos «mobiles» de Calder, esta gracinha de Josef Albers

na observação do presidente Vargas, feita 30 anos depois, a causa inicial de toda a revolução artística, econômica, social e política do Brasil».

«Fincávamos, no tempo, o marco zero da nova cultura brasileira — acrescenta Menotti. Daquele instante em diante o Brasil se bipartia entre o vasto cemitério do passado e a vida estuante da arte e dos conceitos novos». E não era só. «Todos os movimentos ideológicos da direita e da esquerda nasceram dessa famosa «Semana», que bipartiu suas hostes em esquerdistas e direitistas. Comunismo, integralismo, «bandeira», reivindicações liberais, revisão dos conceitos de democracia, tudo o que agitou a opinião nestes últimos trinta anos foi resultante do entrecocar das idéias proclamadas e debatidas originariamente na «Semana de Arte Moderna».

Está-se vendo que os pregoeiros do «movimento de 22» não têm limites em sua ousada tarefa de fazer mistificação. Criminosa mistificação diremos melhor, quando eles tentam enterrar no «cemitério do passado» o que o país tem de mais valioso como tradição de cultura e de lutas. Gregorio de Matos, as Cartas Chilenas, Castro Alves, Euclides da Cunha, tudo mais foi levado à cova pelo «movimento de 22» que, entre os seus impressionantes frutos, deu o academico Getúlio Vargas da lei e do tribunal de segurança, que prendeu professores, escritores e artistas, espancou estudantes e implantou o regime de terror policial nas escolas. A grosseira escamoteação chega ao ponto de atribuir à «Semana de 22» o aparecimento das idéias comunistas no seio do nosso povo, o que é o máximo do embuste demagógico.

Mas a verdade é que a «Semana» aconteceu e depois dela seu efeito perdurou no Brasil até hoje. Escusado será desconhecê-la. O que é preciso é colocá-la no seu justo lugar, despindo-a desse efeito mágico, revolucionário, que procuram imprimir-lhe com o objetivo evidente de lançar a desorientação, de dar por feito tudo o que ainda está por fazer.

Qual era o panorama político, econômico, social e cultural do Brasil no período do primeiro pós-guerra? Em que sentido os efeitos da guerra de 14 atuaram em nosso país? Veja-se que uma situação política, econômica e social retrógrada que vinha desde o Império, se agravava de ano para ano e desde 1910 a situação do nosso povo se tornava cada vez mais insuportável. «Uma semente de guerra civil se espalhava pelo país inteiro», registra Calógeras. Insurreição na esquadra, rebeldia em diversos pontos do território brasileiro, uma atmosfera de insatisfação geral atingia todo o povo que mais sofria sob aqueles governos reacionários e ineptos, a serviço dos latifundiários e dos chefes e coronéis que impediam qualquer avanço no sentido de desafogar as dificuldades crescentes da população. O país se encontrava arruinado financeiramente e sob moratória, a guerra havia restringido ao mínimo as exportações, o governo arroxava as medidas de repressão e o Brasil mergulhava no clima de terror. O ano de 1917 surgiu como o mais negro para a situação do povo e dos trabalhadores, obrigando a classe operária nascente a entrar em grandes lutas, que culminaram na histórica onda de greves que abalaram pela primeira vez tão seriamente a exploração patronal e o seu governo. A massa do povo sem meios de viver, os trabalhadores sem as mínimas garantias e suas sociedades de classe sujeitas à perseguição policial. O desenvolvimento industrial não encontrava nenhum apóio no governo e se algum progresso pôde obter foi na base de esforço dos próprios operários explorados até o máximo.

Mesmo assim o povo fazia sentir que uma nova fase de nossa história estava chegando e que não era mais possível sustentar uma situação arcaica que os senhores da terra teimavam em defender. Aprofundavam-se cada vez mais as divergências entre as classes dominantes e latifundiárias de um lado, e o povo e os trabalhadores de outro lado, levados à mais negra exploração, o que lhes dava maior compreensão de luta e combatividade. Por força do

próprio ambiente de lutas do povo e dos trabalhadores que recebiam os ensinamentos da Revolução Socialista de Outubro, surgiu em 1922 o Partido Comunista do Brasil, como vanguarda mais consequente de todas essas lutas, o que era bastante significativo para marcar uma época e revelar uma situação nova.

No terreno da cultura, as melhores tradições brasileiras estavam sendo esquecidas pelos senhores da terra. A vida do povo, suas lutas, seus sofrimentos, os problemas do Brasil, tudo era matéria que os «donos da cultura» desprezavam. Os poetas como Bilac ou Alberto de Oliveira, os romancistas como Coelho Neto ou Afrânio Peixoto, estavam inteiramente fora da realidade e desligados da vida do povo. Os intelectuais mais novos, como Tasso da Silveira, Jackson de Figueiredo e outros, afundavam-se no mais doentio misticismo e pairavam muito acima de qualquer contato com a vida de cada dia.

E assim, no meio cultural, nas letras, nas artes, no domínio do pensamento, se fazia sentir cada vez mais a disparidade entre a indiferença, o conformismo, a sabujice, a covardia, a torre de marfim, em suma, da maioria dos homens de letras e das artes, que se desligaram da realidade prática, e aquela massa do povo que esperava a formação de uma frente intelectual ativa, de combate, refletindo os anseios, os sofrimentos, as lutas pela libertação e o progresso, os sentimentos de paz e fraternidade que sempre formaram toda a tradição de nossa história.

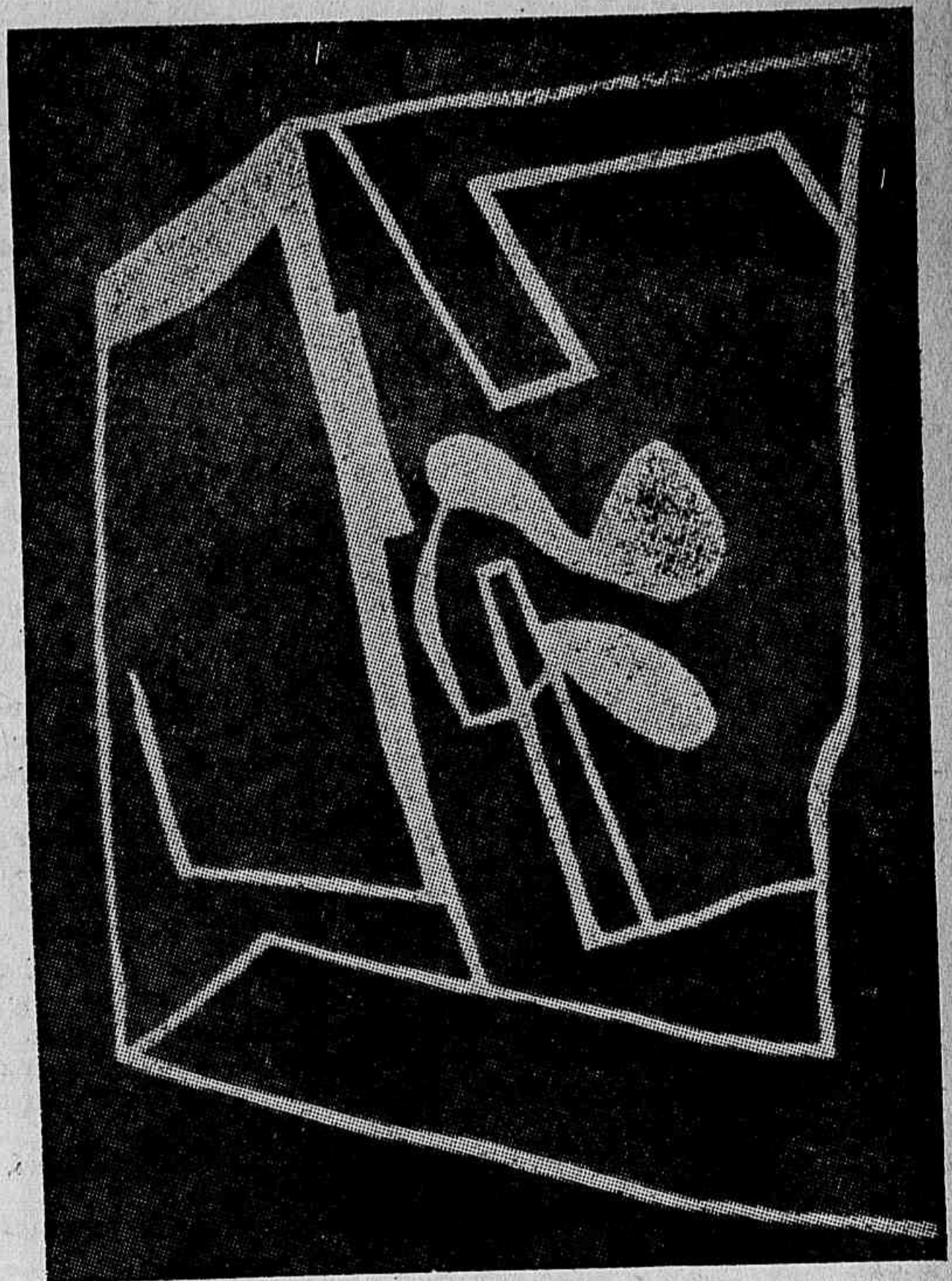
O grosso dos intelectuais estava alheio à vida e aos acontecimentos, voltados para a prática de indigna procura de solução para problemas íntimos, ligados às formas de expressão já surradas e ultrapassadas, tentando essa maioria de canalotes fechar os olhos para novo que começava a nascer no Brasil, em ligação estreita com a rica tradição do nosso povo.

Grandes problemas surgiam diante do povo que necessitava da cooperação dos intelectuais para ajudar a resolvê-los. Os exemplos de Euclides da Cunha e Lima Barreto na época eram casos isolados, porque a maioria dos literatos e artistas perseveravam na prática do «helenismo», dos requintes panasianos, no desengamento da realidade e da vida.

Havia condições objetivas concretas para uma reviravolta no cenário dessa velha cultura que já não correspondia mais às condições de vida, de lutas e de anseios do nosso povo. Dentro de suas características próprias, o país sentia o efeito da situação nova que despontava em todo mundo, quando se rompiam os laços com a velha e decadente cultura das classes exploradoras reacionárias e uma cultura nova começava a nascer vigorosa, em ligação estreita com o aparecimento de uma sociedade mais justa, sem exploração do homem, com a vitória da grande revolução socialista na União Soviética.

Mas a reação capitalista não se conformou com o aparecimento desse mundo novo, que é a pátria do socialismo, em uma sexta parte do globo terrestre. Todos os recursos e esforços foram postos em prática a fim de dar combate ao estado lançado por Lenin. Em meio à guerra de intervenção reacionária surgiu o fascismo, arma sangüinária de corrupção, demagogia e violência, que estendeu as suas raízes por toda parte, penetrando em todos os setores de atividade, como uma nova ideologia e uma nova tábua de salvação dos senhores dos privilégios e da exploração. Também no terreno da cultura o fascismo lançou sua ação, para realizar a mais grotesca das mistificações, destinada a mudar e escurecer as aspirações da inteligência do povo, servindo assim aos ditames da contra-revolução, do atraso, do obscurantismo e da demagogia que o capitalismo se esforça por manter, como melhor arma para dominar os povos, sujeitando-os pela ignorância e pela confusão.

Dentro desse objetivo central, sentindo o desejo de progresso cultural do povo, como meio de sua própria emancipação, o fascismo e as correntes que lhe são ains saíram na Europa com os movimentos «futuristas» e quejados, de Marinetti e outros panasos e mistificadores encamisados, que procuravam através de falsas formas de inovação cultural, lançar a demagogia, o modismo, o caceote, as frases de efeito (viver perigosamente), a contrafação, o snobismo tudo como capa para a degenerescência, a desorientação, o cosmopolitismo e a desfiguração do caráter e da tradição cultural de cada país. Marinetti passou então



Os artistas brasileiros de 22 eram ainda «ingênuos»; pintavam sem maiores «deformações», na sua generalidade. Só Tarsila tinha visto na Europa o caminho das tolízes dadaístas etc.... Mesmo em 1939, no III Salão de Maio, muitos anos depois, ainda não haviam aprendido em toda a sua extensão, a lição de composição que o cosmopolitismo se esforçava para ensinar-lhes. É só olhar para os catálogos de 1939: Flávio de Carvalho encarregou-se de importar alguns protótipos da arte em moda, da arte que é a expressão da burguesia decadente, e vieram da Europa vários exemplares, dos quais damos aqui uma amostra. A gravura que aqui estampamos é de um quadro de conhecido abstracionista Magnelli, que representou «Itália (de Mussolini, é claro!)»

a ser o deus do chamado «modernismo», ligado estreitamente a Mussolini, parceiro na assinatura dos seus mais significativos manifestos.

No Brasil, com alguns anos de atraso, mas coincidindo com a ação mais virulenta do fascismo de Mussolini, na fase de sua exportação para os países sujeitos à exploração imperialista como o nosso, apareceu então a caricatura do «marinettismo» fascista no campo da cultura brasileira. Como havia condições objetivas para uma virada no terreno cultural de nossa terra, porque essa virada já estava sendo tentada pelo povo e pelos trabalhadores por meio das suas lutas, das suas greves, das insurreições como a dos 5 de Julho de 22 e de 24 e todo aquele estado de rebeldia e de guerra civil que os próprios homens de governo registravam e as condições de vida e de lutas do nosso povo já não permitiam mais contemporizações, surgiram alguns elementos intelectuais — alguns por simples espírito de aventura e farra, outros por exibição, outros por ingenuidade, outros ainda por convicção, uns poucos sinceramente mas desorientados — que resolveram aproveitar a ocasião para tentar canalizar toda a força que vinha daquelas condições novas e com isto realizaram uma autêntica escamoteação no meio cultural brasileiro, antecipando em 22 o que oito anos mais tarde o presidente Antonio Carlos definiu no terreno da situação política interna, com a sua célebre frase: — «Façamos a revolução antes que o povo a faça». É evidente que em 1930 Antonio Carlos, Getúlio, Góis Monteiro, Luzardo, João Neves, Juraci, etc., não fizeram nenhuma revolução, mas apenas uma grosseira mistifi-

cação para iludir e abrandar temporariamente o ânimo de luta libertadora do nosso povo. Mudaram-se os homens com o golpe de 30 e o poder continuou nas mãos dos latifundiários como sempre.

Em 1922 os componentes da «Semana de Arte Moderna», que também passou a ser chamada de «Revolução Cultural Brasileira», não realizaram nenhuma revolução, nem mesmo nenhuma renovação nos quadros da inteligência brasileira. Deram grandes espetáculos para assustar e divertir a burguesia, ávida de distrações e cheia de ócio numa cidade que mal começava a perder o seu jeito provinciano. Podiam ter dado ao povo a arma que ele procurava. Uma expressão vigorosa, como espelho da sua vida e das suas lutas, dentro de uma forma nova e limpa, superando o que vinha do passado. Mas não era isto que eles queriam, nem mesmo sabiam o que queriam, como registrou Mario de Andrade.

Diante das condições nacionais de então, havia um desejo generalizado de atender às linhas do rico manancial da cultura nacional, de modo a reforçar o sentimento de nossa independência, de nossa libertação. Isto é o que efetivamente acontecia e o que se vê registrado nos depoimentos de Afonso Schmidt, de Abguar Bastos e do próprio Mario de Andrade, em sua conferência auto-crítica proferida no Itamarati. Mas a maioria esmagadora dos homens da «Semana de 22» não estava à altura dessa situação, não se desligara das injunções com os interesses dos latifundiários, em cujos ricos solares fazia ponto de concentração e exibição dos seus dotes laudatórios. Eles ficaram na demolição formal, na exibição, no escândalo bem comportado, com várias encomendadas, mas nunca sem correr o risco de desviar-se das cômodas posições junto à reação, que os arremeteram, na sua grande maioria, para o fascismo, para pregação de guerra, para a traição à luta de libertação.

Lima Barreto ironizava os participantes da «Semana», com a sua pena caustica em «Futurismo e ridículo».

E que eles se deixaram levar para o mais descarado cortejar do fascismo. Graça Aranha ainda em 1926 se aplicava em prefaciá-lo e lançar os manifestos de Marinetti e seus sequazes, ressaltando o «heroísmo» do pai do futurismo italiano, quando este doutrinava como autêntico serviço mussoliniano: «queimar museus, bibliotecas e academias». Dentro dessa base ideológica da reação, pontificando nas redações de jornais da situação latifundiária dominante, como o «Correio Paulistano» em São Paulo e o «Diário de Minas», órgão do PRM em Belo Horizonte, os donos da «Semana» frequentavam os salões de d. Olivia Penteado e de Tarcila, «juntamente com gente da sociedade culta e alguns políticos desejosos de divertimento» (Sergio Milliet). E aí se esbaldavam em trocadilhos e piadas para despolir o burguês.

E os mais destacados homens da «Semana» requintavam em demonstrações de gaiatice sobre assuntos sérios, á guisa de modernidade, como é o caso dos versos do sr. O. de Andrade:

«O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guaraní da mata-virgem
— Sois, Cristãos?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da morte
Tererê tetê. Quizá, Quizá, Quicê.
Lá longe a onça resmungava Uu! uu! uu!
O negro zonzó saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval».

Cassiano Ricardo dava também a sua amostra bem típica do que queriam os magos da escamoteação cultural que montaram nas muletas da «Semana»:

...«Quando a chuva
me molha a memória, me fecunda,
eu sinto peixes e orquídeas no corpo».

Ribeiro Couto, considerado o primeiro e grande «renovador», porque João Ribeiro qualificou a sua poesia de «evangelho de renovação», dá também a sua amostra:

«Minha poesia é toda mansa.
Não gesticulo, não exalto...
Meu tormento sem esperança
Tem o pudor de falar alto».



Aqui uma importação vinda da Grecia, «Composição 103A», de John Xceran (versão ianque de seu nome)

«...poetas de gabinete
Que da vida sabeis apenas a lição dos livros,
Vossa poesia é um jogo de palavras».

Isto é a «poesia descabelada de 1922», a que se refere em tom elogiativo o sr. Sergio Milliet, o crítico padrão nascido das fanfarronadas da «Semana» e que registra no seu «Fôra de fôrma»:

«O grande grito de guerra de 1922 foi: «ou o poeta mata o soneto ou o soneto acaba com a poesia». Mas a geração de 22 errou por carência de generalização. O mal não era o soneto e o que ele representava: métrica e rima asfixiando a espontaneidade; era todo um modo de ver e de sentir que conduzia (mas ainda conduz) ao preconceito, à fórmula, à rotina, ao ritual. O grito de combate deveria ter sido simplesmente: voltemos à barbárie! Abaixo o intelectualismo, abaixo o conceito vazio de matéria humana, abaixo a demagogia dos sentimentos padronizados».

E o seu grito se traduziu nisto:
«Para que o voto secreto?
Eu quero a paz preguiçosa das rédes nas varandas

.....
Somos modernos somos alegres
Hoje sou o homem do esforço repetido
que vem do fundo do desânimo...»

Seu quadro ideológico era então completado em 1941 com esta jóia:

«Terás por horizonte a «Standard Oil»,
por destino um bife a cavalo,
por distração as cuecas do marido
e afinal o remorso da vida invivida...»
Mas na prosa também o «movimento de 22» dava bem

claro o verdadeiro sentido da sua mistificada «revolução». Em julho de 1922, o editorial de «Klaxon» redigido pelo aventureiro salazarista Antonio Ferro, que formava na vanguarda dos semanários, continha coisas assim:

«A vida é a digestão da humanidade, deixemos a vida em paz. Isolemo-nos, exilemo-nos... É criar universos para uso próprio, como teatros de papel talhados à tesoura... Sejamos rebeldes, revolucionários... Proclamemos, a valer os direitos do homem! Em cada um de nós existe o mundo todo! Façamos a volta ao nosso mundo... Agitemos os braços como bandeiras!... Que os nossos gritos sejam aeroplano no espaço.» Ou então isto: «Cheira defuntos, cheira a defuntos... Não andamos, não andamos, transladamo-nos... É preciso gerar, criar... Os livros são cemitérios de palavras. As letras negras são vermes. As telas dos pintores são pantanos de tinta. O nosso teatro é um museu de Grevin. Não há escultores, há ortopédicos!...»

E com essas idéias, Antonio Ferro, depois de pontificar entre os «revolucionários do modernismo» destas plagas, se tornou gerente do DIP da ditadura fascista e sanguinária do tenebroso jesuíta Salazar.

E os mais destacados senhores da «Semana», como o censor e propagandista do fascismo luso, estavam engarupados naquele movimento, como escala para abraçar o fascismo local, como fizeram Cassiano, Menotti, Plínio Salgado e outros. Ou pelo menos, para ficar na torre de marfim, distanciados do povo e de seus problemas, porque, forçando o modernismo pelo lado da poesia especialmente, diziam os seus trombeteiros: «A poesia moderna representa um ansioso de fuga, de evasão, de não conformidade com a vida real» (Luiz Martins). E eles não queriam nada com o povo, com o sentimento de humanidade, porque a «revolução estética» contem o «processo de desumanização da arte», conforme acentua o manifesto do III Salão de Maio, acrescentando: «...destruir as pequenas bobagens impostas pela mediocridade popular... o contato com o público é útil ao artista pioneiro, porque a indignação que se produz no público cuja opinião média é sempre retrograda, é a força que propuliona esse artista para a frente, é o combustível mental e anímico que faz com que ele continue».

E o certo é que, dentro desse roteiro de idéias reacionárias e estúpidas, os semanários trataram de se pôr à distância do povo, tanto que tomaram a cautela de fixar preços inacessíveis para os ingressos do Municipal, ou sejam 20 cruzeiros a cadeira ou balcão, preço de 1922 que hoje equivaleria a cerca de 600 cruzeiros, impossível de ser pago por qualquer assalariado, para ver a «palhaçada» a que se referiu Mario de Andrade.

Não há dúvida que a grilagem política da «Semana de 22» por parte do sr. Getúlio Vargas, tem assim toda razão de ser, pela identidade de propósitos de ambos. Escorados nos manifestos e no programa cultural de Marinetti e Mussolini, os semanários só fizeram de prático a escamoteação demagógica contra os verdadeiros e crescentes anseios do nosso povo por uma cultura realista, ligada à sua vida e às suas lutas. Do mesmo modo, o golpe político de Getúlio não teve outro objetivo que nuar a massa que se encaminhava francamente para as grandes lutas de libertação nacional, de implantação da democracia, sem a exploração feudal da terra e a espoliação voraz dos negociastas e agentes imperialistas. Implantando o terror policial, o estado-novo fascista, a política de esfomeação e de guerra, de entrega das nossas riquezas ao imperialismo, nada mais fez o governo de Getúlio senão colocar-se em antagonismo com os anseios e as lutas de todo o povo.

A situação de nossos dias revela que milhões de patriotas se encontram em lutas crescentes para obter um clima de paz, de progresso e para realizar a libertação nacional, com que serão expulsos os exploradores imperialistas e neutralizados os seus agentes locais. Os intelectuais de vanguarda seguem o povo nessa sua luta, percorrendo o caminho da deteza da nossa cultura, da tradição do nosso povo, acompanhando-o na sua ação diária, vivendo com ele as suas memoráveis lutas nas ruas, nos campos, nas fábricas. Estes intelectuais que amam seu povo, que não descrêem das suas virtudes e procuram estar à altura dos seus bravos combates, não são os que querem hoje reviver e revalorizar a chanchada à Marinetti de 1922, como meio de se lançarem novamente contra o povo, a serviço do oficialismo corruptor.

Os intelectuais que estão com o povo são os que procuram ser dignos das tradições de Gregorio, Castro Alves, Euclides e Lima Barreto. E estão muito distantes da mistificação que se tornou a arma demagógica dos homens do Estado-Novo.

PÔEMAS

alemães de paz

Traduzidos por JOÃO ACCIOLI

No 4.º Ano de Guerra

HERMANN HESSE

Embora a tarde seja fria e triste
e a chuva murmure,
eu canto ainda nesta hora minha canção
sem saber quem a escute.

Embora o mundo se extinga na guerra e na angústia
n'algum lugar vive ainda o amor
não obstante imperceptível.

Uma Estrela Cai

WERNER HUNDERTMARK

O tempo esvai-se
perdido em vão.
Um violino canta a despedida:
quando retornarás?

O tempo escôa
e o cardo floresce.
Sob o crestado vento
incandesce a estepe.

E o tempo esvai-se
a nevasca ulula.
Que canção escutaste?
Ah! nada subsiste...

Nada que te vincule.
Aspero, ruge o vento e gargalha!
Não obstante, ergue o olhar:
vê: uma estrêla
cái na noite.

O AÇUCAR E OS PLANOS DE GUERRA

JOSÉ MENEZES CAMPOS

Os círculos ligados á produção açucareira no Brasil agitaram-se profundamente após a Resolução n. 619/51, baixada em 29 de dezembro, resolução que, entre outros considerandos, estabelece sobre a "necessidade do reequipamento e ampliação do parque açucareiro e alcooleiro do País, tendo em vista a elevação da produção agrícola e industrial para atender ao crescimento do consumo do mercado interno e a procura do mercado externo, liberando-se assim, progressivamente, a economia agro-industrial canavieira do regime de contingentamento e controle de preços e mercados, e considerando, finalmente, o interesse de cooperação no desenvolvimento da indústria de fertilizantes e na instalação da indústria da borracha sintética com base no álcool da cana de açúcar."

Através duma linguagem complicada o Instituto do Açúcar e do Alcool, autarquia criada em 1933 justamente para defender a produção açucareira em geral e particularmente a do Nordeste, mas que na realidade possui interesse também como usineiro de açúcar como grande acionista de fábricas de açúcar, estabelece em sua Resolução que parte do aumento que estipula é para a instalação da indústria da borracha sintética com base no álcool originado da cana de açúcar. Este problema, na realidade, faz algum tempo parte das cogitações das esteras governamentais e econômicas ligadas ao capital norte-americano. Em publicação feita no "Observador Econômico e Financeiro", órgão mensal que melhor reflete os interesses norte-americanos em nosso país, de propriedade do agente norte-americano Valentim Bouças, o técnico alemão, experiente na indústria química nazista do parque industrial hitlerista, KURT WEIL, em um artigo sob o título "A Cana produzindo borracha", fala clara e abertamente da necessidade da produção de borracha sintética, produção bélica por excelência. Portanto, está perfeitamente esclarecido o caráter do último aumento autorizado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool e seu entrelaçamento com os preparativos industriais e militares para uma nova carnificina mundial. O artigo do fascista alemão KURT WEIL, assinala que a produção da borracha sintética importará em estímulo á plantação de cana. Para uma produção de 12.000 to-

neladas de borracha serão necessários mais de quatro mil alqueires paulistas de cultura de cana, diz o "Observador Econômico e Financeiro".

Em comentário publicado no mesmo número da citada revista, assinala-se claramente que não se "deixará de considerar a possibilidade da criação no país da indústria de borracha sintética, utilizando-se uma fonte de matéria-prima nacional o álcool derivado da cana de açúcar." Dentre vários estudos realizados um foi levado á Comissão de Desenvolvimento Industrial, pelo mesmo Sr. KURT WEIL. Sua leitura — diz o citado comentário — causou a maior repercussão nos meios econômicos e provocou declarações de aprovação, dentre outras figuras, do Sr. João Cleófas, Ministro da Agricultura e do sr. Augusto Frederico Schmidt, representante de grupos industriais." Como está claro pelas referências acima citadas, vemos que os mais representativos expoentes da burguesia nacional, tanto latifundiária como industrial, indissolúvelmente ligados ao capital americano, organizam planos para o melhor aproveitamento da cana de açúcar, isto é, da tradicional cultura canavieira, para a indústria de sintéticos, como borracha artificial, para fins guerreiros. Foram desferidos, simultaneamente, dois profundos golpes contra importantes fontes da economia nacional: a borracha natural do Extremo Norte e a cana de açúcar.

Não foi por acaso que o chefe do Estado Maior do Exército, General Góis Monteiro, em entrevista concedida á imprensa, assim se pronunciou acerca do aumento do preço do açúcar, reconhecendo justa a medida aumentista do Instituto do Açúcar de acôrdo ainda com os espantosos planos de guerra do imperialismo norte-americano: "Sob o ponto de vista militar o plano do I. A. A. é de alto interesse estratégico, sobretudo se trouxer, como é de se esperar o desenvolvimento mais rápido do nosso sistema de transporte." Estas poucas palavras trazem à luz o reconhecimento tácito de uma outra rutilante verdade desenvolvida pela imprensa popular e democrática: a ampliação e o reaparelhamento dos portos e estradas de ferro do país, estão orientados não no sentido de bem servir o nosso povo e sim de melhor servir á produção industrial guerreira norte-americana.

CHOQUE DE INTERESSES ENTRE USINEIROS NORDESTINOS E PAULISTAS

Há dias passados a imprensa de São Paulo e do Rio publicava em suas páginas farta matéria paga pela "caixinha" de um lado, organizada pelos usineiros paulistas e do outro pelo Instituto Açúcar e usineiros nordestinos e fluminenses. Esta contradição entre usineiros que de vez em vez ganha as páginas da imprensa através de numerosos "a pedidos", cada grupo regional defendendo demagogicamente (como no caso dos usineiros de São Paulo que levantaram a bandeira da defesa da bolsa do povo), os seus interesses capitalísticos, é expressão de uma contradição básica e profunda da economia açucareira do país: de um lado a situação privilegiada da produção paulista, por contar próxima as suas fábricas os maiores mercados consumidores do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, situação que se faz acompanhar de perto pela latente tendência expansionista da grande indústria capitalista, e do outro lado a defesa das pequenas usinas de açúcar do Nordeste, patrocinada pelo Instituto do Açúcar, defesa em última análise do obsoleto parque açucareiro nordestino.

A abundante matéria paga pelas duas "caixinhas" dos usineiros, cada uma respondendo pelos interesses dos dois grupos fundamentais de capitalistas — o nordestino e o paulista — apregoava demagogicamente, de um lado a defesa da bolsa do consumidor, contra a imorandade do aumento, que no fundo é um aumento de guerra, e do outro lado o Instituto do Açúcar e os industriais nordestinos defendendo o aumento do preço que na realidade não irá ser revertido na ampliação das suas usinas e sim na construção de fábricas de borracha sintética. A demagógica argumentação dos usineiros paulistas que diziam não querer aumento de preço por terem pena do povo, escondia uma contradição da economia capitalista: a lei da concentração do capital, principalmente facilitada pela forma de Sociedades Anônimas (fenômeno praticamente desconhecido na maioria das usinas nordestinas), envoltório jurídico que empresta ao capital maior mobilidade e maior poder de concentração, provocando inelutavelmente, o expansionis-

mo monopolista. Isto quer dizer que, em um determinado momento da luta entre grupos capitalistas competidores, um dos grupos, justamente o mais forte, hipòcritamente procura apresentar-se como defensor dos interesses populares quando na realidade o que êle deseja é a eliminação completa dos seus concorrentes. Após a destruição impiedosa dos seus competidores, em nosso caso concreto, os usineiros nordestinos, os capitalistas de açúcar de São Paulo, dominarão mais facilmente todo o mercado interno quando então estabelecerão novos preços monopolistas. Há visto o acontecido com o nosso café, produzido principalmente em São Paulo e que nos custa, nos dias de hoje, um preço exorbitante. As leis do capitalismo jamais se confundem com os interesses populares, eis uma verdade científica.

O grupo nordestino que advoga o aumento do preço do açúcar tendo em sua defesa uma rica autarquia criada em 1933, o Instituto do Açúcar, choca-se com os interesses expansionistas dos usineiros sulistas, que desejam no momento as velhas liberdades "da livre concorrência e da iniciativa privada." A maior parte das usinas de açúcar nordestinas, mesmo as mais novas possuem a desvantagem de possuírem instalações e maquinário velhos em comparação com as moderníssimas usinas paulistas, montadas ultimamente. As desvantagens da produção açucareira (acrescentando-se a principal: distância dos grandes centros consumidores, maiores despesas com transporte), somam-se o esgotamento das terras após secular prática agrícola, arrancando tudo da terra sem nada devolver, a pouca mecanização da lavoura, etc. Praticamente, a única vantagem da produção açucareira nordestina sôbre a paulista, reside na mão de obra ainda mais barata em comparação com a do interior de São Paulo. Portanto, diante de todos os fatores econômicos, geográficos e sociais negativos, o parque açucareiro nordestino encontra-se em maiores desvantagens, progressivamente, em relação com a grande indústria açucareira paulista, que não mais se desenvolve em virtude dos freios da política açucareira governamental, através do seu órgão, específico o Instituto do Açúcar.

O MECANISMO DO NOVO PREÇO — SUA COMPOSIÇÃO

O novo aumento de Cr\$ 41,00 em saca de açúcar cristal em relação ao preço anterior, é composto de duas

parcelas diferentes, para fins distintos: a primeira parcela é de Cr\$ 18,90, que vai indistintamente para o bôlso dos usineiros, tanto paulistas, como fluminenses ou nordestinos. A segunda parcela, isto é, Cr\$ 22,10, é para cobrir as despesas de transportes dos portos nordestinos até os centros consumidores sulistas, quando se tratar do açúcar produzido no Norte. No caso da produção sulista, esta mesma parcela, Cr\$ 22,10 é recolhida ao Banco do Brasil, em conta do Instituto do Açúcar, para a realização dos considerandos da Resolução n. 619/51, isto é, para a instalação de fábricas de borracha sintética, pois até os próprios usineiros não crêem no fundo de reaparelhamento das usinas em condições desvantajosas. O que houve, na realidade, foi em primeiro lugar uma uniformização de preços, tanto na própria usina de açúcar, indistintamente da sua localização regional, assim como no preço de venda do mercado. Para isto o Instituto estabeleceu dois preços uniformes: preço de liquidação e preço de faturamento. Com êste mecanismo, a diferencial que havia entre a produção açucareira nordestina e paulista desapareceu, praticamente, permanecendo a diferencial na realidade existente entre a grande usina e a pequena usina, isto é, entre a usina mais onerosa e a mais econômica na produção açucareira. Com a uniformização dos preços do açúcar, o Instituto do Açúcar, órgão controlador da produção capitalista do açúcar procura eliminar a diferença regional da produção açucareira em relação com a proximidade do mercado consumidor sulista.

AS CONTRADIÇÕES DA ECONOMIA CAPITALISTA PREJUDICAM O POVO

Como vemos, na produção açucareira do país, dois grupos fundamen-

tais de industriais do açúcar, representando duas tendências contraditórias tipicamente capitalistas, prejudicam profundamente o povo. De um lado um grupo buscando cada vez mais a salvaguarda dos seus interesses caducos, — a velha indústria açucareira nordestina — e de outro lado usinas em plena efervescência expansionista, tentando, e com grandes vantagens, desalojar do mercado nacional os seus ferrenhos competidores nordestinos. Em última instância, os interesses do povo, isto é, das grandes massas de consumidores dêste precioso gênero de primeira necessidade, não se harmonizam absolutamente com tais planos contraditórios. Acima de tudo, a anarquia da economia capitalista e mais esta contradição — a defesa de um parque anacrônico do Nordeste e a tendência expansionista dos industriais sulistas, meridianamente não se confundem com os interesses do povo e portanto do mercado interno nacional.

Está vivamente esclarecido, mais uma vez, o entrelaçamento de planos industriais, como sejam o reaparelhamento de estradas de ferro e ampliação de portos, a construção de indústrias de borracha sintética assim como a elevação dos preços dos gêneros alimentícios, como no caso do açúcar, com a preparação de uma nova guerra mundial. Aí está o caso da carne, remetida para o estrangeiro através dos frigoríficos, aí está o açúcar, elevando preços para formar fundos de guerra. Mais uma vez está comprovada que a luta contra a carestia, contra o açambarcamento, a elevação de preços de produtos de grande consumo, está indissoluvelmente ligada á luta pela paz entre os povos, contra uma terceira guerra mundial.

leia

assine

divulgue

fundamentos

AUGUSTO PINTO

HELIO PENA MALTA

«Morre um comunista, mas o seu sangue fica na terra.»

«... e este é o Augusto». Apertei a mão de um jovem atlético, estatura média, muito bem parecido. Foi assim que, apresentados por um primo, ficamos nos conhecendo — Augusto Pinto e eu.

Não poderia supôr, então, que nossas vidas ficariam tão estreitamente ligadas. Uma sólida amizade pessoal, primeiro e, o que é muito mais importante, camaradas comunistas, logo em seguida.

Corria o ano de 1933, estávamos, ambos, mal saídos da revolta de 32. Éramos sócios do Clube Atlético Indiano, sendo o Augusto vice-presidente, chegando mais tarde a exercer a presidência. Nossas casas ficavam quasi em frente uma da outra, numa rua da parada Petrópolis, no caminho de Santo Amaro. Víamos-nos com frequência. Dai a nossa amizade.

Conversávamos muito. Comentávamos os assuntos do Clube que frequentávamos tôdas as manhãs para o exercício de ginástica e natação. Recordávamos episódios da revolta. Gostávamos, como todos os paulistas naquela época, de conversar sôbre isso.

Augusto e outro companheiro tinham aprisionado, só os dois, todo um bata-lhão «inimigo». Foi promovido por isso. Quem o conheceu bem achava este ato de bravura muito natural. Augusto Pinto sempre foi homem de coragem. Um cidadão valente e combativo. Incapaz de um ato menos digno ou de destratar qualquer pessoa. Um cavalheiro, polido e afável no trato. Mas não o tirassem do sério...

Certa ocasião, num bonde que vinha de Santo Amaro para São Paulo, um indivíduo — que por infelicidade era alemão e o nazismo florescia na Alemanha — subiu no bonde e como não encontrasse lugar para sentar, empurrou um garôto para ocupar o lugar dêle. Aqui, o alemão foi duas vezes infeliz pois o fato em si já seria suficiente o garôto era filho de um amigo do Augusto.

A cena foi rápida. O alemão mal teve tempo de desviar com o braço o sóco que Augusto tinha endereçado para o queixo. Resultado — um único sóco e o braço do alemão quebrado.

Citei, de passagem, este fato, para mostrar como era Augusto Pinto. Bravo, e enérgico quando preciso, embora seu natural fôsse pacato e bom.

Nossa vida corria normal como a da maioria dos jovens. Sem uma finalidade mais alta. Vasia de conteúdo.

Logo de manhã ginástica e natação. Mais tarde, para a cidade trabalhar. Estudo à noite.

As tardes de sábado e domingo passávamos no Clube ou num rio próximo, remando e as noites em Santo Amaro — no Clube Piratininga, no jardim ou com amigos em algum bar, batendo do papo e bebendo chopp.

Nossa roda de bateadores de papo era grande. Os assuntos os mais variados. Havia discussões acaloradas. Augusto era sempre uma boa prosa. Lia muito e tinha bom conhecimento geral.

A roda de conversadores aumentava sempre. Formava, muitas vezes, verdadeiros comícios.

Naquela época, sob a ditadura para-facista de Vargas, não eram aconselhadas as discussões políticas, as críticas ao governo. Mas preferíamos justamente êsses temas. Não cochichávamos, pelo contrário, fazíamos verdadeiros discursos. E, êsses comícios improvisados no Piratininga, na praça, nos bares, tinham o Augusto como figura central. O mais apaixonado. O mais combativo.

A coisa tomou tal amplitude, que fomos observados por certos cidadãos que, um belo dia, em fins de 1934, procuraram o Augusto. Foi o nosso encontro com o Partido Comunista do Brasil. Pouco depois que o procuraram, o Augusto passou por minha casa.

— Vamos dar um giro?

— Vamos.

Noite quente. Parada. Calôr de sufocar.

— Que tal uma cervejinha ali no boteco da estrada?

— Ótimo.

Refrescávamos as gargantas quietos. Augusto quebrou o silêncio:

— Conte algo de 32.

— Você ainda não se cansou das minhas bravatas?

— Embora, conte lá.

Mais uma vez abordamos o assunto. Conversamos um bom pedaço.

A certa altura, o Augusto interrompeu:

— Bela estupidez fizemos nós.

— ?

— Sim, meu caro, qual a finalidade dessa revolta?

— Ora, a volta do país ao regime constitucional.

— Êsse era o rótulo. Por isso brigamos. Matamos. Morremos.

— E então?

— Bem, os políticos, os homens que nos fizeram acreditar que o caso era êsse, visavam coisa diferente. Queriam, apenas, a custa de nossas vidas, substituir os homens do poder. Eram homens exatamente iguais aos de cima, que estavam por baixo e queriam ficar por cima.

— E assim?

— Assim, nada se modificaria. O novo governo protegeria o velho e os dois continuariam sugando o povo. A exploração e a miséria continuariam sempre.

— Olhe aqui, rapaz, chegue logo onde você que chegar com êsse rodeio todo.

— Acho, meu amigo, que com essa embrulhada de revolta, você, eu, e mui-

tos outros só provamos duas coisas de bom.

— E são?

— Nossa combatividade e nossa honestidade. Sentimos que a coisa está errada e lutamos para consertar. Como apenas sentimos, não vemos com clareza qual a coisa que está errada, nem como concertá-la.

— Daí?

— Daí, a nossa obrigação de procurar vêr claro.

Foi o que fizemos, procuramos vêr claro. Ficamos sabendo que seria preciso desaparecer essa diferença injusta entre uma pequena minoria que não faz nada e é dona de tudo, de um lado, e a grande maioria que faz tudo e não é dona de nada, do outro. Em poucas palavras, ficamos sabendo que é preciso acabar com a exploração, com os privilégios que uns poucos possuem em detrimento da imensa maioria.

Fomos ao encontro do glorioso Partido de Prestes, único capaz de realizar juntos com mais dois do velho grupo isso. Ingressamos para suas fileiras, de bateadores de papo.

Começava uma vida nova para nós. Vida com conteúdo, com finalidade.

Augusto Pinto sentiu isto com muito maior intensidade do que nós outros. Compreendeu o grande passo que estava dando, em toda a sua amplitude. Foi um comunista combativo e consequente desde o início. Eu, só vim compreender bem a coisa muito depois. Os outros dois, não soube mais deles.

Mas, eu quero falar sôbre o Augusto Pinto. Isto é o que interessa nesta conversa.

A primeira tarefa que Augusto Pinto teve no Partido foi, juntamente com outro camarada, pendurar uma bandeira em frente da Igreja do Brooklin Paulista.

A bandeira, a aranha de arame, o barbante, a pedra.

No domingo pela manhã o corpo de bombeiros teve trabalho para retirar a bandeira lá do alto de um fio onde estava pendurada. Já eram quasi onze horas da manhã. Toda a população da redondeza viu a bandeira, leu o que estava escrito, viu também a foice e o martelo.

Tarefa executada. Tarefa positiva. Militávamos numa célula em Santo Amaro. Composta em sua maioria de operários — trabalhadores da pederira da Light em Santo Amaro.

Augusto, estudioso, logo se destacou. Geralmente era incumbido de lêr e comentar nas reuniões, os artigos da «Classe Operária».

Veio a A.N.L. — movimento de frente única batuta. Comícios em recintos fechados que ecoaram longe. Entusiasmo que atravessou lustros. Semente que deitou raízes. Ninguém destruirá.

Participamos intensamente dessa jornada. Augusto Pinto falou em muitos daqueles comícios. Fez, certa vez, em

Santo Amaro, uma conferência na qual focalizou, dissecando, Hitler e Mussolini. Com que clareza caracterizou esses abutres fascistas! Como nos mostrou claro o que seria o mundo sob o domínio do nazismo! Como fustigou o «quisling» nativo Plínio Salgado e seus verdoengos apaniguados! Um sucesso a conferência. Foi solicitado a repeti-la por duas vezes — uma no Brás, outra em São Bernardo.

Neste último município, bem em frente ao local onde realizávamos o comício da A.N.L., os integralistas tentaram uma de suas arengas. O nosso regorgitou de gente que foi ouvir o Augusto. Transbordou para rua. No outro só havia 6 (seis), sem exagero, empertigados tipos de camisas verdes, que botaram a vióla no saco e sumiram.

Em três meses de vida, a A.N.L. entusiasmou e esclareceu de tal forma os patriotas brasileiros, que assustou a reação cabloca.

Fechamento da A.N.L. Prisões. Espancamentos. Perseguições.

Muitos patriotas foram presos. Augusto Pinto entre eles.

Protestos. Libertação dos presos.

Augusto Pinto saiu da cadeia para se jogar com redobrado entusiasmo na luta. Trabalhou rijo e bem. Conquistou direito a tarefas mais duras, de crescente responsabilidade. E, num esforço constante para proletarizar-se cada vez mais, militou no Partido de Prestes com abnegação e coragem.

Dada a nossa pouca experiência no trabalho de vigilância, um policial, infiltrado em nossas fileiras, denunciou uma reunião. A polícia cercou o local. Invadiu. Os camaradas apanhados de surpresa, tentaram reagir. Muito tarde.

Foram presos todos. Foi preso Augusto Pinto. Foi preso, mas não parou de lutar.

Homens como Augusto Pinto, nunca param na luta. Nem quando morrem. Porque não morrem. Vivem sempre em cada um de nós.

Augusto na prisão foi um exemplo de combatente comunista. Nunca se amedrontou. Não soube o que era medo. Não fez concessões, nem se curvou, jamais.

Os fascínoras que o mantiveram preso durante mais de quinze longos meses e que o maltrataram brutalmente,

não conseguiram atingi-lo. Não o atingiram nem quando o mataram.

Augusto soube se portar. Soube ser digno de Lenin, Stalin, Prestes e de tantos outros heróis do proletariado internacional, vivos e mortos. Orgulho magnífico para nós comunistas, para os patriotas, para os cidadãos honestos.

O seu nome é hoje uma bandeira de lutas.

Durante todo o tempo em que esteve preso, foi dos mais combativos, dos mais disciplinados, dos mais estudiosos. Desconhecia a vaidade. Era absolutamente fraternal. Preocupou-se todo o tempo com os camaradas mais fracos. Tudo fazia para ajudá-los.

Preocupou-se, também, com as famílias dos camaradas de prisão. Quando sua mãe levava algum doce mais fino, ou algum bolo, improvisava um leilão para apurar finanças afim de ajudar as famílias de poucos recursos dos menos afortunados.

Os seus, que tinham algum recurso, gastavam, como é natural, levando-lhe comidas caras. Augusto não gostava disso. Pedia que o dinheiro gasto em coisas caras, fosse gasto em muitas coisas mais baratas, porém em maior quantidade, para que fosse bem grande o número de beneficiados lá dentro.

Conseguiu organizar no presídio uma escola — «uma verdadeira universidade», comentou Augusto numa carta a sua mãe — em que cada um ensinava e aprendia, desde a simples alfabetização, aos temas avançados de filosofia marxista.

Augusto tinha grande entusiasmo por essa atividade construtiva dos comunistas presos. Nem mesmo a ginástica diária foi esquecida.

No entanto, como é óbvio, a grande vontade dos camaradas, era sair dali. Ganhar a liberdade. Ajudar o construir o Partido aqui fora.

Foi tramada a fuga. Uns concordavam com ela, outros não.

Augusto não queria fugir. Tinha absoluta confiança no Partido, na classe operária. Sabia que mais dia, menos dia, seriam arrancados de lá.

Foi discutido o assunto. A maioria aprovou a idéia, a minoria submeteu-se. Todos agiram nesse sentido. O buraco na parede foi aberto com grande sacrifício.

No dia 21 de abril de 1937, foi tentada a fuga. Eram mais de quinze meses de prisão sem culpa formada. Sem crime. Prisão monstruosa.

Ninguém tinha uma arma sequer. Isso não impediu que fascista, os «kovalenkos» que policiavam o presídio, iscados por Egas Botelho e Leite de Barros, se atirassem com todas as armas contra eles.

Foi fácil a esses facínoras armados até os dentes, dominar a situação. Covardes como são, só assim poderiam agir, embora tivessem certeza de que os presos estavam completamente desarmados.

A caçada foi tremenda. Todas as armas funcionaram. Muitos foram feridos e apenas dois conseguiram, num golpe de sorte, galgar o muro e fugir. O restante foi cercado, dominado e recolhido, novamente, aos magotes, com exceção do último grupo.

Dêste faziam parte Antonio Donoso Vidal (que conseguiu sobreviver), João Varlôta, José Constâncio Costa, Naurício Maciel Mendes e Augusto Pinto.

Todos se portaram à altura da sua qualidade de comunistas no massacre que finalizou esse 21 de Abril de 1937, que deveria ter sido de Liberdade.

Um sargento dessa tropa maldita, fez com que virassem as costas para os assassinos que os vigiavam armados de metralhadoras. Nesse instante, Augusto Pinto, sereno e valente como sempre, virou-se e encarando-os disse, num protesto:

— Vocês vão nos fuzilar pelas costas depois de 16 meses de prisão, que covardia!

Mal tinha terminado a frase, a metralhadora funcionou.

E, quando tombava esse grupo de bravos, ainda se fez ouvir a voz de Augusto Pinto, sentindo a vida se extinguir:

— Morre um comunista, mas o seu sangue fica na terra.

Sangue de heróis. Sangue generoso. Ensopou a terra e germinou. Fez nascer milhões. Milhões de homens que, unidos como um só homem, hão de pulverizar os causadores de tais massacres.

Sangue de heróis. Sangue generoso. Está germinando a Paz.

Leia PARA TODOS

EM TODAS AS BANCAS

Um poema inédito de

PABLO NERUDA

Entrevistas com

ALMIRANTE e SILVEIRA SAMPAIO

Notas sobre Arte e Literatura

O ballet SOVIÉTICO

IRIS MORLEY

«BALLET RUSSO» — Apesar de já passados 33 anos, essas duas palavras parecem ligar-se entre si, numa harmonia natural, soando nos ouvidos ingleses como um ligeiro éco da poderosa magia que tinha em 1911, quando Diaghilev mostrou pela primeira vez o corpo de baile do «Mariinsky» aos olhos atônitos da Europa. Mas agora, é apenas um éco. Com efeito, nos espetáculos da «Sedlers Wells Company» no New Theatre», apenas as pessoas quarentonas da assistência, como adultos poderiam ter visto os primeiros bailarinos russos. Os atuais artistas provavelmente nunca os viram, e aqueles que como nós os viram, e aqueles como nós que estamos nos trinta, não podemos nos vangloriar senão de uma lembrança infantil de Pavlova ou Karsavina. Logicamente outros Ballets chamaram-se «Ballet Russo» e nós temos discutido os méritos de bailarinas de nome como Toumanova e Baranova, mas estas plantas exóticas floresceram no exílio, e mesmo para nós que não temos um ponto de referência a não ser uma vaga memória, não podem representar a realidade atual.

Pensamos desoladamente que agora está tudo acabado. Em nossa mente, o alvo espectro de Pavlova se desvanece indo juntar-se a Taglione, em algum paraíso verde escuro de Chopin, e Nezhinsky, vestido de vermelho-rosa e de olhos amarelos, salta através da janela eterna do esquecimento. Aqui e ali notamos relíquias deste surto legendário quando hospedamo-nos nessas pensões praieiras em nossas férias de verão, aqueles quebra luzes alaranjados e as almofadas púrpuras são derivadas da Sherazade de Bakst, e no circo onde levamos as crianças, uma velha e patética dama é apresentada como Madame tal e tal do «antigo Ballet Russo». Mas



Olga

Vasievna

Lepeshinskaya

nos sentimos sempre na forma do passado, divertidos ou emocionados e, se qualquer um nos disser que estamos errados, ficaremos simplesmente indignados. Pois a Rússia não se transformou em União Soviética e o Ballet em propaganda? Não, não é isso o que entendemos por «Ballet Russo».

Mas, aconteceu um milagre e estamos agora sentados numa cadeira de frente da bela platéia do Teatro Bolshoi em Moscou. A medida que a música se inicia, as cortinas se abrem e piscam as luzes como vagalumes na escuridão, a negativa se enfraquece em nossos lábios, porque, afinal de contas, é tudo isso o que imaginávamos, é a realização de todos aqueles vagos sonhos, a realidade das memórias embaçadas: agora sabemos que ninguém exagerou ou contou velhas histórias mentirosas, porque aqui estão aqueles espectros ocupando o vasto palco, os «PETIT-TOURS», «GRANDS JETEES», os «ARABESQUES» e «PIROUETES» sendo executados como nunca imaginamos que bailarinos pudessem executá-los, e aí, como verdadeiros balletomanos que somos, cessamos de pensar e abandonamo-nos àquela extraordinária criatura, Ulanova, e o seu amado que lhe segura as mãos, Iermolaiev.

Após este começo lírico, retornemos ao terra-a-terra, tomemos conhecimento dos fatos. É dia, a neve derrete nas ruas e as bailarinas provavelmente tagarelam no Bolshoi; eu estou preocupada em começar este artigo.

Para escrever um artigo que fizesse justiça ao ballet na URSS um escritor deveria ter um censo crítico amadurecido através de um profundo estudo do assunto, tanto histórico como contemporâneo e a experiência que só anos de frequência ao ballet podem dar. Permitam-me disiludir os leitores afirmando que não possuo nenhuma dessas qualificações. Durante dez meses frequentei o ballet em Moscou, de duas a três vezes por semana, e tive o privilégio que poucos estrangeiros tiveram, o de tornar-me completamente familiarizada com os «ballets» e bailarinas do teatro Bolshoi; somando-se a isso o acesso à escola de «ballet», onde tive oportunidade de discutir com um grande número de dançarinos de primeira grandeza, coreógrafos, desenhistas e críticos de ballet de Moscou. Para minha grande infelicidade só por uma vez pude ver o ballet de Leningrado em sua cidade natal, apesar de por diversas vezes ter visto os seus mais proeminentes bailarinos exibirem-se em Moscou. Como decidí que, na medida do possível, não colocaria neste artigo nada que não tivesse visto com meus próprios olhos, não há aqui nenhuma menção aos «ballets» existentes nas outras cidades da URSS, ou de qualquer outra forma de dança além do «ballet» clássico.

Tendo examinado as minhas credenciais e as tendo achado muito pobres, estou apesar de tudo convencida que é imperativo que seja dito aos amantes do «ballet» o mais cedo possível que o Ballet Russo ainda existe. Neste momento eles poderão duvidar deste fato óbvio, pois dando-se uma olhadela aos livros e artigos publicados nos últimos anos só se achará a mais escassa referência à União Soviética. Isto é uma omissão tão extraordinária que, em tempo, deverá ser remetidos qualificados com vista aos bailarinos e aos estudiosos, diada com trabalhos sérios e compreensivos, escritos por críticos. Enquanto isto, este esboço é dirigido às pessoas comuns que



amam o «ballet» e o assistem quando podem — o que não é muito frequente — e querem saber como se dança hoje na URSS.

No momento, e até que o Ballet Russo nos visite novamente, o estudioso é prejudicado pelos padrões imperfeitos pelos quais julga as danças que assiste e ultimamente tem havido uma tendência de autosuficiência entre os críticos, incompatível com a crítica construtiva.

«Bem, dê-nos sua opinião: como se compara o «Ballet» do New Theatre ao do Teatro Bolshoi de Moscou?» Eu responderia desta maneira: o Ballet inglês é rico de coreógrafos prometedores e apesar da sua capacidade ainda não ter sido submetida ao teste do ballet em quatro atos, as suas criações, de diversos pontos de vista, não são inferiores às russas.

Produções tais como *Camus*, *Hamlet*, *The Quest* ou *Prospect Before Us*, nos fornecem uma rica apreciação da literatura, dramaturgia e pintura inglesas. E' só na realização do ballet, em seus movimentos de dança, que é falha — e isso revela a fraqueza essencial da companhia inglesa: o seu nível técnico.

Nunca se adivinharia, lendo os trabalhos críticos nativos, como é baixo e quanto empecilho representa este nível para a atividade criadora de um coreógrafo. Se esta omissão devida ao desejo natural de ser carinhoso e tolerante para com os dançarinos jovens, muito frequentemente deixa-se no leitor a impressão de que perfeição técnica é alguma coisa que todos possuem. Williams Chapel, doutrinando os dançarinos para tornarem-se atores, escreve: «A antiga estrada da dança é um beco sem saída, só a técnica não é suficiente». De fato não é suficiente. Mas a técnica é essencial se uma grande e rica variedade de propósitos tiverem que ser expressos pela dança. O terceiro ato de «*Bakchiseraysky Fontan*» satisfaria ao mais exigente partidário do drama, mas ao mesmo tempo a sua ação, o fluir da sua poesia, é representada nos mudos e plásticos movimentos da dança, alcançando uma unidade de forma e conteúdo que é a verdadeira essência do ballet.

Os artistas ingleses no correm o perigo de subestimar o papel da dança. Numa comparação dos ballets clássicos dançados em Londres e Moscou, pode ser visto o quanto eles negligenciam. Por coincidência assisti o «Lago do Cisne» executado no New Theatre e o tornei a ver cinco semanas após no Bolshoi. A produção do Bolshoi foi-me uma revelação. Não que fôsse melhor ou mais brilhante — apenas eu percebi simplesmente que estava vendo pela primeira vez o «Lago do Cisne» ser dançado. Nisto o ballet difere do drama. «*Hamlet*» é sempre mais ou menos «*Hamlet*», seja representado por estudantes na Academia Real de Arte Dramática ou por John Gielgud, mas o «Lago do Cisne» não é o «Lago do Cisne» se não for corretamente dançado. Com exceção de um ou dois artistas, a «*Sadlers Wells Company*», não se qualificaria na classe de graduação da Escola de Ballet do Teatro Bolshoi, sem falar na Escola de Kirov de padrões muito mais severos. Não que essa inferioridade técnica surpreenda ou de qualquer maneira diminua os consideráveis resultados obtidos pela companhia inglesa que teve de começar do nada, com imensas dificuldades e sem ter

quem a ajude. De fato, o que mais poderíamos esperar? Firmemente alicerçado nas grandes e ininterruptas tradições do passado, recebendo o apóio de um povo de 160 milhões, com uma intuição nacional para a dança, tendo às suas ordens a ajuda ilimitada Estado, alimentado por escolas que produzem uma Via Látea de dançarinos sem rivais, o «Ballet» Soviético deveria de fato ser incomparável, uma glória para a Nação e a Época.

E na minha opinião ele o é.





52

PAVLOV

A VIDA E A OBRA DE PAVLOV

JOAO BELLINE BURZA

Na Rússia, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, houve um grande número de filósofos que se interessaram pelo estudo das relações do corpo e do espírito. Foram filósofos materialistas que procuraram descrever e explicar o mundo e a sociedade dentro de um conceito real e objetivo. Hoje o conhecimento de sua obra é de suma importância, porquanto encarecê-la é pôr em destaque quais foram as representantes dos meios avançados de sua época, os propagadores das idéias progressistas no seu tempo, os líderes do movimento revolucionário no campo da cultura, e que já estavam a traduzir o fenômeno geral da luta de classes no terreno das ideologias.

Esmagado sob o jugo do feudalismo e da tirania czarista, debatiam-se os povos russos nas garras da servidão, da miséria e da fome. Mas já estava fermentando o germe de uma nova era que se anunciava.

E foi debaixo dessas influências convergentes, a sociedade mudando de base, os intelectuais fazendo propaganda de uma concepção materialista do mundo, isto é, científica, que se produziu um largo desenvolvimento do pensamento filosófico, destacando-se, entre outros, os nomes de: Bielinski, Hertzén, Chernichevski, Dobrioliubov e Pssarev, em cujas obras encontramos as raízes fundamentais das ciências naturais materialistas, na Rússia do século passado.

Nesse momento é que surgiram, igualmente, as figuras gigantescas de: Mendelejev na química, Timiriázev na biologia, Setchenov na fisiologia, e Botkin na medicina.

Coube, porém, a Setchenov a glória de ter sido o principal predecessor de Pávlov.

Pávlov não foi aluno direto de Setchenov, mas os trabalhos deste exerceram notável influência sobre o espírito de Pávlov. Referindo-se ao seu mestre, Pávlov disse: "A influência de um pensamento novo, verdadeiro, é tão profunda, tão sólida, e é necessário dizer, tão secreta, sobretudo na nossa juventude."

Pávlov disse mais: "Sinto-me honrado, porque, com Ivã Mikhailovitch (Setchenov), e auxiliado por toda uma equipe de meus caros colaboradores, nós pudemos adquirir, pelo formidável poder da investigação fisiológica, o organismo animal indivisível como um todo ligado ao meio. E isto é inteiramente nosso mérito russo, na ciência mundial, no pensamento humano geral."

Nós vemos, assim, que a influência da filosofia materialista do século 19, orientou Pávlov para as ciências da natureza. Pávlov não foi, portanto, um acontecimento espontâneo ou esporádico, na história das ciências russas. Ele foi o resultado necessário de toda uma evolução filosófica e científica que se processava na URSS principalmente a partir da segunda metade do século XIX. E

Setchenov, o pai da fisiologia russa, foi o seu principal predecessor.

SETCHENOV

Ivã Mikailovitch Setchenov nasceu em 1829.

O nome de Setchenov ficou ligado à fisiologia mundial, pelas descobertas da *Inibição Central*, que é um dos fenômenos mais importantes do Sistema Nervoso Central. O mérito dele não está na descoberta de haver zonas no cérebro capazes de inibir reflexos medulares, mas ter mostrado o papel dessas zonas na coordenação reflexa dos atos motores. Saindo destes experimentos e dos seus pontos de vista filosóficos, Setchenov chegou aos *Reflexos do Cérebro*.

Seu trabalho — "*As ações Reflexas do Cérebro*" — aparecido em 1863, trabalho surpreendente para a época, foi uma tentativa arrojada no estudo dos hemisférios cerebrais e a primeira pesquisa objetiva sobre os segmentos superiores e mais evoluídos do Sistema Nervoso, o que pela primeira vez se realizava na história das ciências. Até essa data, não existia qualquer conhecimento real da função dos hemisférios cerebrais.

Já em 1859, havia surgido a obra de Darwin — "*A Origem das Espécies*" — e a concepção darwiniana da evolução, que veio agitar intensamente o espírito científico mundial e imprimir-lhe novos rumos, influenciou também sobre o espírito de Setchenov.

Setchenov afirmava que a atividade psíquica do homem se manifesta por sinais exteriores e que a enorme diversidade das manifestações exteriores da atividade cerebral se reduzia, afinal, a um único fenômeno: o *Movimento Muscular*.

Dividia, então quanto à sua origem os movimentos musculares em dois grupos: os *Involuntários* e os *Voluntários*. Os *Involuntários* tinham lugar, invariável e fatalmente, logo em seguida de uma irritação sensitiva, e o mecanismo desses fenômenos era bem simples: da pele até a medula espinhal se estendem filetes nervosos sensitivos e, por sua vez, da medula aos músculos vão os nervos motores; é na medula que os nervos dos dois tipos são ligados entre si por meio das células nervosas.

As ações deste gênero Setchenov chamava e considerava como *Ações Reflexas*, porque ali a excitação do nervo sensitivo se refletia sobre o nervo motor.

Depois, Setchenov passa a tratar dos chamados *Movimentos Voluntários*, chegando a proclamar que a atividade exterior do homem se decompõe em ações reflexas, que começam por uma excitação sensitiva, se continuam por um ato psíquico determinado e se terminam por um movimento muscular; e que, se todos os atos psíquicos, sem exceção, têm lugar por meio de ações reflexas, consequentemente, todos os *movimentos voluntários* que derivam de tais atos, são, estritamente falando, *movimentos reflexos*.

Setchenov abria, assim, um novo caminho na ciência do cérebro.

Dizia êle: "A nova psicologia terá como base, ao invés das sibilinas especulações filosofantes, feitas pela enganosa voz da consciência, fatos positivos ou pontos de partida que poderão ser verificados em qualquer momento pela experimentação. E somente a fisiologia pode fazer isso, porque somente ela tem a chave da análise científica dos fenômenos psíquicos."

Setchenov alcançava, então, um descobrimento espetacular: uma teoria racional das faculdades psíquicas, iniciando-se pelos simples reflexos e estendendo-se até as formas mais complexas da atividade mental. Representando sob a maneira de um todo fisiológico o mundo subjetivo, Setchenov desfechou um golpe mortal na velha concepção clerical da alma.

Por causa disso, em virtude de seus trabalhos honestos e avançados, fazendo divulgação de suas idéias científicas através de cursos e revistas para grandes massas populares, embora não fosse um político militante, mas fosse um verdadeiro homem de ciência e amigo do seu povo, Setchenov sofreu privações e injustiças, por parte do governo czarista. Foi submetido a processo, seu livro interdito, foi afastado da sua cadeira de ensino na Academia de Medicina Militar de Petersburgo e obrigado a sair da cidade. Isso aconteceu por volta de 1866. Perseguido até o fim de sua vida, Setchenov tinha como principal inimigo o governo czarista, que, por causa dos seus interesses de classe, queria ignorar as grandes descobertas dos sábios e cientistas russo — como Setchenov — e procurava o mais das vezes abafar com a força ou com a violência, essas descobertas e os seus descobridores.

Setchenov morreu em 1905.

PAVLOV

Ivan Petrovitch Pávlov nasceu no dia 14 (26) de Setembro de 1849.

A sua infância transcorre em *Riazan*, sua cidade natal, e os seus primeiros estudos se realizam numa escola religiosa, pois seu pai era sacerdote católico.

O pai de Ivã Petróvitch era um homem possuidor de boa cultura, que se interessava pela literatura e era leitor assíduo da revista de vanguarda daquele tempo — "*Sovriemenik*" (O Contemporâneo) — despertando nos seus filhos entusiasmo pelo trabalho intelectual, firmeza de caráter, perseverança nas metas traçadas e cultivo da saúde pela prática esportiva.

Na casa paterna ainda, durante o período de estudos no seminário, Pávlov toma contacto com as obras dos grandes democratas revolucionários russos, dos filósofos materialistas Tchernichevski, Dobrioliubov, Bielinski e Pssarev, defensores das ciências naturais e de seu desenvolvimento como uma das alavancas da concepção materialista do mundo.

Sobre esta etapa de sua vida, disse Pávlov: "Sob a influência da literatura

dos anos 60 e, sobretudo, de Pssarev, os nossos interesses intelectuais se voltaram para as ciências naturais, e muitos de nós (e entre eles também eu), decidimos estudar ciências naturais na Universidade."

Foi nesse período que Pávlov tomou conhecimento com o primeiro livro de fisiologia que lhe caiu nas mãos — *A Fisiologia Prática*, de Lewis.

Na sua juventude ainda, lê a obra de Setchenov, *Os Reflexos do Cérebro*. Este livro apaixonou Pávlov, que mais tarde iria dizer do papel que as idéias de Setchenov marcaram na sua carreira e na sua vida: "O impulso principal para a minha decisão, se bem ainda não consciente, de estudar no cão, esse companheiro do homem tão próximo e fiel desde os tempos pre-históricos, me foi dado pela influência que havia exercido sobre mim na juventude, o grande livro "Os Reflexos do Cérebro" de I. M. Setchenov, pai da fisiologia russa."

Em 1869, Pávlov abandona o seminário, em virtude de uma autorização oficial que permite aos estudantes ingressarem na Universidade. Pávlov então parte de Riazã, em companhia de seu irmão Dimitri, e matriculam-se ambos em 1870 na Faculdade de Petersburgo, hoje Leningrado. Pávlov decidiu dedicar-se ao ramo da fisiologia, ao passo que seu irmão mais tarde viria a ser assistente de Mendelejev.

O seu gênio pesquisador iria logo se revelar, nas suas primeiras pesquisas. Inspirado sempre pelas idéias de Setchenov, sua tese de estudante sobre a *ligadura do conduto biliar* e onde já procurava apontar o papel do Sistema Nervoso na secreção pancreática, lhe valeu conquistar uma medalha de ouro.

Ao terminar a Universidade, no ano de 1875, Pávlov ingressa, para aprofundar seus estudos de fisiologia, na Academia Médico-Cirúrgica (hoje, Academia de Medicina Militar, em Leningrado), graduando-se em 1879.

Simultaneamente, torna-se assistente de Fisiologia no Instituto Veterinário. Em seguida, Pávlov trabalhou nos laboratórios do grande clínico Botkin.

E aquela concepção do *Nervismo* revelada já desde a sua tese de estudante, se arraiga cada vez mais em seu espírito, até que se mostra fecunda, na sua tese fundamental: *O Nervo Centrífugo do Coração*.

Este trabalho foi realizado logo após sua formatura na Faculdade de Ciências e Faculdade de Medicina, quando Pávlov já colaborava no serviço clínico de Botkin. Desenvolvendo os estudos da circulação, principalmente da função e da regulação nervosa cardíaca, Pávlov procurou pesquisar um determinado nervo regulador da intensidade e frequência dos batimentos, demonstrando a ação do Sistema Nervoso sobre o coração, permitindo maior ou menor afluxo sanguíneo nas coronárias e menor ou maior força dos movimentos cardíacos.

O que lhe interessava não era o nervo em si, do ponto de vista meramente anômico, mas a intervenção do Sistema Nervoso nas grandes funções do organismo. Provocando a excitação desse nervo de reforçamento cardíaco, Pávlov provou na prática as noções da *Inervação Trófica*, ressaltando o papel do Sistema Nervoso sobre o metabolismo e as funções do coração.

Ao apresentar sua tese de láurea — *O Nervo Centrífugo do Coração* — em

1883, Pávlov próprio põe em realce, não só nas suas pesquisas como também nas suas idéias fisiológicas, os fundamentos da teoria do *Nervismo*, fundada por Botkin.

Obtendo assim o título de doutor em medicina, Pávlov viaja em 1884, por dois anos, para o estrangeiro, quando, por esse tempo, no panorama científico europeu, estavam em grande evidência as idéias de Claude Bernard, Herbert Spencer, Helmholtz, Ludwig e Heidenhain.

Pávlov, que já era casado desde 1881 com uma aluna dos cursos pedagógicos — Serafina Vasilievna Karcevskaia — após o seu regresso, continua ainda em companhia de seu irmão Dimitri Petrovitch.

Instala-se numa dependência do novo Instituto de Medicina Experimental, em Leningrado, e somente em 1890, é nomeado professor da Academia de Medicina Militar, primeiramente na cadeira de Farmacologia e, mais tarde, passando para a de Fisiologia.

Nesta altura é que Pávlov inicia as suas pesquisas sobre as *Glândulas Digestivas*.

Até então não se conheciam os limites das funções dessas glândulas e considerava-se grosseiramente que elas eram apenas excitadas pelo contacto direto com os alimentos, sem qualquer interferência do Sistema Nervoso. Nada explicava a harmonia e a coordenação do seu funcionamento.

Pávlov, cirurgião exímio, ambidestro, procurou nos seus trabalhos conseguir um meio experimental fisiológico sobre o organismo vivo, numa época em que os métodos de investigação do organismo usavam os processos da *dissecção*.

Numa de suas primeiras tentativas técnicas, fazia fistulas no conduto gastro-intestinal do cão, para obter as secreções das glândulas digestivas em forma pura, sem a contaminação do alimento.

Foi aí que realizou a bela experiência da *"alimentação fictícia"*: — operando sempre no cão, o esôfago aberto no pescoço e uma fistula praticada no estômago, o alimento dado não chega a este último, mas o suco gástrico é secretado, escoando-se pela fistula. Secionado depois o Nervo Vago, interrompia-se a secreção gástrica: logo, a secreção não é feita pelo contacto direto do alimento, mas sim em consequência de uma atividade *"reflexa"* do Sistema Nervoso.

No decorrer dessas pesquisas, Pávlov efetuou numerosíssimas outras experiências, entre as quais a chamada do *"pequeno estômago"*, que era uma pequena parte da viscera que ele separava da outra maior porção, deixando intacta a normal inervação das glândulas. O alimento administrado seguia seu curso, do esôfago ao "grande estômago", duodeno, etc. O "pequeno estômago" continuava a funcionar, refletindo a mesma função e trabalho do outro.

Em 1897, Pávlov publicou os resultados de suas experiências sob o título: *"Lições sobre a atividade das principais glândulas digestivas"*.

Enquanto ainda estudava o problema das glândulas digestivas, Pávlov se chocou com um fato que era conhecido desde a antiguidade: a chamada *"secreção psíquica"* das Glândulas Salivares. Pela

simples observação tanto no homem como nos animais, evidenciava-se a existência de uma secreção salivar, tão somente pela vista do alimento, e era assim denominada, porque não tinha relação alguma com a absorção dos alimentos.

Foi nesse ponto importantíssimo, quando se procurou interpretar as causas desse fenômeno, que se separaram as concepções fisiológicas e psicológicas, ou melhor, as concepções materialistas e idealistas. Pávlov divergiu então do seu colaborador Snarki.

Snarki interpretava subjetivamente o fenômeno, como se o fato fosse análogo aos fenômenos observados no próprio homem. A psicologia clássica afirmava que "a inteligência do cão associava" a vista, o odor, os ruídos, à impressão deixada pelo contacto direto do alimento.

Pávlov, diante da esterilidade de tal ponto de vista, quis sair do problema, conservando-se um fisiologista puro, isto é, um observador e experimentador objetivo, encarando os fenômenos exteriores e analisando também as suas relações no organismo animal.

Então Pávlov teve a genial hipótese de que essa *"água na boca"* era o resultado do REFLEXO, com sede no cérebro. Se isto era verdade, qualquer outro estímulo ou excitante, o som, a luz, a picada, etc., deveria produzir o mesmo efeito. E, partindo dessa idéia, prosseguiu.

Pávlov passa agora a operar sobre as *Glândulas Salivares* do cão, pelas facilidades técnicas que oferecia e melhor manejo da experiência e exato controle das secreções.

Fazia coincidir a ação do som de um metrônomo com a ingestão do alimento. Fazia soar o metrônomo e logo em seguida dava o alimento; repetindo esta combinação, um número variável de vezes, somente o som do metrônomo depois era suficiente, sem a presença do alimento, para desencadear o processo da secreção salivar. Esquemmatizando:

Alimento → Salivação
Som do metrônomo -|- alimento → Salivação

Salivação
Som do metrônomo → Salivação

No primeiro caso: com a ação direta do alimento, dava-se a excitação das papilas da mucosa bucal, seguindo a excitação pela via nervosa natural até a zona salivar, desta voltando por sua vez a ordem para a salivação. Aqui, a via nervosa é completa e previamente estabelecida.

No segundo caso, isto é, quando o som do metrônomo é capaz de provocar a resposta salivar, dá-se o seguinte: uma zona primitivamente não relacionada com a salivação (zona auditiva), é ligada a este processo, pelo fato da coincidência no tempo do som e da ação do alimento. Quer dizer: aqui, a via nervosa é estabelecida e completada pelos *hemisférios cerebrais*, formando-se assim uma ligação *temporária* entre a zona auditiva cortical e a zona salivar subcortical, estando a zona salivar ligada por uma via nervosa às respectivas glândulas.

Pávlov denominou o alimento de EXCITANTE ABSOLUTO ou INCONDICIONADO, e a resposta salivar, obtida pela ação direta do alimento, de REFLEXO ABSOLUTO ou REFLEXO INCONDICIONADO, porque este reflexo

fundamentos

Tendências do Cinema Norte-Americano

JOHN ALEXANDER

Como uma contribuição ao estudo crítico dos filmes que constituem a dieta forçada de nosso povo, apresentamos aqui alguns trechos de um ensaio publicado pela revista inglesa «The Modern Quarterly (número do Inverno, 1951-52)». É nossa intenção voltar ao assunto, através de outros artigos do mesmo autor, e de outros autores estrangeiros e nacionais.

HOLLYWOOD é, hoje em dia, a mais importante arma cultural do imperialismo norte-americano. Dispõe de uma base econômica internacional, desenvolvendo muito além dos sonhos de um Goebbels, Hollywood constitui a principal arma ideológica com a qual Wall Street procura esmagar a resistência dos povos do mundo, desarmar os seus intelectuais, e minar os desejos de independência e direitos iguais das nações.

Sendo uma das maiores indústrias dos Estados Unidos, os filmes de Hollywood tem um papel destacado, como produtos comerciais, na crise geral de exportação do imperialismo norte-americano. Forçando a sua aceitação por parte do mercado mundial, os monopolistas de Wall Street pretendem estrangular o desenvolvimento de indústrias cinematográficas nacionais independentes e adaptar o conteúdo de seus filmes às exigências da «guerra psicológica». Nisto, seguem fielmente a política traçada por Goebbels para a indústria cinematográfica nazista.

Hoje em dia, nos países capitalistas, o filme comercial recebe, tal como os filmes alemães da época de 1919 a 1933, a decaência da sociedade; e preparam o caminho para o governo autoritário ao tentar destruir nos povos a sua disposição de luta. Hollywood oferece aos ensinamentos de Goebbels através da criação do mito

da raça superior norte-americana, visando a guerra e a dominação mundial pelos Estados Unidos.

Há os filmes de guerra, atualmente sobre a Coreia. Há os filmes que tratam de política exterior. Há os filmes sobre o comunismo em geral. Dos outros, que refletem idéias pré-fascistas mas não são diretamente inspirados pelo Departamento de Estado, há os filmes de gangsters, tais como *O Segrêdo das Joias*, *Cidade Nua*, *O Demônio da Noite*, *A Força do Mal*, *Punhos de Campeão*, *Famco nas Ruas*,

Os Desgraçados Não Choram, *A Vida Por um Rio*; os filmes que refletem o profundo cinismo de Hollywood para com as instituições estabelecidas, como o casamento, as relações de família, o teatro, o próprio cinema, tais como *Crepúsculo dos Deuses*, *Malvada*, *Algemas de Cristal*, *Uma Rua Chamada Desejo*, *Horas Intermináveis*, etc. Há os filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, *Iwo Jima*, *Um Passado ao Sul*, *Amnésia em Okinawa*, *Trágica Decisão*, *Até o Último Momento*. Há os filmes de far-west, que pouco têm de história, mas que são feitos para glorificar a violência; e os filmes «científicos» da classe de *Destino à Lua* e *O Fim do Mundo*; os seriados do mesmo gênero, que apresentam a ciência como uma força sobrenatural.

A ciência e a psiquiatria já se transformaram em potências místicas, apresentando-se como as únicas forças capazes de resolver as contradições de sanar a sociedade norte-americana. Assim mesmo, o quadro acionante apresentado neste filme como *O Fim do Mundo*, que encontra um fácil paralelo em milhares publicações «super-científicas», reflete o medo norte-americano da ciência e a sensação generalizada de um fim imminente atra-

vés de algum especial avanço ou descoberta.

Os incidentes de violência e brutalidade desenfreadas atingiram um novo zênite nos mais recentes filmes norte-americanos de guerra e gangsters. Em *O Segrêdo das Joias*, o chefe de polícia chama a atenção dos repórteres para as contínuas atividades criminosas que têm lugar em Chicago; e observa que o cidadão norte-americano normal vive na orla de uma selva que o absorveria instantaneamente não fora pelo trabalho da polícia. Filmes assim reafirmam que a gente honesta não tem meios de ganhar a vida honestamente, que a gente comum está inevitavelmente perdida e confusa. Por piores que sejam a polícia, o Exército e a burocracia, dizem tais filmes, com eles está a chave da segurança, e somente eles são capazes de impedir o avanço da misteriosa e assustadora selva.

Alguns filmes recentes, destacando-se *Horas Intermináveis* e *A Montanha dos Sete Abutres*, deram especial ênfase à histeria da massa. Todo o sistema norte-americano de imprensa e publicidade foi nelas sujeito à mais cínica análise. No entanto, o efeito não é positivo. A conclusão inescapável é que o norte-americano normal deve lutar com unhas e dentes para sobreviver. Ambos os filmes revelaram um profundo desprezo pelas massas e pelo comportamento das massas. *A Montanha dos Sete Abutres*, que trata especialmente do jornalismo norte-americano, faz diversas referências a uma «guerra que se trava algures» e à iminência de uma guerra mundial, que seria muito bem recebida pelos diretores de jornal, como incitadora de grandes tiragens, se não durasse muito.

A inevitável desvalorização da vida humana foi uma das características

não depende de preparo ou condicionamento prévio.

Pavlov denominou o som do metrônomo, primitivamente indiferente (excitante indiferente) a sanção, de REAÇÃO CONDICIONANTE, pois que, após sucessivas experiências de condicionamento, era capaz de provocar a mesma resposta sanar provocada pelo estímulo. Esta resposta, neste caso, foi denominada por Pavlov de REAÇÃO OU REFLEXO CONDICIONADO, porque o seu aparecimento está na dependência de determinadas condições.

Estava assim descoberto o MÉTODO DOS REFLEXOS CONDICIONADOS, método este que iria permitir o estudo objetivo das regiões nervosas até então inexploradas e que levaria à formação de uma teoria científica na fisiologia, a TEORIA DA ATIVIDADE NERVOSA SUPERIOR.

Um REFLEXO CONDICIONADO é, portanto, a resposta a um excitante primitivamente indiferente, que por um determinado processo foi ligado, temporariamente, com a resposta de um outro excitante absoluto.

Pavlov chamou também o som do metrônomo de estímulo do alimento, porquanto ele produz o mesmo efeito que este, esançou que a formação do reflexo condicionado depende da integração dos hemisférios cerebrais. Experiências feitas com cães descreveram demonstraram que os reflexos incondicionados subsistiam, porque eles são sub-corticais, embora estejam sob o controle da corteza cerebral; mas o animal perde a capacidade de reter ou de formar novos reflexos condicionados.

Em 1902, e publicou o primeiro trabalho de Pavlov sobre os reflexos condicionados sanvares. Mas, como acentuava Pavlov, a via para a investigação fisiológica do cérebro já tinha sido realizada, 500 anos antes, por Rene Descartes. Descartes já conceituava o REFLEXO como a atividade essencial do Sistema Nervoso e apontava que toda atividade do organismo é uma resposta a um agente externo e que a relação entre o estímulo e o órgão que reage é determinada por uma via nervosa.

Nessa direção, nos primeiros anos do século, Pávlov tencionava criar as bases

da *Fisiologia da Atividade Nervosa Superior*. Sanenta, então, a superioridade do método fisiológico sobre o psicológico, ao se tratar de pesquisar sobre as funções dos hemisférios, pois somente o método fisiológico podia possuir os recursos necessários de investigação dos hemisférios, oferecendo também os meios eficazes para a análise ulterior dos fenômenos subjetivos.

Afirmava Pávlov que: não seriam nunca as interpretações subjetivas as capazes de explicar as funções do cérebro, mas bem ao contrário, teria de ser achado o fundamento fisiológico dos processos mentais.

Em 1904, Pávlov recebe o galardão do Prêmio Nobel, pelos seus trabalhos sobre a Fisiologia da Digestão. Em 1907, é eleito acadêmico da Academia Russa de Ciências.

Durante os anos que se seguem, Pávlov e seus discípulos prosseguem afanosamente nas suas experiências e pesquisas, feitas tanto em animais como no homem, elaborando todo o grandioso conjunto da *Teoria da Atividade Ner-*

principais dos filmes alemães pré-nazistas, tais como *A Rua da Amargura* e *O Anjo Azul*. A doutrina do «desfêcho infeliz», inevitável para tôdas as esperanças relações pessoais, é uma tendência dominante nas sociedades onde os fatos da vida quotidiana parecem inconsequentes e destinados ao malôgro. Nos círculos intelectuais dos Estados Unidos e da Europa Ocidental (entre os quais esse tipo de filme é popular), isto já foi elevado à categoria de um «princípio de arte», de uma concepção adulta.

Esses filmes, apesar de sua cândida admissão da crise geral da vida norte-americana, são diferentes dos filmes progressistas norte-americanos da década de 1930 a 1940 — *Esquecer Nunca*, *Vinhas da Ira*, *Juárez*, *Zola*, etc. Tais filmes estavam livres da estranha histeria, da falta de segurança e da desesperança que afetam, nas modernas produções de Hollywood, não só as personagens principais mas também as secundárias. Em geral, nos filmes mais antigos, as personagens secundárias eram gente com uma fé simples em seus empregos e no futuro; hoje em dia, essas figuras de fundo sofrem tanto da neurose dominante como os pistoleiros e os lunáticos. Nos filmes da era de Roosevelt, os sindicatos eram frequentemente mencionados; em pelo menos um, *Stand In*, que se desenrolava em Hollywood, a greve era apresentada como uma coisa normal e necessária. Hoje em dia, não há menção dos sindicatos ou mesmo de quaisquer atividades políticas positivas e organizadas. A política é tratada como um fator que intensifica a crise; os políticos são tão corruptos como os gangsters. Em muitos casos, a violência da vida norte-americana é atribuída ao treinamento para a guerra. Em geral, enquanto os filmes da década de 1930 a 1940 mostravam uma sociedade vigorosa que expunha as suas piores características, as produções atuais fazem da corrupção uma virtude, mostram-na como inescapável, impossível de ser combatida — e malusam as sensações que ela provoca. Fora dos Estados Unidos muitos críticos já o reconhecem. Roger Manvell, criticando *Pânico nas Ruas* na B.B.C., observou: «O Século XXI registrará,

sem dúvida, como os filmes norte-americanos de gangsters da década de 1930 a 1940, feitos nos estúdios, foram substituídos pelos filmes de criminosos da década de 1940 a 1950, feitos nas ruas, com todo o realismo técnico dos documentários. Certamente, dirão esses futuros críticos, os melados do Século XX devem ter sido uma terrível época de individualismo e de cruel e barbárica licenciosidade». Outro crítico, Alan Dent, falando de *O Segredo das Jotas* disse: «Há uma nova propensão, que deploro ardentemente, de mostrar que sómente os criminosos podem ser interessantes». É possível sentir, sem dar grandes tratos à imaginação, enquanto se assiste a *Horas Intermináveis*, que o torturado adolescente, equilibrado no beiral da janela do hotel, muito acima das câmaras de televisão dos comentaristas radiofônicos, dos holofotes, dos jornalistas e das multidões assustadas, cínicas e confusas, é ele próprio um retrato da sociedade norte-americana hesitando antes de lançar-se ao abismo numa explosão de publicidade histórica que cerca, por exemplo, um dos passeios triunfais do General MacArthur.

Característica de todos os filmes de guerra — tanto dos que tratam da Segunda Guerra Mundial como dos que abordam a atual Guerra Coreana — é a escolha de uma simples unidade militar, uma patrulha ou um grupo pequeno de soldados, e o acompanhamento de suas pequenas aventuras militares sem relacioná-las com as consequências mais amplas da guerra. Tendo podado tôdas as referências à luta anti-fascista dos filmes que tratam da guerra passada, os diretores, que não mais têm em seus filmes qualquer conteúdo social verdadeiro, forçam a sua tensão unicamente sobre novos métodos de apresentar assaltos e ação e sobre uma análise refinada das relações pessoais entre os combatentes. Esta, por sua vez, é divorciada de toda análise do passado dos soldados na vida civil; quando tal análise aparece, esporadicamente, serve apenas para confirmar a falta de rumo dos soldados mesmo na vida civil e projetar a sua insegurança na insegurança geral da guerra e na probabilidade de uma morte súbita. A intros-

pecção desses filmes, seu isolamento das correntes positivas da vida, levam a um quadro de camaradagem entre os homens que possui um caráter fortuito, muitas vezes homossexual, e muito diferente da verdadeira camaradagem humana dos homens em, por exemplo, *Sem Novidade no Front*, de Milestone. Um caso digno de registro é o das relações de «Pretty Boy» *Duncannon* e «Pigeon» *Lane* em *Até o Último Homem*, também de Milestone.

Aliás, vale a pena estudar três filmes de guerra feitos por Lewis Milestone: *Sem Novidade no Front* (1930), *Um Passeio ao Sol* (1945) e *Até o Último Homem* (1950). Eles revelam um crescente declínio de conteúdo positivo e uma intensificada devoção à técnica pela técnica. *Um Passeio ao Sol* marcou um estágio entre a análise séria da guerra e de seu impacto sobre a sociedade capitalista, vista em *Sem Novidade no Front*, e a atual glorificação desarrazoada da guerra. Em *Um Passeio ao Sol*, ainda havia referências às ideologias em jogo na guerra, e a batalha de Stalingrado era mencionada.

Analisando-se as opiniões dos críticos ingleses sobre *Até o Último Homem*, vê-se um declínio paralelo, levando ao derrotismo, assim como algum vigoroso protesto. Diz Roy Nash em *The Star*: «É quase como se o homem que começou por odiar a guerra em *Sem Novidade* tivesse terminado por apaixonar-se por sua aterrorizante beleza». O crítico de *The Spectator* exclamou: «Como são encantadores os mensageiros da morte!» Por outro lado, Leonard Mosley, em *Daily Express*, protestou: «Esse punhado de histéricos sentimentais vão à vitória através de gritos, choros e palanfrórios». Richard Winnington, em *News Chronicle*, comentou: «Com *Até o Último Homem*, Milestone, o ex-pacifista, fecha o círculo e se exalta com a beleza, a força e o barulho de tanques e bombardeiros de mergulho». E, finalmente, em *The Daily Mail*, Fred Majdalany observou: «Nunca é demais declarar outra vez que a suprema tragédia de nossa época é que a crueldade e a degradação humana, em suas formas mais extremas, já se tornaram um lugar comum».

vosa Superior, através do *Método Objetivo e Experimental dos Reflexos Condicionados*.

Com o advento da Revolução de Outubro — em 1917 — e, conseqüentemente, com a instalação do Governo Soviético, é justo ressaltar os imensos recursos materiais que foram dados aos laboratórios de Pávlov, o que veio imprimir um impulso extraordinário aos trabalhos realizados pela escola pavloviana.

Em janeiro de 1921, um decreto especial do Conselho dos Comissários do Povo, assinado por Lenini, determinava a «criação de condições favoráveis para o trabalho científico do acadêmico Pávlov e seus colaboradores», «considerando os méritos científicos absolutamente excepcionais do acadêmico I. P. Pávlov, os quais tinham enorme significado para os trabalhadores de todo o mundo».

Aliás, Lenini já há algum tempo vinha acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos científicos tanto de Pávlov como de Mitchurin e ardentemente os aprovava. Em colaboração com Gor-

ki propõe reunir e publicar todos os trabalhos de Pávlov. Nasce assim a célebre obra de Pávlov: «*Vinte anos de experiências no estudo objetivo da atividade nervosa superior (comportamento) dos animais. Reflexos condicionados*».

Uma importante etapa na evolução da doutrina de Pávlov, no período soviético, está ligada à fundação do Instituto de Pesquisas Científicas, em Koltuchi, perto de Leningrado, em 1922.

Em 1927, sai a lume uma nova obra de Pávlov — «*Os Reflexos Condicionados — A função dos grandes hemisférios*» — que reúne a série de 23 lições dadas na Academia de Medicina Militar, onde são apresentadas as principais experiências realizadas por Pávlov e seus colaboradores, até essa data.

O labôr incessante de Pávlov e sua escola avança ainda, além do dia de sua morte — ocorrida a 27 de fevereiro de 1936 — quando o mestre contava 86 anos de idade.

A Escola de Pávlov desenvolve-se vigorosamente até os nossos dias, abrin-

do caminhos e horizontes par a pesquisa científica na fisiologia e na medicina e dando cada vez maior solidez ao edifício da teoria da *Atividade Nervosa Superior*, e a partir desta como base, a *Fisiopatologia Córtico-Visceral*.

Nos últimos meses e semanas de sua vida, Pávlov elaborou uma importante carta — *Carta à juventude soviética* — que é o *Testamento de Pávlov* aos jovens cientistas de sua pátria.

Quem vai hoje a Leningrado, pode encontrar a 30 quilômetros dessa cidade, a antiga aldeia de Koltuchi, onde se instalaram os laboratórios do Instituto de Fisiologia Experimental, com a sua «Torre do Silêncio», local de trabalho de Pávlov. Hoje, Koltuchi chama-se Pávlovo, e o Instituto de Fisiologia recebeu o nome de Instituto Pávlov. Diante do pavilhão central dos laboratórios, erguem-se três bustos, erigidos em honra dos três precursores: René Descartes, Charles Darwin e Ivã Setchenov. No umbral, pode-se ler uma frase do grande mestre: «Observar e observar».

O INCÊNDIO DE MOSCOU

S. KOJUKHOV

(Trechos de um importante artigo do historiador soviético S. KOJUKHOV sobre a guerra de 1812, em que são desfeitos erros e falsificações históricas divulgados por inúmeros autores entre os quais Eugênio Tarlé)

A Guerra Nacional de 1812 é um destacado acontecimento da história do povo russo e da história universal. Foi uma guerra justa e patriótica contra o exército de Napoleão que havia invadido a Rússia e punha em perigo os destinos do nosso país. No transcorrer desta guerra, o povo russo, sob a direção do grande estratega M. I. Kutuzov, derrotou o exército mais poderoso da Europa ocidental da época, o exército napoleônico, revelando assim o seu enorme poderio e a sua superioridade na arte militar. Alcançando a vitória, o povo russo salvou a sua honra e a independência do país. Ao mesmo tempo, sua vitória foi de importância decisiva para a libertação dos povos europeus do jugo de Napoleão. O grande feito de 1812 é um exemplo gritante de patriotismo, de coragem e heroísmo. Eis porque a história científica da época, dando-nos uma interpretação objetiva da Guerra Nacional, mostrando com justeza a atuação do povo e do exército russo, o desempenho de Kutuzov no aniquilamento das tropas de Napoleão, é de uma tão grande importância.

Ora, nestes últimos tempos, uma enorme quantidade de materiais e documentos foram publicados e uma série de investigações efetuadas, sobre a Guerra Nacional de 1812 e sobre a atividade estratégica de M. I. Kutuzov.

Contudo, apesar do número relativamente grande de obras impressas versando este assunto, a literatura histórica soviética não nos deu ainda uma interpretação suficientemente completa e justa de numerosas questões que concernem a esta Guerra e ao papel desempenhado por Kutuzov, nem desmascarou completamente a falsificação da história dos anos de 1812 feita pelos historiadores da burguesia e da nobreza. Alguns destes trabalhos revelam mesmo uma influência da historiografia burguesa. Sente-se esta influência particularmente no livro do Acadêmico Eugênio Tarlé,

«A invasão da Rússia por Napoleão». Este livro, lançado em 1943, em sua segunda edição repete sobre as questões fundamentais as opiniões errôneas e tendenciosas dos historiadores e autores alemães, franceses e ingleses: Clausewitz, Wilson, Segur, Thiers, Bernardi e outros, que falsificaram a história e diminuíram a importância de Kutuzov, do exército e do povo russo no desbaratamento das forças de Napoleão.

... Tendo o Acadêmico Tarlé se proposto a estudar a guerra de 1812, deveria consultar as obras dos historiadores burgueses e nobres e, principalmente dos historiadores estrangeiros, de um ponto de vista severamente crítico, e desmascarar todos os seus erros, dando uma interpretação justa e objetiva de um acontecimento tão importante. Não foi isto, entretanto, o que fez Tarlé. Seu livro está imbuido de um espírito de admiração diante dos «realismo severo» de Clausewitz, considera como «extremamente importante para a história da guerra» a obra desonesta de Bernardi, etc...

Devemos atender ao fato de ter Tarlé se apoiado principalmente sobre os documentos estrangeiros, frequentemente duvidosos e ignorando numerosos documentos russos incontestáveis. Ele cita como documentação as narrativas dos alemães, franceses, ingleses e transcreve abundantemente as memórias de Napoleão, suas cartas à esposa, mas duvida dos documentos autênticos de M. I. Kutuzov (seus relatos, cartas, ordens do dia, etc.).

A derrogação, em princípio, de um estudo objetivo e geral dos materiais e documentos, pela orientação tendenciosa dos relatos estrangeiros, conduziu o acadêmico Tarlé a cometer grandes erros na sua interpretação da guerra de libertação nacional, a Guerra Nacional do povo russo contra o exército de Napoleão, o exército que representava os objetivos de agressão e invasão da grande burguesia contra-revolucionária francesa.

Qual é a imagem que nos dá o livro de E. Tarlé, do papel de M. I. Kutuzov na guerra nacional?

Numerosas vezes E. Tarlé fala das «capacidades estra-

Ilustração de Virginia Artigas



tégicas enormes», da «coragem pessoal indestrutível», da «imensa capacidade militar de Kutuzov» etc. No entanto, na interpretação dos atos de Kutuzov (a batalha de Borodino, a preparação do contra-ataque e o golpe mortal dado em Napoleão), ele se separa da verdade histórica.

... E. Tarlé esforça-se para demonstrar que Kutuzov não via possibilidade de derrotar o inimigo nos campos de batalha, mas era partidário da defesa passiva usada por Barclay. Kutuzov «evitava mais ainda que Barclay, antes dele escreveu Tarlé, uma grande batalha contra Napoleão no caminho de Moscou, em Tarudino, nem em Maloyareslavetz, nem em Krasnoé, nem em Beresina» (pag. 148). E mais adiante: «A diferença entre Kutuzov e Barclay consistia no fato de que Kutuzov sabia isto: Napoleão pereceria, não apenas devido às distâncias simplesmente, mas ao deserto em que o povo russo transformaria o seu país para provocar o fracasso do inimigo invasor.»

O acadêmico E. Tarlé vê como razão do fracasso da agressão de Napoleão contra a Rússia, não a luta heróica do povo russo e a arte estratégica de Kutuzov, mas os espaços enormes da Rússia e a tática de «terra incendiada», dando importância primordial, na derrota de Napoleão, à extensão do território russo, Tarlé não faz mais do que repetir a lenda, criada pela nobreza e sua burguesia, de um Barclay-de-Toll, «salvador» do exército russo, tendo aplicado a única tática justa», lenda, segundo a qual, Kutuzov tinha «roubado» de Barclay o seu posto, o seu poder e os seus intentos. (pags. 316-317).

E' deste ponto de vista que Tarlé interpreta todos os acontecimentos mais importantes desta guerra.

.....
E, notadamente, a questão do incêndio de Moscou. Segundo Tarlé, o exército de Napoleão foi derrotado, não pelos golpes decisivos que lhe desferiu o exército russo (por exemplo em Borodino), mas pelas enormes extensões da Rússia, a fome, o rigor do frio e o incêndio de Moscou, que foi, supostamente, incendiado pelos seus habitantes. Previamente ao livro de F. A. Garine, «A Expulsão de Napoleão», publicado em 1948, E. Tarlé escreveu: «A coroa de ouro do conquistador do mundo ruiu-se no incêndio de Moscou... O conquistador recebeu ali o golpe mortal, desferido diretamente no coração. A tragédia de Beresina, foi, deste modo, como toda a catastrófica retirada, provocada pela impossibilidade de resistir ao inverno nas terras incendiadas...»

Tarlé parece ignorar o fato de que, no curso do período da marcha sobre Moscou, durante os meses de inverno de 1812, o exército de Napoleão já tinha perdido, nos seus embates com o exército russo, entre mortos, desaparecidos e prisioneiros, cerca de 120.000 homens. Apenas em Borodino, Napoleão perdeu cerca de 60.000 soldados, 1.800 oficiais e 41 generais. Antes da retirada de Moscou, durante a preparação do contra-ataque e sua realização, o exército russo e os grupos de guerrilheiros acrescentaram novos golpes destruidores ao inimigo, que determinaram a derrota das hostes napoleônicas.

Tais fatores como a imensidão territorial da Rússia, o frio, a fome, as doenças e as deserções, foram, de fato, de uma certa importância; mas esta importância está bem longe de ser decisiva na vitória sobre o «invencível» Napoleão e seu «grande exército» como procura fazer crer E. Tarlé. As cartas mencionadas acima, sobre as perdas de Napoleão refutam completamente sua afirmação de que a derrota de Napoleão não se verificou nos campos de batalha.

E. Tarlé procura isentar Napoleão de responsabilidade na devastação e no incêndio de Moscou. Seu livro repete a cantilena dos historiadores da Europa Ocidental que dão ao general francês a imagem de um capitão virtuoso. Reeditando as taboas sobre o humanismo de Napoleão, Tarlé o reabilita por todos os meios e procura fazer crer aos leitores que o exército napoleônico não começou a incendiar Moscou sino a partir do momento em que começou a retirada. Numerosos documentos testemunham que o exército de Napoleão devastou, puniu e incendiou cidades e vilas da Rússia, não apenas em sua retirada de Moscou, mas também quando avançava em direção dessa cidade.

Pelos participantes dos acontecimentos de 1812, os generais e oficiais russos, F. Toultchev, F. Glinka, I. Radjiski e muitos outros, sabemos que Napoleão ordenou o incêndio de Smolenski «vi um quadro dos mais espantosos, disse Glinka. Fui testemunha da destruição de Smolenski... Napoleão deu ordens para incendiar a cidade que não podia dominar pela força. Os celerados cumpriram as ordens do monstro. Nuvens de bombas e granadas foram atiradas contra as casas, os torreões, as lojas e as igrejas. E as casas

e os torreões foram envolvidos pelas chamas, e tudo que se podia queimar foi queimado.» (F. Glinka, Cartas de um oficial russo, 1815, pags. 34-35).

E. Tarlé passou por cima de muitas fontes de informações francesas que, entretanto, bem conhecia e nas quais mesmo os franceses não procuram encobrir que o exército de Napoleão saqueou as cidades russas. O general Francês Chambray, que participou da guerra, escreveu que no exército de Napoleão «a desordem não era punida; os soldados a ela se entregavam como se tivessem autorização para tal e todo o país passava a ser vítima das chamas. Mesmo os templos não eram poupados. Os homens, os cavalos, os transportes neles penetravam e ali se acomodavam sem nenhuma ordem. Enfim, a partir de Smolenski, a campanha assumiu um caráter repelente de invasão de bárbaros». A mesma testemunha ocular disse que «Gjatsk e Dorogobouj estavam intactas quando os franceses as ocuparam; a primeira dessas cidades... foi completamente queimada na primeira noite após a chegada dos franceses; a segunda teve a mesma sorte a 27 de Agosto». (História da Expedição Russa, Paris, 1823, pags. 277-278).

Numerosas cartas e memoriais de testemunhas oculares e contemporâneos russos confirmam que os soldados de Napoleão se conduziram como bárbaros. Na carta de A. F. Merzhakev a F. M. Veliaminevitich-zernov, de 14 de Março de 1813, lê-se: «Aquele que não condenou os monstros franceses, ou é estúpido ou é um monstro também. E' preciso conhecer os milhares de narrações dos russos que sobreviveram, para se saber até que ponto chegou a bestialidade, a violência. Entretanto, ainda existem alguns semiloucos que procuram excusá-los e até mesmo justificá-los; e existem outros que pretendem dizer que todos os incêndios foram causados pelos russos; isto no momento em que o próprio Napoleão se vangloria em Paris diante de todo o mundo!» (Os Arquivos Russos, 1803, pags. 112-113).

Os fatos e os documentos provam que os russos, animados por um sentimento sagrado de ódio contra aqueles que tinham invadido seu país, destruíram efetivamente, à aproximação do inimigo, tudo aquilo que poderia ser utilizado para fins militares, para o abastecimento de seu exército: os estoques de víveres e munições, a forragem, as reservas de armamentos. Mas de modo nenhum transformaram seu solo em um «deserto queimado» como afirma E. Tarlé.

Tarlé interpretou erroneamente as causas do incêndio de Moscou e reproduziu a lenda criada pelos historiadores burgueses da Europa Ocidental, que diz terem sido os russos os que incendiaram a cidade. Desde 1812, no n. 12 da revista russa Filhos da Patria, foi desmascarada a tentativa de Napoleão de dissimular diante da opinião pública mundial seu ato criminoso de destruir Moscou. Esta revista, fez um comentário sobre os materiais saídos na revista imperial francesa que tinha publicado as declarações pretenciosas de Napoleão assegurando que a tomada e a devastação de Moscou e de Petersburgo quebrariam a resistência do povo russo.

As testemunhas oculares deram um quadro verídico do incêndio e do saque premeditado da grande cidade pelo exército de Napoleão. Por exemplo, o inspetor principal do Asilo de crianças abandonadas, M. F. Toutelmine, de quem E. Tarlé cita testemunho mas deturpando seu caráter, presenciou a organização do incêndio, as pilhagens, os assassinatos e toda sorte de crueldades e ultrajes às populações pacíficas feitas pelas tropas inimigas. M. F. Toutelmine escreve: «A 4 de Setembro teve lugar o incêndio mais terrível, do qual eu me sinto incapaz de descrever toda a monstruosidade. A cidade inteira foi entregue ao fogo; os templos sagrados queimavam, os palácios e os edifícios se transformavam em cinzas: os pais e as mães se lançavam no fogo para salvar os seus filhos... O Asilo de crianças abandonadas se encontrava em grande perigo, cercado de fogo por todos os lados... Quando eu procurava, com o meu pessoal, apagar o incêndio com a ajuda dos esguichos de bombeiros, os incendiários franceses punham fogo num outro lado... Depois de tudo terminado permaneci ainda muito tempo em perigo, porque os incendiários franceses continuaram a rodar em torno do Asilo. Estabeleci uma ronda permanente, dia e noite, em volta do prédio, com os meus subordinados, e guardava a água em diferentes lugares; graças a estas medidas, me foi possível salvaguardar o Asilo do fogo». (Leituras da Soc. Imp.-Univ. de Moscou, 1860).

Os documentos da guerra nacional de 1812, publicados por P. I. Chtchoukine, contém a narração pungente e trágica da morte de várias centenas de soldados russos gra-

vemente feridos, no local da Casa das Viúvas, na qual os franceses atearam fogo: «A Casa das Viúvas de Kudine queimou a 3 de Setembro. O fogo não atingiu as casas vizinhas. Sabedores os franceses de que cerca de 3.000 feridos estavam dentro da casa, atearam fogo a substâncias inflamáveis, apesar das súplicas do vigia Meritzki. Mais de 700 feridos morreram. Os que ainda tinham alguma força saíram e se dispersaram. No interior do prédio realizavam-se calmamente os serviços religiosos. Todos se confessaram e comungaram à espera da morte.» (Documentos Concernentes à Guerra Nacional de 1812, v. 5, Moscou, 1900, pag. 155).

M. I. Kutouzov tomou uma posição resoluta contra as tentativas napoleônicas de lançar a responsabilidade do incêndio de Moscou sobre o exército russo e os habitantes da cidade. Na biografia do Marechal, escrita em 1813, citam-se as seguintes palavras de Kutouzov em, resposta à declaração do parlamentar francês Laurinon: «Quanto ao incêndio de Moscou, disse Kutouzov, eu sou velho e experiente; gozo da confiança do povo russo e sei o que se passa em Moscou a todo momento, a cada hora. Eu mesmo ordenei que se queimassem as grandes lojas, mas só no momento da chegada dos franceses; os russos apenas queimaram mantimentos. Vós tomastes posse do que restava e começaste a distribuí-lo entre vós. Os russos iniciaram muito poucos incêndios. Vós haveis destruído a capital com método: vós haveis anunciado os dias e determinado os quarteirões a incendiar e a hora precisa de começar. Eu estava a par de tudo. A prova de que os habitantes de Moscou não a devastaram, é que vós procedestes a demolição das casas e dos edifícios mais sólidos com tiros de canhão durante os incêndios. Ficai certos de que nós tudo faremos para fazer-vos pagar.» **A Vida e as ações Militares e Políticas de Sua Alteza General Marechal Michel Llarionovitch Gedenichteheve Kutou-**

zov — Smolensk, St. Petersburgo, 1813, vol. III pag. 108.

E. Tarlé parece ignorar este testemunho, como os outros, que são irrefutáveis; e, para demonstrar a inocência dos franceses no incêndio de Moscou, sustenta que Napoleão tinha intenção de deixar seu exército invernar. Mas numerosos documentos mostram que Napoleão não contava passar muito tempo em Moscou abandonada pelos seus habitantes e privada de reservas de víveres suficientes. Fain, secretário pessoal de Napoleão, escreveu em seus **Materiais para a Historia de Napoleão**, que este tinha a intenção de, logo após a tomada de Moscou, abandoná-la e retirar-se para Dvina, afim de ameaçar Petersburgo: «Se a perda de Moscou não abalou a política do gabinete, a ameaça contra Petersburgo e o ataque contra Vitgenchtein tornarão, certamente, o gabinete mais acomodaticio e um mês nos será suficiente para quebrar sua resistência. Este era o plano concebido pelo imperador.»

Este plano napoleônico de manobra para o lado de Petersburgo, foi posto em cheque pela marcha de flanco de Kutouzov na direção da estrada de Kalouga. O aparecimento do exército russo a 30 quilômetros de Moscou na posição da Pakhra Vermelha bloqueou o exército francês em Moscou. Napoleão foi então, forçado a tomar medidas para evitar a derrota definitiva de seu exército. Fez desesperadas tentativas para forçar Alexandre I a aceitar entendimentos de paz. Com este objetivo, como escreveu Caulaincourt «preocupou-se em encontrar meios de tirar a responsabilidade pelo incêndio de Moscou das costas do exército francês, aos olhos de Petersburgo». (A. Caulaincourt, **Memórias**, pag. 153). Foi com este fim que Napoleão organizou a comédia dos julgamentos de russos «incendiários» e fuzilou em massa centenas de inocentes.

CIENTISTAS OU COLABORACIONISTAS

NEWTON DE ABREU

URANIO PARA A GUERRA — eis como se pode caracterizar a ofensiva dos Estados Unidos em todo o mundo ocidental para contróle das jazidas dessa importante matéria-prima atômica. A viagem de Gordon Dean, presidente da Comissão de Energia Atômica dos EE.UU. à América do Sul é um capítulo de um movimento de grande envergadura no qual está também envolvido o Brasil. Vejamos como está se desenvolvendo a política atômica norte-americana no Brasil, através de um exame objetivo.

O BRASIL E OS TRATADOS INTERNACIONAIS

Há muitos anos que se sabe da existência de minérios de urânio no Brasil. A monazita, principal fonte de tório, já vem sendo explorada desde 1885. A valorização do urânio começou, depois do lançamento das bombas atômicas em 1945. A partir dessa data, os norte-americanos começaram a ensaiar como se apoderar do urânio de todas as nações «amigas» por meio de tratados ou outros expedientes. O governo brasileiro, quer no período ditatorial de Vargas, quer no período de Dutra, assumiu compromissos específicos para com os Estados Unidos no que se relaciona com materiais estratégicos. Citemos os principais compromissos.

a) Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas do Rio de Janeiro — 15 de janeiro de 1942 — Ata Final, cap. II — Produção de Materiais Estratégicos, cap. III — Manutenção das Economias dos Países Americanos.

b) Conferência de Chapultepec — Cidade do México — fevereiro e março de 1945 — Ata Final, cap. XXI — Reajuste Econômico do Hemisfério durante o período de transição.

c) Voto do representante do Brasil junto à Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas, apoiando o Plano Baruch sobre o Contróle Internacional da Energia Atômica (voto dado pelo Almirante Álvaro Alberto). (Especificações fornecidas pelo CEFME do Conselho de Segurança Nacional, «O Jornal» — Rio, 22-10-1950).

d) O chamado «acôrdo secreto» da monazita firmado em Washington por Valentim Bouças, segundo especificações de Horácio Láfer (Diário do Congresso Nacional — 18-3-1950). O fato é também confirmado pelo comunicado do CEFME que exime o Conselho de Segurança Nacional de qualquer responsabilidade, pois o mesmo não foi ouvido a respeito e lança a responsabilidade política desses acordos lesivos aos interesses nacionais aos governos Vargas e Dutra.

e) Acôrdo Administrativo entre o

governo brasileiro e o americano ficando os técnicos ianques com autorização para fazer o levantamento geológico e topográfico do território brasileiro, tendo em vista os depósitos de materiais estratégicos e escassos. (urânio e tório). Este «acôrdo» foi assinado a 26 de novembro de 1948 sem autorização do Congresso Nacional e publicado no «Diário Oficial» da União somente a 10 de fevereiro de 1949.

f) Acôrdo de troca de minérios radioativos, assinado pelo Ministério das Relações Exteriores e o Conselho Nacional de Pesquisas com a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. Este acôrdo ainda não foi publicado pela imprensa oficial, mas apareceu em linhas gerais, esboçado na imprensa diária («O Tempo» — 11-11-1951).

Podemos ainda citar os chamados «acordos de cúpula» que abrangem os setores universitários. Estes acordos são:

g) Instituição de Bolsas de Estudos pela Fundação Rockefeller, de New York, que abrangem os investigadores universitários brasileiros. Estas bolsas somente são concedidas aos investigadores que se especializam num determinado setor ou que desejam estender esta especialização. Além disso, estas bolsas aparecem como uma espécie de prêmio, depois de comprovada a «lealdade» do investigador à causa americana.

h) Acôrdo de cooperação com a UNESCO. Como se sabe, este organismo cultural das Nações Unidas faz o jogo aberto em conjunto com a política do Departamento de Estado dos Estados Unidos, no Brasil.

i) Acôrdos comerciais preferenciais, que dão mãos livres à penetração de capitais americanos no Brasil, principalmente no ramo da mineração. Daí a regulamentação feita pelo Conselho Nacional de Pesquisas sobre a pesquisa e a lavra de minérios de interesse para a produção de energia atômica. O regulamento publicado no Diário Oficial de 7-12-1951, diz, em seu artigo 23 — «As autorizações de pesquisas ou lavra de que trata o presente Regulamento ficarão, a qualquer tempo, sujeitas às restrições admitidas pelo Governo Brasileiro em seus compromissos internacionais.» Este regulamento foi autorizado pelo Sr. Getúlio Vargas e referendado pelo Ministro da Agricultura, Sr. João Cleofas.

OS AMERICANOS A PROCURA DE HOMENS

Estes tratados, porém, não são suficientes. Quando os norte-americanos tentaram iniciar o cumprimento desses acordos encontraram aqui, um ambiente hostil e de franca resistência às suas pretensões, resistência que tanto partia dos setores nacionalistas das forças armadas como das forças civis vivas da Nação. Houve um momento de recuo dos norte-americanos como que obumbrados pela fulgurante luz da resistência brasileira. Mas resolveram investir por outros setores, inclusive a pressão econômica e política. Não vamos nos preocupar com este problema, agora. Precisamos demonstrar como foi feita a política americana no Brasil em relação ao «pessoal» — os instrumentos com que trustes e o Departamento de Estado trabalharam em nossa terra. Trata-se de um problema de política, de moral. Os norte-americanos precisavam justificar, de qualquer forma, sua penetração por força desses acordos e para isso precisavam de homens de «responsabilidade» e de «cartaz» que executassem a política desses acordos. Andaram eles à procura desses homens no Brasil.

Ao iniciar, pois, a sua ofensiva do urânio no Brasil, os norte-americanos prestaram grande atenção aos homens com os quais iriam «trabalhar.» Dividiram, de acôrdo com seu plano de trabalho, este homens em dois grupos, assim designados: 1) grupo científico; 2) grupo técnico-econômico. Para o primeiro grupo procuravam envolver a maioria dos físicos, que tinha relações diretas ou indiretas com suas instituições universitárias, com a Instituição Rockfeller ou com a UNESCO. Veremos, no decorrer deste documentário, em que constituiu a política desses dois grupos desenvolvida no Brasil, de acôrdo com os desígnios do Departamento de Estado.

OS AMERICANOS ENCONTRAM SEUS HOMENS

A primeira etapa da política norte-americana constituiu em encontrar dentro do Brasil um homem que pos-

suisse «cartaz» e que pudesse empolgar seu povo e governo e, assim, com maior desenvoltura facilitar, coordenar e unificar tôdas as ações sobre a energia atômica, no Brasil facilitando, assim, a penetração da política norte-americana. Esta é a história do mesônio artificial.

Em 1935, o jovem físico e matemático japonês Yukawa, através do cálculo previu que devia existir uma partícula intermediária entre o electrônio e o protônio. Em 1936, Anderson com Street, Woodward e Stevenson e depois com Neddermeyer, trabalhando numa altitude de 4.300 metros expôs aos raios cósmicos cerca de 10.000 chapas fotográficas. Trabalhou também com câmaras de Wilson. Examinando estas chapas e observando as trajetórias de partículas fotografadas na câmara de Wilson, descobriu que ali existia uma nova partícula que era exatamente a prevista por Yukawa. Os físicos designaram estas partículas com o nome grego de «meson» que quer dizer intermediário. Esta descoberta foi prontamente confirmada pelas pesquisas de Babha, Heitler, Carlson, Oppenheimer, Blackett e outros. Pouco a pouco duas escolas notáveis se formaram no estudo dessas misteriosas partículas: a escola britânica, com Powell à frente e a escola soviética, liderada por Alikhanian e Alikhanov. Ambas as escolas dividem a honra de ter descoberto varias espécies de mesônios naturais, produzidos na radiação cósmica. A presença dessas partículas no núcleo atômico é um grande quebra-cabeça: deve nascer em consequência de uma transformação quântica de outra partícula no momento de uma troca de forças intranucleares, ou, quando é expulsa de um núcleo. A existência dessas partículas veio, sem dúvida alguma, modificar a teoria das forças nucleares. Trata-se de um capítulo de física nuclear sujeito a revisões, portanto, seus detalhes não devem nos interessar para a continuação dessa exposição. Digamos, apenas, que estas partículas possuem a vida média de alguns bilionésimos de segundo e que sua função é obscura na natureza (Oppenheimer, Powell, Blackett.) Não se sabe o que fazer delas; não interessam ao problema da produção de energia atômica, pois os processos de produção de energia subnuclear com o urânio, o tório e o plutônio não se modificaram e não se modificarão, pois, o fenômeno básico dessa produção é a chamada fissão — descoberta por Hahn, Strassmann e Meitner. Portanto, os mesônios interessam muito mais a física nuclear teórica.

As coisas estavam nesse pé, quando, em fevereiro de 1948, se anunciou que o físico brasileiro César Lattes, trabalhando sob a direção de Eugen Gardner, no Laboratório de Radiação da Califórnia, com o ciclotrôn de 400 milhões de e.v., havia conseguido obter, em emulsões nucleares e de acôrdo com um arranjo feito por Mac Millan, uma variedade de mesônio. Tratava-se de um fato que, em outros tempos seria considerado perfeitamente normal: os jornais anunciariam um dia, a descoberta; no outro dia seria apresentada aos cientistas e passaria, desde então, a ser discutida exclusivamente pelos especialistas. Mas, não

foi isso que se deu. Nesses tempos de exploração política e também de catabotismo, o que se viu foi uma catadupa de notícias explorando todos os ângulos possíveis e impossíveis da descoberta do mesônio artificial e, principalmente, sobre a personalidade de César Lattes. Um estudo cuidadoso mostra que 99 por cento dessa propaganda, partiu diretamente os Estados Unidos para o Brasil, desprezando-se outros países. Da genialidade ao Prêmio Nobel foram temas explorados pelos propagandistas americanos e seus sub-agentes no Brasil. Al Neto, conhecido esbirro do Departamento do Estado escreveu, por exemplo: «O Brasil possui um dos maiores cientistas atômicos dos nossos tempos: é o professor César Lattes, o homem que descobriu o mesônio pesado, sem o qual teria sido impossível o atual progresso da ciência atômica (que progresso?) Na verdade César Lattes tem recusado ofertas de empregos verdadeiramente tentadoras, que lhe têm sido feitas pelos Estados Unidos, onde ele estudou e onde é tido em alto conceito (Serviço de Imprensa da Embaixada Americana.) Por outro lado, há evidente dualidade de conceito, aqui, no Brasil e nos Estados Unidos. Por exemplo, Yagoda quando fala no mesônio artificial, costuma citar o trabalho como sendo de Gardner e Lattes. (Radioactive Measurements with nuclear emulsions — J. Wiley & Sons, New York, 1949 — página 307 e seguintes.) Nesse mesmo livro ficamos sabendo que este trabalho de Gardner e Lattes foi realizado no Laboratório de Radiação da Universidade da Califórnia, trabalho estipendiado pela Comissão de Energia Atômica sob contrato W-7405-Eng-48 (página 309.) Os americanos confiavam em Lattes!

Promovido a gênio, César Lattes iria agora se entregar à tarefa prática para a qual deveria dar o melhor de seus esforços: fomentar no Brasil o conragamento dos interessados em tôrno dos objetivos visados pelo Departamento de Estado. Como conseguiu semelhante coisa?

JOÃO ALBERTO ENTRA EM AÇÃO

Mais ainda, o álcool da propaganda americana subiu-lhe à cabeça. Os americanos queriam mesmo mantê-lo anestesiado para que, nesse estado, pudesse desempenhar sua missão. Uma vez amarrado, não poderia fugir, poi haveria o problema da cumplicidade. E foi o que aconteceu.

Logo depois da descoberta do mesônio artificial, o Ministro João Alberto entrou em entendimentos com César Lattes nos Estados Unidos, resultando desses entendimentos a fundação no Rio de Janeiro, do chamado Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Este Centro teve como fundadores: o Almirante Alvaro Alberto, Artur Moses, Bernardo Gross, Cirilo Hércules Florence, Edmundo de Macedo Soares e Silva, Francisco Mendes de Oliveira Castro, Gabriel Emiliano de Almeida Fialho, Hervaldo Guimarães, Homero Barbosa de Assis Martins, Joaquim da Costa Ribeiro, José Carneiro Felipe, José Leite Lopes, Lélío Itapoambira Gama, Lino Leal de Sá Pereira, Luís de Barros Freire, Luís Cintra do Pra-

do, Luís Osório de Siqueira Neto, Maurício Matos Peixoto, Nelson Alberto Luís de Barros, Orlando Rangel Sobrinho, Paulo de Assis Ribeiro, Paulo Ribeiro de Arruda e Roberto Marinho de Azevedo. (A Manhã — Rio 8-2-1949).

Em fevereiro de 1949 seguiu para os Estados Unidos o Sr. João Alberto. Conquanto afirmasse que ia entrar em contacto com César Lattes, um telegrama de Washington esclarecia que «a missão do Sr. João Alberto é levada a efeito de acôrdo e sob os auspícios da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos». «O objetivo de minha estadia neste país (Estados Unidos) — disse o Ministro João Alberto a AFP em Washington — é coordenar as pesquisas no terreno da energia atômica, presentemente desenvolvidas no Brasil, com as que se efetuam nos Estados Unidos» (A NOITE — São Paulo 15-2-1949). Qual era entretanto a verdadeira missão de João Alberto nos Estados Unidos? Um alto funcionário do Departamento de Estado em Washington declarava a AFP que João Alberto vinha tratar com os membros do governo americano sobre «fornecimento pelo Brasil, em compensação ao eventual auxílio americano econômico técnico tanto governamental como privado, de matérias primas estratégicas como o urânio». (Diário da Noite — São Paulo 11-12-1949.) Estes contactos foram confirmados pelo próprio João Alberto: «Durante minha estada nos Estados Unidos, procurei entrar em contacto com as entidades governamentais norte-americanas sobre os objetivos do nosso Centro de Pesquisas Científicas, afim de obter a colaboração técnica e financeira do país amigo para a realização do nosso programa de desenvolvimento do nosso material radioativo, tendo encontrado tanto da parte dos elementos administrativos, quanto científicos o maior interesse e simpatia» (A Noite — Rio de Janeiro, 23-2-1949.) Outra missão de João Alberto foi aplainar os entendimentos entre Truman e Dutra sobre o problema de matérias primas, especialmente o problema do fornecimento de urânio brasileiro (Diário da Noite, S. Paulo, 11-2-1949). Efetivamente, Dutra quando esteve nos Estados Unidos tratou desses problemas. O primeiro ato concreto, depois das conversações de Washington, foi a reunião a 13 de abril de 1949, no Rio de Janeiro, da comissão designada por Dutra para planejar a instalação do Conselho Nacional de Pesquisas. A esta reunião compareceram Alvaro Alberto, César Lattes, Maria da Silva Pinto e outros. Terminada a reunião, a reportagem pediu a Lattes a sua impressão: «A criação do Conselho Nacional de Pesquisas é essencial. Graças ao almirante Alvaro Alberto, a grande iniciativa já está quase na fase executiva. Será de grande repercussão no estrangeiro, pois possuímos todos os minérios estratégicos. E a razão do sucesso da iniciativa é o patrocínio pessoal do Presidente Dutra» (A Manhã — Rio de Janeiro, 14-4-1949). A 13 de maio de 1949, Dutra enviava mensagem ao Congresso acompanhada do projeto de lei que institua o Conselho Nacional de Pesquisas.

Desde este momento, o grupo pró-

americano se desdobrou, passando, então a ser: a) grupo científico; b) grupo técnico-econômico. O Departamento de Estado vencera a parada no Brasil.

O LADO TEÓRICO

A técnica de luta empregada no Brasil é fácil de ser percebida. Como se sabe, a energia atômica tem dois lados interessantes, o aspecto teórico e o aspecto prático. Por exemplo o estudo de raios cósmicos, de aparelhos contadores, aparelhos de desintegração nuclear (que consomem eletricidade) fazem parte, em sentido geral da física teórica e experimental. Por este caminho não se chegará à aplicação da energia atômica. A prática da energia atômica reside no estudo dos minérios de urânio e tório, na extração dos elementos radioativos, na sua aplicação em pilhas e reatores atômicos, na obtenção de isótopos radioativos. Trata-se de aplicações de processos científicos à técnica. Ora, o Departamento de Estado conseguiu cindir os grupos brasileiros sob seu controle, entregando ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, sob a direção de Lattes os aspectos teóricos, circunscrevendo-lhe uma determinada fronteira. O desrespeito a estas limitações implicaria no corte de verbas vindas da UNESCO ou da Instituição Rockefeller. Falando perante a Escola do Estado Maior do Exército, no Rio, Cesar Lattes definiu o caráter de sua missão no Brasil: «Quanto à utilização da energia atômica como força para fim industrial calculam os entendidos que serão necessários ainda cerca de três décadas para que possa ser aproveitada em caráter geral como fonte de suprimento de energia. Explicou ainda o prof. Lattes que não podíamos naturalmente pensar em construir pilhas atômicas, de alto custo e difícil execução, mas podíamos tratar sem demora da formação de uma elite de pesquisadores, de modo a dentro de cinco anos termos um conjunto de físicos experimentados capazes de incentivar a pesquisa em nosso meio, dando-lhes tempo integral que lhes facilite consagrar-se à ciência... A formação dessa elite de pesquisadores podia ser feita por meio de bolsas de estudos dadas aos jovens de todos os pontos do país, etc.» (Gazeta de Notícias — Rio de Janeiro — 13-9-1949). Quando os debates da monazita estavam mais acesos, Lattes se manifestou de forma a não ferir nenhum interesse: «A Índia proibiu, há bastante tempo, a exportação de areias monazíticas. No Brasil cogita-se disso e são do conhecimento público os calorosos debates que já se travaram sobre o assunto. Quanto a mim, só posso dar um ponto de vista restrito. Não há dúvida que o tório representa um valor potencial que deve ser protegido; não há dúvida de que é do maior interesse para o Brasil que sejam montadas aqui, fábricas para a industrialização de monazitas, isto é, separação do cério e demais elementos. Não há dúvida de que a areia monazita está sendo exportada a preço vil. Quanto ao fato de saber se devemos ou não proibir completamente a exportação ou restringi-la, não es-

tou em condições de manifestar-me. O problema é muito complexo e exige um conhecimento de dados e fatores econômicos e políticos que não possui». (Diário de S. Paulo — 20-8-1950). Convidado a se manifestar de maneira inequívoca, Lattes alega que não conhece o problema. Por que? Porque ele teria de se manifestar pró-nacionalização ou a favor dos «trusts». Ele fala apenas em montar fábricas para separar o cério, apoiando assim o grupo Lafer; fala em subir o preço da monazita, contentando, assim, o grupo de exportadores estrangeiros da marca de Davidovich e Lindsay; mas quando se trata de proibir a exportação, ele não está em condições de se manifestar... Já aprendeu como se fala no Brasil de Vargas...

Falávamos, porém, de física teórica. A calibração desse programa de física teórica no Brasil não é dado por Lattes e sim por José Leite Lopes, treinado nos Estados Unidos especialmente para desempenhar o papel. «Trabalhei em Princeton — diz aquele professor — juntamente com colegas eminentes, em investigações de física teórica, dedicando-me especialmente a pesquisar as teorias mesônicas e uma teoria das forças nucleares que considero como força atuando a pequena distância, etc.» (Diário de S. Paulo, 14-1-1950).

A UNESCO e o Departamento de Estado se juntaram para mandar ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas mais investigadores teóricos. «Mais um cientista famoso veio juntar-se à equipe de professores, que no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas sob o comando de Cesar Lattes e Leite Lopes realizam importantes pesquisas no domínio da Física Nuclear e da Física Atômica. Trata-se de Richard Feynman... O prof. Feynman viajou para o Rio contratado pela Faculdade Nacional de Filosofia em colaboração com o Departamento de Estado norte-americano, a fim de dar um curso de física e orientar as pesquisas que estão sendo feitas no C.B.O.F.» (Diário da Noite — S. Paulo, 31-7-1951). Feynman é professor de electrodinâmica.

A UNESCO também deu sua cooperação. «Esteve reunida na tarde de ontem, no Itamarati, com a presença de todos os seus membros, a Comissão Nacional de Assistência Técnica. No transcurso dessa reunião o cientista patricio Cesar Lattes, fez uma exposição sobre as questões relativas às atividades científicas a que se dedica, com o objetivo de ser encaminhada ONU, oportunamente, a solicitação de bolsas de estudos para estudiosos brasileiros, etc.» (A Noite, Rio — 18-8-1951). A UNESCO anteriormente havia respondido a idêntico pedido dizendo que ia mandar por sua vez ao Brasil três especialistas em eletrônica e raios cósmicos (A Gazeta, S. Paulo — 19-4-1951).

A UNESCO de acôrdo com várias personalidades brasileiras vai promover no Brasil, neste ano, um Congresso Mundial de Física. O temário está assim distribuído: câmara de Wilson, contadores de partículas, dielétricos, emulsões nucleares, física teórica, raios cósmicos, betatron, acelerador van de Graaff; circuitos eletrônicos. (Diário de S. Paulo, 20-2-1952).

A BAHIA E OS BRASILEIROS

EUNICE CATUNDA

Até bem pouco tempo ainda havia em mim uma espécie de sentimento de culpa, causado pelo fato de ter conhecido a Itália antes de conhecer a Bahia. Hoje verifico que isso foi um benefício. A Itália me preparou para ver a Bahia com os olhos mais brasileiros pois lá ganhei maior consciência do que somos nós, latino-americanos. A Europa me mostrou toda nossa força de povo novo, instintivo, expansivo, quase brutal em suas expressões de arte ainda tão puras, tão desligadas da arte cerebral das civilizações mais antigas, já prisioneiras da tradição no que ela tem de negativo e de morto.

Na Bahia recebi meu primeiro grau no diploma de brasileira. A chancela final virá depois, quando tiver conhecido o S. Francisco, o nosso pai S. Francisco que a Bahia exige de mim que conheça a fim de que eu possa conhecê-la ainda melhor.

Foi a Bahia quem me fez escrever isso que aqui está, quem me leva a fazer um apêlo a todos os artistas brasileiros. Um apêlo para que nos unamos em santa aliança, para defender nossa cultura e nossa tradição sul-americana, agora, mais do que nunca, ameaçada. É a Bahia que me leva a pedir a todos que se unam, a fim de que possamos promover viagens de estudo e de enriquecimento artístico, principalmente nós que vivemos nas grandes capitais, que conhecemos o Brasil mais por ouvir dizer, que nos perdemos em longas e estéreis discussões teóricas; estéreis porque não estamos apoiados na realidade brasileira, que mal afluamos. Unamo-nos a fim de melhor conhecer nossa pátria, percorrendo-a de norte a sul, em benefício do futuro que representamos, já que ainda somos nós, quase quarentões, a juventude do mundo. De nós depende a salvaguarda da arte popular, tão pouco conhecida ainda; do folclore que até hoje tem vivido encerrado em museus ou na memória de um ou outro que conhece algum de seus aspectos, infelizmente mais por curiosidade que por necessidade e amor.

É a Bahia viva, onde as tradições fazem parte da vida diária do povo, que me faz formular aqui esse desprezioso e brasileiríssimo apêlo para que não permitamos que a tradição seja relegada

da aos museus, entregue à poeira dos arquivos, como já tem acontecido em outros países da América Latina... como poderá acontecer aqui, se não nos movimentarmos para impedir isso.

A Bahia é o alimento necessário a todo artista que realmente deseje produzir algo de profundamente brasileiro. É ela que está alimentando artistas como Pancetti. Pancetti que há mais de ano anda pelas praias da Bahia pintando o mar, as areias, a gente, as palhoças praieiras, expandindo-se como artista criador, purificando sua arte nas cores, na vida extraordinariamente intensa e misteriosa da Bahia. É ela que faz com que Mário Cravo abandone suas pesquisas formais para pintar os magistrals ex-votos, os santos antigos, mergulhando em côr, em realidade, integrando-se no povo, conhecendo seus humildes artistas anônimos, convivendo com a gente nos mercados, nos vilarejos, nos terreiros de capoeira; a Bahia está transformando Mario Cravo num artista autenticamente brasileiro.

É ainda a Bahia que, exercendo sua influência sobre o artista jovem, inspira Rebouças, fazendo com que procure uma expressão arquitetônica atual integrada na realidade. É a Bahia que penetra a alma dos artistas todos, impondo-se, tornando-os mais conscientes de sua imponente realidade, reforçando-os, enriquecendo-os, entregando-os ao povo a que pertencem, despindo-os das falsas roupagens européias e revestindo-os com sua dignidade de cidade mãe, de Brasil vivo, violento e pujante.

Pois bem, apesar de sua heróica resistência, irmãos, a Bahia precisa de todos nós! Ela está sendo constantemente ameaçada pelo cosmopolitismo letal, pelo turismo depredador da autenticidade e da espontaneidade popular, a que se aliam o burocratismo, a ignorância do burguês provinciano que não participa da vida popular, que vive voltado para o ideal norte-americano do conforto e do puritanismo. A Bahia, que esmaga o existencialismo que ali não pode medrar, está sendo devorada pelas formigas miúdas que são os homens sem amor ao passado, que só vêm velharias nos monumentos históricos, que passam

as férias nas fazendas e vão ao Rio, à Europa ou aos Estados Unidos, por desfastio ou por esnobismo.

Chegando à Bahia, fui imediatamente empolgada pela luz, pela côr única e poderosíssima daquele mar turqueza, povoado de rochas lilazes e de branquejante espuma. Pela imaculada areia que sobe e desce morros como a neve européia dos invernos rigorosos. Vi os coqueiros nos acompanharem ao longo do caminho, beirando o mar e se adentrando pelo Abaeté do Caimi ainda não americanizado. O livro de Jorge Amado se abriu ante meus olhos pasmados. Vi a miséria do povo, que poderíamos tão bem sanar e a beleza do povo mestiço que haveremos de conservar. O gosto inesquecível da água de côco e de sua branca polpa me levou a dias longínquos de infância. Na Bahia estive em constante contacto com minha infância brasileira povoada de negros, de panelinhas de cerâmica indígena, de pequenos brinquedos criados pela arte popular, chegados às minhas mãos desde os áridos caminhos do nordeste. Encontrei-me com as velhas bruxas de pano que eram minha paixão. Compreendi como minha infância foi muito mais puramente brasileira que a de meus filhos, na qual se avolumam as terríveis ameaças das histórias em quadrinhos, do cinema americanizante, dos guerreiros brinquedos de corda, tão afastados das velhas jangadas, minhas companheiras nas antigas praias cariócas.

Minha infância me acompanhou durante uma semana, pelos mercados, pelas praias, pelas feiras e ladeiras, como prova da brasilidade da Bahia, me sorrindo no olhar carinhoso de uma negra baiana de porte altivo, no sabor dos quitutes, nos imensos portais dos velhos casarões, nos adros portentosos das igrejas, na beleza imorredoura do meu povo mestiço quase esquecido por meus olhos de criatura da metrópole turbulenta. Minha infância me embalou no doce falar da gente nordestina com quem mais uma vez me irmanei.

Voltei de lá mais rica, mais consciente de minha pobreza de conhecimento e do que sou como brasileira, mais convencida do muito que temos de trabalhar e lutar para merecermos o nome de intelectuais, de artistas brasileiros. A Bahia inteira é um chamado ao estudo, ao trabalho, à criação artística e à ação. É um apêlo vivo à sinceridade, ao desenvolvimento da consciência nacional em cada indivíduo que deseje realmente contribuir para o engrandecimento de nosso povo. Ela esmaga nosso orgulho vazio de artistas metropolitanos. Es-

Por que o Departamento de Estado dos Estados Unidos e a UNESCO mandam para cá só físicos teóricos especialistas em raios cósmicos e outros especialistas em mecânica quântica? O leitor deve ter percebido que, entre os especialistas estrangeiros enviados ao Brasil e no programa do Congresso Mundial de Física, não constam tópicos como esses: minérios radioativos; urânio e tório; sua industrialização; construção e aplicação de reatores atômicos; plutônio e elementos ultrarádicos; separação química do urâ-

nio, tório e elementos obtidos nas pilhas atômicas. Por que o sentido de orientação contrária? Simplesmente isto: o Departamento de Estado não deseja que se fale, no Brasil, de problemas ligados ao aproveitamento e aplicação da energia atômica. Isto é proibido. Sómente os americanos é que podem falar em aproveitamento e industrialização da energia atômica. As coisas se tornam, agora, claras; em primeiro lugar, tanto o Departamento de Estado como a UNESCO estão fazendo o mesmo jogo no Brasil; em se-

gundo lugar, enquanto os pesquisadores brasileiros estiverem ocupados em raios cósmicos ou mesons, não se importarão com o destino do urânio e do tório do Brasil. Enquanto estes cientistas tiverem laboratórios para brincar de física nuclear e polpudas bolsas de estudos, não se incomodarão que os Estados Unidos levem o urânio e o tório do Brasil — as «sobras», como dizem os gringos. Não; estes físicos não se importarão com tais «probleminhas». Pois não estão eles todos no bolso do colete do Departamento de Estado?

vo, nosso povo, nos faz ver a necessidade de vivermos uma vida coletiva como artistas. E só assim seremos grandes e brasileiros.

Foi vendo a violência do barroco baiano que compreendi o sentido de renovação que só o povo tem e que só ele nos pode dar. Compreendi o que poderá ainda produzir um povo que, mesmo esmagado e oprimido, criou tudo aquilo, quando esse povo estiver liberto da miséria, da ignorância, das guerras, em toda sua pujança, senhor de um novo mundo. Compreendi que a força renovadora daquele estilo decadente se manifestou ali porque quem a possuía eram os artesãos populares que, mesmo dentro da miséria de colônia, encontraram meio de expandir nas figuras de pedra, nas esculturas em madeira, nas pinturas e nas estranhas figuras do azulejo, seus instintivos sentimentos artísticos, violentos e bárbaros, resultantes da manifestação mais humana de sua natureza ligada ao ritual, ao fetichismo indígena e africano. Foi esse povo esmagado pelo regime social da colônia escravocrata e racista que, de seu espírito ainda inconsciente e não elaborado, fez emergir do estilo europeu decadente, o novo. E assim o barroco na Bahia tomou o sentido de arte de renascença, produto da alta cultura européia aliada à expressão bárbara do continente novo, transformado numa síntese artística já nossa, já integralmente brasileira.

Comparemos o que se faz agora, na Bahia, em matéria de arquitetura com o que já foi feito, na época colonial:

Quando se fala aos "Babbit" baianos da beleza daquela arquitetura, da necessidade de conservá-la intacta, eles nos olham com desconfiança, do alto de suas tamanquinhas de civilizados... Uma de suas argumentações prediletas é: "E como havemos de viver nessa velharia, nesses casarões sem conforto, sem instalações sanitárias, cheios de

águas-furtadas, de alcovas sem luz?" Acusam-nos de conservadores, de ratos de museu, etc. E nos apontam, como tipo de conforto e modernismo, mostrenhos como aquele que colocaram em frente ao farol da Barra, massa informe de concreto onde se abriga uma "boite", iluminada a gás neon, decorada por um mural onde se vêem vogar absurdos "yachts" europeus e outras coisas incríveis, algo sem cor, sem linhas, neutro, algo que ocupa um lugar no espaço, escondendo o céu e o mar da cidade do Salvador.

Esse um dos primeiros sinais de cosmopolitismo que vi por lá. Mas o cosmopolitismo está um pouco em toda parte. Surge no rádio, nos jornais, nas histórias em quadrinhos, nos turistas gozadores que percorrem as ruas, os mercados e as igrejas, despejados como pragas pelos navios, pelos aviões; por esses bipedes incapazes de amar alguma coisa, incapazes de compreender as tradições, colecionadores incorrigíveis do exótico, que limitam o mundo a "peças" de maior ou menor interesse comercial. E o pior é que ainda não aprendemos a nos defender dessa gente. E eles vão comprando, vão industrializando a arte popular, deturpando, canalizando para o estrangeiro as raridades, os tesouros de nossa arte colonial, roubando, enfim, sem escrúpulos, como fazem com nossas riquezas nacionais, com nosso povo, com nossa pátria inteira. Também, há até poetas que lhes dizem: "podem levar, isto tudo é vosso..." O ideal dessa gente toda, desses cosmopolitas, é levar Paris e Nova York para a Bahia. Transformar a Bahia numa colcha de retalhos, feita com pedaços da metrópole. De maneira que a gente, estando em Amaralina, se sinta como em Copacabana. Estando em Abaeté, se sinta como em Nice. Que se encontre ar refrigerado na Igreja de S. Francisco, serviço "a la carte" no restaurante de Maria de S. Pedro. Só terão sossêgo quando todas

as baianas de taboleiro servirem abarã em papel celofane. Quando a gente tomar água de côco em copos de papel, quando todas as ladeiras forem niveladas e alargadas todas as ruélas, a fim de que seus "cadillacs" rabo-de-peixe possam passar. Quando, afinal, tiverem arrazado a verdadeira Bahia, para, em seu lugar, construir uma inteiramente nova, de matéria plástica...

Felizmente há na Bahia um grupo de jovens artistas (que não pensa assim. E então vemos pequenas residências ou mesmo um Hotel da Bahia, que têm o grande mérito de se harmonizarem com a cidade da forma pela qual o novo se deve harmonizar com o velho. Nessa harmonização o azulejo desempenha grande papel. E vemos então os maravilhosos azulejos de Roberto Burle Marx se casando com as plantas nativas e estabelecendo uma ponte entre a colônia e a semicolônia... Vemos iemanjás criadas por Mário Cravo com pequenas conchinhas iguais, luzindo nas paredes exteriores de modernas casas praieiras de Pituba. E mais adiante, já em Itapoã, novos azulejos sobre motivos marinhos, também de Mário Cravo, povoarem de manchas luminosas a sombra sobre a qual se debruçam os verdes coqueiros que abrigam e agasalham a nova face da Bahia. Rebouças se encontram à frente dos jovens arquitetos que buscam e conseguem atribuir à Bahia um novo aspecto, sem permitir nunca que sua face venerável seja profanada por excrescências cosmopolitas. Para isso, buscam na tradição, nos azulejos, na simplicidade das linhas, no maravilhoso valor plástico das palmeiras e até nos mitos tradicionais do mar, a necessária inspiração. Esta lhes vem do povo que, como Mário Cravo, eles conhecem e amam. Dêsse povo lhes vem a arte verdadeira, o senso de beleza e da deslumbrante realidade, que só o povo não perde porque só ele vive integralmente.

LIVROS E REVISTAS

MASCARA "DEMOCRÁTICA"

Na revista de propaganda franquista editada pela Embaixada Espanhola no Rio de Janeiro, «Santiago», n.º de janeiro/fevereiro 1952, o governo do sanguinário ditador não se envergonha de utilizar dos nomes de Picasso e Garcia Lorca para simular uma máscara «democrática».

Com sucessivas «Missões de Cultura», revistas de «Cultura» os ditadores fascistas ibéricos, filhotes mas não órfãos (O Tio Sam os tomou sob tutela) de Hitler e Mussolini querem fazer esquecer atrás de doutos ensaios sobre literatura e arte, o estrangulamento, na Espanha, não só da cultura, mas o massacre sistemático dos melhores filhos do heróico povo espanhol.

Garcia Lorca, assassinado pelas hordas franquistas, comparece nas páginas da revista da Embaixada, com uma página inteira de desenhos, rápidas anotações, com as quais costumava ilustrar suas cartas. Terá o comentarista da revista da Embaixada enru-

bescido ao iniciar seu artigo com estas palavras «Frederico Garcia Lorca, al que una insensata propaganda política pretende en vano desplazar de su verdadero valor poético, era un génio múltiple de radiante vitalidad.»?

Mais adiante, outro artigo dedicado às artes plásticas.

E pelas reproduções de alegres quadros, mostrando gordos e festivos espanhóis em trages típicos, dansando, festejando e comendo, bem se vê que foram pintados em Nova York («Las Regiones Españolas pintadas por Sorolla en Nueva York»). Haverá ainda na Espanha mártir, sob o regime de fome e terror, alguns camponês satisfeitos como aqueles das pinturas reproduzidas?

E.L.F.

O CINEMA FRANCÊS VAI A O.N.U.

Uma delegação de cineastas, representando toda a profissão cinematográfica francesa, dirigiu-se à O.N.U. Desta

delegação destacavam-se: André Luguet, que apresentou as resoluções, Fernand Gravey, Yves Montand, Simone Signoret, Danièle Delorme, Françoise Rosay, Irène Joachim, Roger Desormiere, Jacqueline Francell, os produtores P. E. Decharme e A. Kamenka, os diretores Henri Decoin, Claude Autant-Lara, Louis Daquin, Henri Aisner, etc.

A delegação foi recebida pelo Sr. Ben Cohen, secretário-geral adjunto da ONU, encarregado das informações públicas (rádio, cinema, televisão).

O texto das Resoluções lido por André Luguet é o seguinte:

«Os delegados do cinema e do teatro francês vieram à ONU expressar suas grandes inquietações diante da situação internacional e pedindo-lhe que, com toda urgência, faça ser ouvida a voz de apaziguamento e da paz.

Esta voz de paz, não será encontrada deixando-se prolongar o curso da corrida armamentista, que é o método utilizado para preparar as guerras, que têm por efeito destituir as nações de

sua substância pacífica, e, por exemplo, de pôr em perigo, a existência mesmo do cinema e do teatro francês.

Esta voz de paz, não será encontrada deixando-se que se perpetuem os conflitos atuais, mananciais de ruínas e desolações, e focos de uma guerra mundial, que precipitem a corrida armamentista.

Esta voz de paz, não será encontrada deixando-se propagar e expandir as excitações de ódio.

Os delegados do cinema e do teatro francês pensam que a voz da paz consiste:

— em alcançar-se uma unidade sobre a redução de armamentos, aplicável imediatamente;

— na interdição imediata das armas de destruição maciça, e sobre um controle internacional equitativo e efetivo destas medidas;

— em convocar uma conferência internacional, para interditar, sobre todas as formas, as excitações ao ódio entre as nações."

"LA RAISON"

Devemos colocar nossos leitores a par da publicação desta revista francesa de Psicopatologia que se edita em Paris e da qual já foram publicados três números.

O objetivo de "La Raison" é o de ser uma revista de combate por uma concepção científica da psicopatologia, uma tribuna onde poderão ser discutidas e confrontadas — à luz dos fatos — as teorias contemporâneas, pois só uma crítica pelos fatos é uma crítica científica.

Querendo abarcar sobre todos os aspectos, os fatos em estudo, "La Raison" não se restringe a um estreito círculo de "iniciados, mas se dirige a todos os que estão relacionados com os problemas colocados pela vida mental: psiquiatras, médicos, fisiólogos, psicólogos, educadores, enfermeiros, assistentes sociais, etc.

A parte essencial é consagrada ao estudo da obra fundamental de Pávlov, obra esta que nos fornece o método e a teoria necessários para estudar o ser vivo sem fazer abstração de suas condições de vida, pois segundo Pávlov o comporta-

mento do organismo está relacionado com as excitações e condições exteriores, e que o organismo (em todas as suas funções) forma com o meio uma unidade.

Devemos ressaltar, no 1.º número de "La Raison", além da parte dedicada a Pávlov, artigos como o de Le Gullant — "O psiquiatra e a infância" — e o de Victor Lafitte — "Formar humanamente as circunstâncias" — nos quais são analisados os problemas da hereditariedade à luz do mitchurinismo, da infância dita difícil, do suicídio, ressaltando a importância das condições do meio social na gênese e evolução dos distúrbios psíquicos ou dos comportamentos anormais.

A parte crítica do 1.º número é feita pelo Dr. Jean Sanson, que em seu artigo faz uma análise irônica e mordaz da Revista "Psyché", que, não obstante suas pretensões científicas, não passa de uma revista de mitologia moderna. Para exemplificar, citaremos apenas uma afirmação de sua diretora, M. Maryse Cholsy, que, numa discussão sobre a culpabilidade", afirmou: "Vós levantastes o problema do falso sentimento de culpa, que possuíam os internados num campo de concentração, mas eu penso que seu sentimento de culpa existia antes, e que foi por isso que eles foram colocados num campo de concentração... as pessoas se pegam uma doença para suavizar sua angústia: tudo é melhor que o sentimento de culpa!"

Em seu 2.º número, "La Raison" apresenta uma análise crítica dos Congressos de Psiquiatria e de Criminologia, realizados em Paris em 1950, definindo precisamente as posições retrógradas ou mistificadoras da maioria das correntes ali representadas.

Oferece também um trabalho substancial sobre "A exterminação dos doentes mentais no regime nacional-socialista", no qual são transcritos documentos, relatórios e ordens de chefes e médicos nazistas, e denunciando esse "programa da eutanásia" hitleriano como um dos maiores crimes da história humana.

Esta apresentação muito incompleta e resumida dos dois números de "La Raison", pois o terceiro ainda não chegou ao nosso país, poderá dar aos nossos leitores uma idéia da riqueza desta publicação e do auxílio que ela virá trazer a todos os interessados em seguir a via do progresso.

J. B. B.

"ATUALIDADES MÉDICAS E BIOLÓGICAS"

Trata-se de uma publicação bimestral, editada no Rio de Janeiro, sob a direção do Dr. Alcedo Coutinho, e destinada essencialmente à divulgação em nosso meio, das recentes aquisições feitas no terreno das ciências biológicas e da medicina, e destacadas por traduzir o que há de mais avançado e progressista, no pensamento científico de nossos dias.

Assim sendo, um de seus objetivos é o de divulgar as realizações científicas na União Soviética, onde as pesquisas são realizadas à luz de uma concepção materialista da natureza, de um método dialético de investigação e profundamente ligadas à prática.

Em seus dois primeiros números, já aparecidos até agora, essa finalidade foi realizada concretamente.



O PESADELO DA GUERRA E O SONHO DA PAZ

DIEGO RIVERA: «A melhor coisa que já fiz.»

«O pesadelo da guerra e o sonho da paz», impressionante painel de Diego Rivera, encomendado pelo governo mexicano para ser exposto no «Salão de Maio» de Paris. No detalhe que estamos do trabalho do grande artista mexicano. vê-se Stalin, com Mao Tsé

Tung ao lado oferecendo a pomba da paz a três vilões: Tio Sam, John Bull e a Marianne francesa.

Atentando contra a liberdade de criação artística, o diretor de artes plásticas de Aléman desceu prazeiroamente ao papel de censor e o quadro não seguiu para a exposição de Paris. O painel de Rivera, que é a sua melhor obra, como ele próprio o disse, constitui um hino à paz, mas o seu título e o seu conteúdo tornaram-se um pesadelo para a reação mexicana.

Dialética do Conhecimento

Vem despertando intenso interesse em todos os círculos intelectuais o livro recentemente publicado pelo escritor Caio Prado Junior, "Dialética do Conhecimento", em torno dos principais problemas da filosofia.

A "Dialética do Conhecimento" está dividida em dois tomos, o primeiro dos quais, nas **Preliminares**, cuida do ciclo do conhecimento e das formas do pensamento, a linguagem e a lógica formal, e da metafísica e de suas falhas no que o autor chamou de *Prehistória da Dialética*.

No segundo tomo, encontramos uma história da dialética, seguida do método dialético, da teoria do conhecimento e do **Programa lógico da Dialética**. O livro contém ainda um índice analítico e remissivo e um índice de nomes, minuciosamente elaborados.

UMA ENTREVISTA

O crítico Mário Pedrosa, arauto do cosmopolitismo e teórico da «arte concreta», já não preocupa os que cuidam de defender a cultura nacional.

Poucos meses de uma relativa evidência foram suficientes para desprestigiá-lo quase inteiramente. E a penosa experiência por que passou perante a banca da Escola Nacional de Belas Artes, acabou de destruir os restos de influência de que ele pudesse ainda desfrutar.

Trata-se, entretanto, de um cidadão inquieto e confiante que, em lugar de deixar-se acobardar pelo fracasso, torna-se cada vez mais loquaz e animado. E isto não deixa de ser útil: à força de buscar originalidade, Mário Pedrosa acaba revelando certas coisas que os amigos procuravam cuidadosamente esconder.

A entrevista que concedeu ao «Jornal de Letras» sobre a Semana de Arte Moderna é expressiva deste ponto de vista. Para ele — ficamos sabendo — a principal contribuição do modernismo foi ter assegurado o direito de dizer besteiras em literatura, o que explica, pelo menos, e já não é pouco o seu entusiasmo pelo movimento de 22.

O crítico Pedrosa usa e abusa desta conquista importantíssima a seu ver, do modernismo. Depois de fingir-se de indignado porque a Academia Brasileira de Letras resolveu comemorar o aniversário da Semana (evento do qual o próprio presidente da República considera-se um dos herdeiros...) levado pelas insistentes perguntas do reporter, passa a referir-se às artes plásticas. E mostra-se um digno emulo do jovem Ivan Serpa que, há algum tempo, tentou a notoriedade negando valor ao mestre Portinari.

E vai mais longe. De acordo com o seu conceito de arte, não só o pintor de Tiradentes ficou para trás: também Segall e Di Cavalcanti são românticos e inatuais. E Guignard e Pancetti e Volpi, «falta-lhes uma vontade plástica mais transcendente»...

O crítico Pedrosa é um homem severo e intransigente: «em arte ou se é revolucionário ou inexistente», repete. E pergunta, chelo de dúvidas: será um homem como ele imprescindível à civilização?

F. J. P.



RENINA KATZ, prêmio de viagem ao país no Salão Nacional de 1951, expôs no Museu de Arte, na segunda quinzena de março p. passado uma seleção de 30 gravuras e desenhos. A exposição conseguiu atrair um grande público e constituiu um sucesso tanto do ponto de vista artístico, como cultural. Os frequentadores do Museu do sr. Bardy, já engulhados com a sequência ininterrupta de mostras de arte abstrata e patológica tiveram desta vez oportunidade de se defrontar com algo novo, sadio e sério. Realmente, a talentosa gravurista conseguiu levar para o 2.º andar do Museu, com as suas gravuras e desenhos, uma lufada de arte quente de vida e realidade. E o público reagiu bem diante da arte de Renina, porque o público apesar dos pesares, apesar das bienais, apesar dos esforços dos Rockefeller e Matarazzos, sempre reage bem diante do que é belo e humano, sadio e construtivo. A exposição de Renina revelou antes de tudo um esforço no sentido de colocar a gravura no seu verdadeiro nível, na altura de um grande veículo de comunicação entre o artista e o povo. Com esse objetivo, ela não só procurou interpretar temas e figuras populares (o jornaleiro, costureiras, atelier de costura, trabalhadores, verdureira japonesa etc.); como se esforçou por encontrar uma forma simples, dando concisão e clareza ao desenho, resolvendo os problemas básicos do claro e escuro em função das massas e volumes principais, sem qualquer artifício ou arabesco desnecessário. Julgamos mesmo que esse esforço de simplificação torna-se às vezes exagerado na gravurista, com prejuízo visível na criação do ambiente e da atmosfera dos segundos planos. Essa tendência à ênfase nas figuras e planos principais afeta não só a unidade de tratamento de certas gravuras como lhes diminui a força de comunicação e o valor como documento da vida e da realidade valor de conjunto da obra de Renina Katz. É uma crítica que se enquadra no próprio espírito de pesquisa e na linha de desenvolvimento de sua arte de gravurista. O que Renina Katz deseja, e o que a sua exposição revela, é justamente essa busca de unidade na gravura e a representação real, através de uma técnica flexível e justa, do homem e da vida brasileira. Sente-se que a artista tem uma meta a atingir e procura, no seu caminho, seguir os passos dos artistas chineses que conseguiram transformar a gravura numa arte de retratar a vida, as lutas e as vitórias de seu povo.

Renina Katz, com o prêmio conquistado no Salão Nacional do Rio de Janeiro vai ter agora oportunidade de percorrer o nosso país em execução artística. Nessa viagem ela entrará em contacto mais íntimo com o nosso povo, e poderá captar e transportar para as suas gravuras, ainda com mais força e vigor, todo o espírito nacional brasileiro que hoje se traduz em termos de luta pela Paz e Liberdade. A exposição de Renina mostra que a artista já está em condições de enfrentar essa tarefa e de elevar sua obra a uma altura imprevisível.

EUCLIDES DA CUNHA E A GREVE

GONÇALVES MACHADO

E' ainda de ontem a frase áspera que os homens da situação política do País repetiam com ênfase e entusiasmo, pois que a aprenderam da boca de um chefe da Nação: «A questão social no Brasil é uma questão de polícia».

E era mesmo. Não que, numa caminhada avassaladora, tivéssemos resolvido os problemas do trabalhador nacional. Não que houvessemos extinguido, numa magia circense de alta categoria, a diferença entre dominantes e explorados. Não que a ação governamental propiciasse um nível de planície calma e acariciadora para todas as classes da sociedade brasileira, de forma que qualquer agitação do trabalhador fôsse ato de desajustado, de criminoso, com o objetivo único e exclusivo de perturbar a paz reinante no seio de Abraão do nosso povo.

Nada disso. Muito pelo contrário. A questão era uma questão de polícia, só porque assim entendiam os poderes governamentais, levando para a alçada policial os desentendimentos entre patrões e empregados, as reivindicações do trabalhador e até as reclamações mais justas, mais perfeitas no estrito senso jurídico.

O direito de greve, direito que, com a liberdade de imprensa e de pensamento e a indiscriminação ideológica, forma a base triplíce em que se assenta a democracia, ainda em 1935, na Câmara Federal, deputados de partidos, que desfraldavam ufanos a bandeira democrática, negavam-no peremptoriamente, havendo mesmo um representante paulista feito esta afirmação: «considero a greve um fato e não um direito — fato abrogador do direito».

Nessa mesma ocasião, outro deputado falava em greve de tática bolchevista, o que provocou o révide imediato do eminente jurista Antonio Covelo, com estas palavras: «O meu nobre colega não poderá definir e apontar-me de acôrdo com qualquer das escolas, que traçam as diretrizes dos diferentes ramos do socialismo, desde os mais moderados até os mais avançados, o que seja uma greve de caráter bolchevista. Mesmo as greves de caráter revolucionário trazem, no fundo, um problema de ordem econô-

mica. Há greves que constituem um meio de reparação de injustiças; outras que se destinam a reparação de prejuizos, e outras que visam o equilíbrio de interesses entre patrões e operários; todas porém fundam-se no princípio da liberdade de trabalho».

Sempre, pois, e ainda mesmo neste avançadíssimo ano de 1952, ignorando ou fingindo ignorar a marcha do mundo, há vozes que se levantam, há razões que se engendram, há falsidades sociológicas que se manipulam, tudo num esforço tortuoso de negar a greve como um direito, mas ninguém conseguiu ainda elaborar um argumento forte, convincente, que mostre não ser a greve o caminho mais direto e o instrumento mais operante, para as conquistas dos que trabalham, para as conquistas dos que constituem a grande maioria das populações: os homens que o homem explora.

*

Estas observações, a respeito de coisas da idade coetânea, fazem o cronista reportar-se aos primórdios do século. E então lhe vem a mente o pensamento de Euclides de Cunha, tão moderno, tão atual, em contraste tão frizante com as idéias de antanho de muitos homens de hoje. Euclides da Cunha é, pode-se dizer, uma personagem de 1952 antecipada para 1900, de quem o seu crítico lusitano, José Pereira de Souza, escreveu:

«E, todavia, poucas mentes haverá, em nossas letras, luso-brasileiras, mais sizudas do que a do dr. Euclides da Cunha, espírito decididamente sério, a quem as grandes, minazes incógnitas sollicitam, das que compreendem o tempo e o espaço, ultrapassam as fronteiras e sobrepujam a continuidade histórica, impondo-se às civilizações. Fisionômica é, dest'arte e por tal teor, o capítulo intitulado «Um velho Problema». Este velho problema é o problema novo, é o problema eterno, problema social.

Recapitula o dr. Euclides da Cunha as aspirações utópicas, de que emergiram os livros sonhadores e hiperbólicos, «cujos títulos são como títulos de poemas», e traça uma síntese nervosa da tremenda crise revolucionária francesa desde o recondito das

conciências até as explosões da praça pública; êle rememora as amplitudes concedidas ou recusadas ao direito de propriedade e recorda-nos os pareceres a propósitos, seja o «rígido» Camus, seja o «romântico» Saint-Just, seja o «incomparável» Mirabeau. Seguidamente as suas preocupações convergem para a teoria do socialismo, afirmadas e expostas nas grandes construções doutrinárias, características do século XIX, quer «as estupendas utopias de Saint-Simon e dos seus extraordinários discípulos», quer «as alienações de Proudhon», quer «as tentativas bizarras de Fourier», quer, enfim, o sossôbro completo da política de Luis Blanc. Em resumo, assistimos ao desenrolar duma evolução teórica cujo têmo final é Karl Marx, pois foi, realmente, com êste inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico — remata o dr. Euclides da Cunha — começou a usar uma linguagem, firme, compreensível, positiva».

E' pensador dêsse vulto que nos ocorre realmente, quando tantos pigmeus aí vivem, deblateram e pontificam. E quando ainda agora se ouve falar no fato greve, como abrogação do direito e quando se procuram definições especiosas para uma classificação «aladiable» do direito de greve, não há como não ir buscar um escritor de outros dias, para tirar-lhe da obra eternamente moderna, que «sobrepuja a continuidade histórica, impondo-se às civilizações», palavras eloquentes, vivas e de precisão rigorosa, que parecem ditas hoje mas que foram escritas no começo dêste século. Essas palavras lá estão, como um versículo de bíblia, no «Um velho problema», concluindo o pensamento de Euclides, quando êle fala na arregimentação política e econômica dos trabalhadores:

«Porque a revolução não é um meio, - um fim; embora, às vezes, lhe seja mistér um meio, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruínosa de outrora. As festas de 1.º de Maio são, quanto a êste último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços...»